

3^a Pessoa

Um conto erótico de
Areia da Praia

3^a Pessoa



Um conto erótico de
Areia da Praia

Todos os direitos reservados

Areia da Praia ©2021

**3^a
Pessoa**

Areia da Praia

Para

Tatiana

Agradecimentos

A Tatiana, Valéria, Renata e Auseni

Capítulos

[I Sacrifício](#)

[II Pudores e Tabus](#)

[III Cisma](#)

[IV Distância](#)

[V Normalidade](#)

[VI Sabor do primeiro prazer](#)

[VII Separação e confronto](#)

[VIII Amor é pele também](#)

[IX Saudade](#)

[X Festas](#)

I

Sacrifício

D a janela do carona, Marisa assistia ao pontilhado de luzes correndo no fundo escuro da cidade. Na esperança de tentar distrair a ansiedade, lia todo e qualquer luminoso, sem conseguir, no entanto, registrar o valor das palavras. Ao seu lado, o marido dirigia cantando, acompanhando o repertório de samba antigo que ele colocara para tocar.

Ela olhou para o relógio do celular mais uma vez, só por olhar, sabia vagamente que passava das vinte e três horas.

Ficava mais nervosa, conforme se aproximavam do lugar de destino. Não tinha mais pensamento para repisar, o cérebro parecia oco e estreito.

Por que mesmo tinha concordado com aquilo? Cansara-se de repetir a mesma resposta?

— Eu não quero, Raul! Já falamos sobre isso mil vezes, e não, eu não quero! Não pode ser tão difícil assim pra você entender o quanto essa ideia me deixa desconfortável.

Ele a fitou com aquela carinha de cão pidão.

— Eu só peço que faça esse sacrifício por mim, meu amor. Não um sacrifício de ir até o fim, mas de tentar.

— Raul...

— Eu prometo, podemos parar a hora que você quiser — segurou o rosto dela entre as mãos.
— Por favor, meu amor, é só uma tentativa.

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— Tá bom.

Ele sorriu.

— Tá bom?!

— Uhum. Mas será só uma tentativa — levantou o dedo indicador para mostrar o número de vezes.

Ele abraçou a esposa.

— Obrigado, Misa! Eu te amo, meu amor, eu te amo! — exclamava, enchendo-a de beijos.

E agora ela estava naquela situação, esperando chegarem ao local, a ansiedade consumindo suas entranhas. Abriu o celular e voltou a olhar o Facebook pela centésima vez, fechando-o em seguida, não conseguia concentrar-se em coisa alguma.

— Tá tudo bem? Já estamos chegando — a voz grave de Raul provocou-lhe um sobressalto,

como se saída do nada.

Ele sorria, estava bonito com a camisa que ela lhe dera no Natal, os cabelos negros e grossos penteados de lado, o rosto moreno recém-barbeado, gostava do perfume dele e da loção pós-barba, aquele cheiro de homem, no homem que ela amava.

Ele não esperou pela resposta, talvez entendesse aquele silêncio como um sim ou, quem sabe, fazia parte de seu plano não deixar que pensasse muito, e passou a discorrer sobre o lugar para o qual estavam indo.

— Encontrei na internet, mas é muito bem-conceituado...

Ela desviou o olhar para a janela novamente, não estava interessada em escutar tudo aquilo de novo.

Raul devia ter notado que ela retorcia as mãos.

— Não se preocupe, meu amor, vai dar tudo certo.

Marisa assentiu com a cabeça, sem se voltar para ele.

Podia perceber a ansiedade do marido, tão oposta à sua, estava exaltado, feliz, tinha cantarolado um daqueles sambas antigos, desde que chegara do trabalho, ela pôde ouvi-lo cantar abertamente no chuveiro.

Depois do banho, ele servira uma bebida, e ela quis outra e mais outra.

Pronto, já começava a se sentir afetada pelo álcool, como pretendia. Mas não, desejava mesmo era ter um coma alcoólico que os impedisse de sair de casa, não queria participar daquilo, só aceitara para agradá-lo.

— Chegamos, é aqui! — ele exclamou eufórico.

Fitou-o, ele estava feliz, era o que lhe importava, não era? Fazer seu homem feliz?

Aqueles minutos entre descer do carro e adentrar o recinto pareceram infinitos. E se o coração lhe saltasse da boca?

Arrependeu-se de ter ido, seria melhor não participar do processo de seleção, que ele escolhesse sozinho, por mais que o amasse não era o tipo leoa, não se via caçando para matar a fome do seu macho.

Mas ele insistira naquilo, talvez temendo que ela recuasse ou desaprovasse sua escolha. Não! Sabia que não, conhecia e amava o marido, percebia-se amada e respeitada por ele, não tinha porquê de tanta desconfiança.

Porém, arrependia-se de vez agora, era melhor parar com tudo, dizer-lhe que não queria prosseguir com aquele sacrifício e insistir para que voltassem dali.

Em vez disso, contudo, apenas o seguiu mundo estranho adentro.

A primeira impressão não abrigava o que ela imaginara. Os celulares foram recolhidos à porta. O salão amplo parecia uma balada comum, pessoas descontraídas, muitos casais, alguns homens e mulheres avulsos conversando civilizadamente.

Sentiu-se ainda mais apreensiva, julgou-se observada, devia estar estampada a sua inexperiência de peixe fora d'água, ao contrário do marido, que parecia em seu natural habitat.

Só no segundo copo de cerveja fora capaz de pensar que ninguém a olhava de modo estranho, eram apenas um casal comum em uma casa noturna. Ponderou também que ninguém ali agia

diferente, casais namorando, paqueras rolando, podia relaxar e falar com o marido, que discorria em um monólogo sobre... ela nem sabia sobre o quê.

— Vamos conhecer?

— O quê?

— Os outros ambientes — ele disse em tom de obviedade.

— Agora?

— É.

— Tá...

Marisa não conseguiu explorar todos os ambientes, a visão de mulheres nuas pelos corredores e das pessoas fazendo sexo, a dois, a três, a mais, sob o olhar de quem quisesse ver, era demais para seus valores de educação rígida. O que diria sua mãe, se a sonhasse naquele lugar?

Vamos embora, Raul...

No entanto, não ousava traduzir o pensamento em voz alta, o espetáculo do sexo dos outros a fascinava, como jamais pensara, justo ela, para quem a simples nudez alheia era incômoda, às vezes, cenas de novela das oito já a constrangiam, a depender de quem estivesse presente na sala.

Sentiu-se excitada, apesar de tudo, porém as sensações brigavam dentro dela, queria relaxar, afinal era só sexo, mas as portas de vidro lembravam a vitrine de um açougue. Certamente ela e o marido fariam sucesso em uma daquelas vitrines, gostava de fazer sexo diante de espelhos, gostava do contraste da sua pele alva contra a pele morena de Raul, o corpanzil dele, de 1,80 m contra o seu 1,64 m, os cabelos negros dele e os seus fios cor de mel, as mãos enormes envolvendo seu corpo magro. O encaixe perfeito que conseguiam, apesar das diferenças e até em razão delas, o membro dele adentrando-a, o ritmo dos corpos, os gemidos, o gozo...

Perguntou-se o que sentiam aquelas mulheres na reciprocidade de toques com outras mulheres, obviamente prazer. Poderia ela também sentir prazer com outra mulher? Gozar com ela do mesmo jeito que gozava com o marido? Jamais pensara naquilo, até Raul iniciar com o assunto daquela fantasia. Foi só muito depois disso, com a insistência dele, que a ideia começou a se formar em sua cabeça. Aos poucos, a curiosidade foi permeando seus pensamentos, a possibilidade passou a subverter a rigidez do impossível, até que ela admitiu para si que, quem sabe, pudesse acontecer...

Raul beijou-a, ele estava excitado, mas ela terminou logo o beijo e quis sair dali.

Voltaram ao salão e pegaram outra mesa e outra bebida.

— Qual o problema, meu amor? Quer desistir?

— Nenhum. E não.

— Diz a verdade, Misa, não é excitante?

Por um momento desejara enganar-se, talvez estivesse em uma casa comum, mas o que acabara de ver terminaria com a falsa ilusão.

— É — confessou e ele sorriu triunfante. — Mas Raul... quando formos pra uma cabine, quero daquela sem vidro.

Ele soltou uma risadinha.

— Tá legal.

Ela notou o olhar de um homem sobre eles. Era bonito o filho da mãe, musculoso, com cara de astro de Hollywood, aproximou-se da mesa e os cumprimentou educadamente, trocou duas palavras com Raul.

— Posso oferecer uma bebida? — perguntou indicando uma cadeira.

— Desculpe, cara, nosso interesse é outro — Raul o dispensou.

— Tudo bem — piscou para eles e saiu.

— O que foi isso?! — ela perguntou em pânico. — Ele queria...?

— Relaxa, meu amor, não vamos fazer nada que a gente não queira. Viu algo interessante?

— Algo?

— Alguém.

— Alguém?!
Não reconhecia o marido, era a sério tudo aquilo? Estavam mesmo em uma vitrine de carne?

— Olha naquela mesa à sua direita. Ela não para de olhar pra gente.

Ela olhou, ele tinha razão, o pânico aumentou, a mulher os paquerava mesmo. Entornou o resto da bebida de uma só vez.

“Vamos embora”, era tudo que precisava dizer ao marido, “vamos embora”. Era o que desejava, ir embora.

Dessa vez foi um casal que parou à mesa deles, Raul também os dispensou. Ela nem sequer os cumprimentou.

— Pena estar acompanhada, ela serviria, é bem gostosa — Raul sorria, alheio ao descompasso dos batimentos cardíacos dela.

Se estavam em um açougue, Raul escolhia a carne que queria comer, uma carne para dois.

— O que acha? Pode ser ela? Bem gata, né?

— Quem?

— A loira da mesa à direita — ele sorriu em direção da loira, que sorriu de volta.

Raul deve ter entendido o silêncio da esposa como um sim.

— Vou lá.

— Raul! Não!

— Por quê? Não te agradou?

— Não é isso.

— O que é então?

— Acho que eu preciso de um tempo...

— Meu amor, vamos apenas conversar com ela, conhecê-la, nada mais.

— Eu sei, mas...

— Eu já te disse, não vamos fazer nada que você não queira.

Ela assentiu. Ele sorriu e se levantou, indo em direção à loira.

Nada que eu não queira... Eu nunca quis estar aqui, Raul.

Ela observou o diálogo entre o marido e a loira, como se assistisse a um filme, pareceu-lhe que passava uma eternidade, ele estava simpático, jogando todo seu charme, e Marisa não sabia se gostava daquilo. Raul falou algo olhando na direção dela, e os dois lhe sorriram. Então, a loira levantou-se, acompanhando-o. Marisa teve um ímpeto de sair dali correndo. Mas não correu, esperou, e os passos deles pareciam em câmera lenta, como se o tempo estivesse suspenso dentro daqueles poucos segundos.

Raul apresentou as duas, ela não gostou do nome da mulher, que se sentou com eles e conversou normalmente com o marido, Marisa mal conseguia sorrir e assentir.

Elas aceitaram outra bebida, e Raul foi buscar.

— Tudo bem, a primeira vez sempre deixa a gente nervosa — disse a loira com a mão no joelho dela.

Marisa congelou.

— Uhum...

— Eu acho lindo querer presentear a pessoa que ama. Não é todo mundo que topa realizar as fantasias do outro, mas eu considero uma grande prova de amor.

Quando Raul voltaria?

A loira disse outras coisas que ela já não pôde registrar, e quando o marido retornou, com uma garrafa e encheu os copos, ela bebeu a cerveja mais depressa do que o costume. Precisava daquela bebida, desceu como um bálsamo.

Continuaram a beber e conversar, ela foi ficando mais à vontade e também participou da conversa que ia se tornando mais íntima, mais ousada, cheia de olhares sedutores e de promessas.

Não soube bem como, mas veio o momento em que se dirigiram os três para a cabine. Um lugar pequeno com um sofá, pouca luz e uma pia a um canto anexo. *O canto da higienização... uhum... eles são organizados...* pensou Marisa, como em um subterfúgio da realidade.

Mas não teve mais que esse ínfimo espaço de tempo para a fuga. Raul beijou-a, ela correspondeu, trazida de volta ao mudo real e ao que nele ocorria. Marisa sentiu outro corpo em suas costas e não o rejeitou, era um corpo macio, as mãos eram suaves e subiram por seus braços, sentiu a delicadeza dos lábios em suas costas, onde o vestido deixava a pele nua, a loira foi subindo por seu pescoço. Quis virar-se, mas Raul a deteve em outro beijo. Sentiu a dureza do marido contra si e se percebeu excitada dentro daquele sanduíche, era esfregada na frente por ele e às costas pela loira. As delicadas mãos femininas confundiam-se com as mãos grandes do marido. Um lampejo passou por sua cabeça, não sabia se aquilo era certo, se estava gostando daquilo. Não houve tempo para prolongar o raciocínio, teve o corpo puxado para trás e sentiu mãos apertando seus mamilos. A boca da outra mulher escorregou de seu pescoço e encontrou os lábios de Raul, eles se beijaram sobre seu ombro, a loira segurava-lhe os seios, Raul amassava sua bunda. Ela gostou de ver como eles se comiam. A loira virou-a para si e a beijou, Marisa paralisou de repente.

— Não... — desviou o rosto. — Não...

— Misa... tá tudo bem — o marido sussurrou.

— Não posso... afastou-se deles e saiu.

Raul olhou para a loira, desalentado.

— Desculpe...

— Tudo bem — ela disse calmamente. — Acontece.

Ele hesitou, mas finalmente voltou a se desculpar e retornou à mesa, onde a reencontrou.

— O que houve?

— Me desculpe.

— Achei que estivéssemos indo bem.

— Me desculpe, Raul, mas acho que eu... não consigo — disse retorcendo as mãos.

Houve um silêncio. Raul pareceu que diria algo, mas desistiu. Ele estava contrariado, decepcionado. Ela queria poder explicar-se, mas não sabia como.

Ele suspirou após alguns minutos.

— Vamos embora, Misa.

— Não! — respondeu veemente.

— Por que não?

— Talvez... não devêssemos desistir de primeira.

— Tá tudo bem, meu amor, não precisa, eu nunca devia ter te forçado a algo que você nunca quis.

— Mas eu quero fazer isso, agora. Me deixe tentar de novo.

Ele olhou para a mesa em que a loira estivera antes.

— Ela não está mais lá. Não sei onde está.

— Não com ela.

— Não gostou dela? Foi algo que ela fez? Tudo bem, podemos ver outra.

Estavam de volta ao açougue.

— Não precisamos ter tanta pressa.

— Como assim? Foi muito rápido? Eu achei que tínhamos esperado aparecer a pessoa certa.

— Raul, só me deixa participar e opinar dessa vez, ok?

— Como assim? Eu não escolhi sozinho, eu te perguntei.

— Eu sei, mas eu estava muito nervosa, nem respondi.

— Nem respondeu? Mas eu achei que... — suspirou. — Tá, vou deixar que “participe” dessa vez.

— Não precisa ficar bravo.

— Não tô bravo. Só que você podia ter dito o que tava pensando, que não concordava...

Entraram em breve silêncio.

— Vou pegar uma bebida — ele disse por fim. — Você quer?

— Quero. Vou ao banheiro. Volto já.

— Tá bom.

Ela o puxou e deram um selinho.

— Te amo.

— Eu também te amo, Misa.

Assim que entrou no banheiro, ela sentiu um esbarrão.

— Desculpe-me — disse uma mulher negra que passava um guardanapo no decote de um vestido vermelho e se virara sem notá-la, provocando o esbarrão.

— Me desculpe — ela também pediu.

— A culpa foi minha. Tô aqui tentando disfarçar essa mancha, um idiota virou o copo em mim, por sorte já quase vazio, mas... — apontou para a mancha.

Marisa sorriu simpática, reparando no leve rouco da voz.

— Quase nem se nota... Pera aí. Posso?

— Por favor.

Marisa pegou um pedacinho de papel toalha, retirou um brinco e arrancou uma das hastes que pendiam formando um lindo efeito.

— Mas... — a outra quis protestar.

— Dá licença, acho que se dobrar assim...

Dobrou para dentro a pequena parte molhada do decote, com o pedaço de papel servindo de forro, e prendeu com a haste do brinco. Não pôde evitar roçar o colo e o início do seio, onde principiava o decote. Lembrou-se das mulheres amando-se nas cabines com porta de vidro.

— Prontinho — levantou o olhar para o rosto da mulher mais alta e encontrou os olhos negros bem maquiados fixos nela, os cílios prolongados em um fascinante arremate de sua beleza.

— Nossa, obrigada. Você é habilidosa.

— É, ficou um pouquinho maior seu decote, mas...

— Não, tá ótimo, mas você estragou seu brinco...

— Tudo bem, é biju.

— Mas é lindo.

— Uhum. Obrigada. Acho que também ninguém lá dentro vai reclamar de ver um pouquinho mais do seu colo.

A mulher fitou-a agora de um jeito que a deixou sem graça.

— É... bem bonito o seu... bronzado...

— Obrigada.

Havia algo desconcertante no olhar da outra, mas ao mesmo tempo, era algo que prendia, algo que Marisa não sabia o que era.

Os cabelos crespos presos em um penteado afro, a mulher trazia um bronzado que destacava a marca das alças do biquíni. Os olhos escuros penetravam na alma.

— Meu nome é Paula — estendeu a mão.

— Prazer. Marisa.

— O prazer é todo meu, Marisa.

Ela pensou que não eram só a voz, o olhar e o colo, o toque da mão também era agradável.

Entraram duas mulheres falando e rindo alto.

— Dá licença... — puxou a mão que a outra parecia não intencionar largar. — Eu vou... — apontou para um compartimento atrás de si.

— Claro.

As outras duas mulheres retocaram o batom e saíram.

Dentro do compartimento, Marisa ouviu o silêncio e se perguntou se Paula ainda estaria ali ou se teria saído também.

Mas ela estava lá e sorriram uma para a outra. Sentiu-se observada ao lavar as mãos e retocar o batom e encontrou os olhos de Paula no espelho.

— Nunca vi você aqui antes.

— Eu nunca tinha vindo antes — pensou por um momento. — É frequentadora assídua?

— Às vezes. Também tenho meus períodos sabáticos.

Virou-se para Paula, encostando-se à pia.

— Mas... você veio acompanhada?

— Não. E você?

— Vim com meu marido. Mas... qual é a sua?

— Casais, mulheres...

— Casais... homem e mulher?

— Ou de meninas. E vocês?

— Nós...

Entrou uma mulher no banheiro e em seguida mais três.

— Vamos falar lá fora? — Paula propôs.

— Uhum. Acho melhor.

Pararam do lado de fora.

— Foi... ideia dele. Ele quer experimentar algo diferente. Uma... terceira pessoa. Uma mulher, para ser mais específica.

— E você?

— Eu... quis dar esse presente pra ele.

— Mas?

— Não há “mas”.

— Não? — Paula estreitou os olhos.

Marisa sorriu.

— Tá. Tem um “mas”. Eu nunca nem cogitei a ideia de estar com outra mulher. E a primeira experiência foi... um desastre.

— Primeira experiência? Hoje? Aqui?

— Uhum. Uma mulher linda, de quem Raul gostou, fomos para uma cabine, mas... Estava tudo bem, até ela meter a língua na minha boca — riu nervosa e mexeu nos cabelos.

Paula sorriu e assentiu com a cabeça.

— Você deve me achar uma tonta. Deve estar se perguntando: se eu não gosto, o que estou fazendo aqui?

— Não. Eu não acho que seja uma tonta. Minha pergunta é: Por que foi com uma mulher que “Raul gostou” e não que vocês dois gostaram?

— Eu... Eu não sei, eu... a culpa não foi dele, eu fiquei tão apavorada que não fui capaz de opinar, apenas deixei ele pensar que eu tinha gostado também.

— Entendi. Você precisa relaxar, Marisa, se quiser mesmo fazer isso.

— Eu não sei se quero.

— Então precisa relaxar para descobrir se quer mesmo fazer isso.

— Uhum, acho que sim... Você... sempre gostou de mulheres?

— Desde menina.

— E...

— Pode perguntar o que quiser saber.

— Por que julga que gosta de mulheres? Quero dizer... o que você vê nelas? Eu sempre achei que não poderia achar graça em alguém que tem as mesmas coisas que eu, sabe...?

— Mulheres são sensíveis, possuem alma delicada — sorriu. — Sem falar no corpo... Eu amo a pele feminina, a forma feminina, as curvas, a maciez... os lábios... O toque de uma mulher é incomparável. O colo, os seios, eu amo tocar os seios de uma mulher e tomá-los na boca... Nada é igual ao corpo feminino.

A cada palavra dita, o olhar de Paula intensificava-se, a voz ficava mais rouca. Marisa sentia como se fosse tocada por ela, sua voz e seus olhos pareciam lhe acariciar o corpo.

— Entende?

— Uhum... Acho que... sim... Não, mas sim.

Riram.

Depois ficaram em silêncio, apenas se fitando.

— Você gostaria de... conhecer meu marido?

— Claro que sim.

— E... se ele gostar de você, e você dele, nós poderíamos?...

— Poderíamos, mas com uma condição.

— Qual?

— Que dessa vez você também goste — aproximou-se dela. — Eu gostei de você Marisa. E você? Gostou de mim?

Podia sentir o hálito dela e a própria respiração alterada, quase sufocando.

— Gos... tei...

Paula sorriu.

De volta à mesa, Marisa foi questionada pelo marido.

— Onde esteve? Eu tava quase indo atrás de você.

— Eu te disse, no banheiro.

— Todo esse tempo?

— Encontrei alguém e fiquei conversando.

— No banheiro? Espera... Encontrou uma conhecida aqui?! Não me diga que é alguém da igreja!

— Não era ninguém conhecida. É uma mulher que estava com um probleminha no decote, e eu ajudei.

— Ah tá. E aí?

— Ela está sozinha e gosta de casais. Quero ver o que acha.

— Conheceu uma garota no banheiro? Não acredito! Cadê ela? É gata?

— Uhum. Bem gata. Ali no bar. De vermelho.

Paula acenou para eles.

— Nossa, meu amor, você caprichou!

Ela sorriu satisfeita e fez um gesto chamando-a.

A conversa fluiu fácil entre os três. Raul não cansou de repetir como Paula era bonita. Aquilo deveria encher a esposa de ciúme, mas não aconteceu assim.

— O que você bebe, Paula? — Raul perguntou.

— Normalmente vinho, mas em balada, algo mais forte. Um uísque pode ser.

— Coincidência, nós também gostamos de vinho. Né, meu amor?

— É.

Pareciam três pessoas que se conheciam casualmente em um cruzeiro. Mas logo a conversa caminhou para a terra firme, não tão firme assim.

— Vocês então nunca tiveram essa experiência.

— Não, mas eu sempre quis.

— Você é um homem de sorte, Raul, tem uma mulher linda que se dispõe a realizar suas fantasias.

— Eu sei — ele beijou a mão da esposa.

— Eu penso que vocês vão virar frequentadores assíduos.

— É capaz — disse Raul.

— Isso depende.

— Do quê? — Paula perguntou, fitando os olhos de Marisa.

— Do quanto vamos gostar daqui.

A mulher negra sorriu.

— Se depender de mim, eu creio que vocês vão amar.

— Ótimo — Raul estava animado, empertigou-se na cadeira e terminou a bebida de seu copo.

— Por que então não testamos isso?

— Excelente ideia. Estou à sua disposição para... apresentá-los à casa.

A voz dela mudara, o olhar também, as mãos pousaram nas pernas de Marisa e de Raul.

O toque delicado abriu um caminho de corrente elétrica desde o lugar tocado até a nuca de Marisa, que soube o porquê de não sentir ciúme, nem mesmo da mão dela na perna do marido, Paula ia distribuir-se igual aos dois. Parecia tudo irreal, apesar de estar finalmente acontecendo.

Da mesa para a cabine...

Quando entraram, Marisa tremia ligeiramente e retorcia as mãos.

— Calma — a voz levemente rouca soou-lhe muito perto do ouvido.

O perfume, a maciez da pele, o hálito delicioso. A sensação foi gostosa, excitante, algo dentro dela desejou abraçar a mulher para prolongar tal sensação, e o fez, sentindo-se acalmar, de fato.

Paula retribuiu o abraço e fitou Raul, que sorriu e abraçou a esposa por trás.

As mãos dele em sua cintura, a boca deslizou suavemente por seus ombros. Marisa tocou sua face, gostando do que ele fazia. Ele continuou, os olhos fixos no rosto de Paula, que segurou o rosto de Marisa com as duas mãos, os dedos descenderam delicadamente pelo pescoço dela e pelos braços, encontrando-se com as mãos de Raul. Ele ampliou o abraço, incluindo-a, ela também o abraçou. Marisa estava em novo sanduíche, mas ao contrário do que acontecera antes com a loira, agora sua ansiedade era por curiosidade, por vontade mesmo de provar o beijo de Paula e saber como seria aquele momento entre elas e Raul, sentia não só a excitação do marido às suas costas, como também a sua própria.

Paula beijou-a no rosto e seguiu beijando de um lado a outro, passando pelo queixo. Beijou-a perto da boca e roçou os lábios nos lábios dela. Marisa arfava, Raul beijava sua nuca, ela se sentia arrepiar.

Talvez fosse o efeito da bebida, ou a ansiedade de fazer o marido feliz, talvez fosse o local próprio para aquilo ou, quem sabe, apenas a sensualidade de Paula... Ela quis sentir os lábios carnudos daquela mulher, tinha vontade daquela boca e se ofereceu para ela. Uma força irresistível atraía as duas, uma para a outra. Um beijo suave, os lábios de Paula eram macios, a língua mexia-se em sua boca, a excitação crescia.

As mãos de Raul passeavam nos corpos das duas, o beijo delas intensificou-se, Marisa tinha a língua habilmente chupada.

Que beijo gostoso, que lábios macios...

Paula fitou-a, e começou a deslizar as mãos por seu colo, indo vestido adentro, chegando aos seios, tocando-os suavemente. Marisa lembrou-se das palavras dela, “eu amo tocar os seios de uma mulher e tomá-los na boca...”.

Raul segurou a nuca de Paula e eles se beijaram, enquanto ela desenhava círculos suaves nos seios da esposa dele.

Marisa soltou um gemido agudo, a carícia daqueles dedos delicados suscitava um prazer que beirava aflição, sentia-se molhada, a ereção do marido pressionava-a, o peito forte dele causava um maravilhoso contraste com a delicadeza e maciez do corpo de Paula.

Os três corpos moviam-se, esfregando-se, em um ritmo crescente.

— Vocês são lindas — sussurrou ele, a voz mais grave que o normal. — Gostosas...

Ele colocou a mão por dentro do vestido vermelho de Paula, alcançando-lhe os seios. Ela gemeu, sorriu, afastou-se dois passos, abriu o vestido e principiou a retirá-lo sem pressa.

Raul e Marisa prenderam a respiração, ele passou a massagear os seios da esposa. O despir de Paula era um espetáculo sensual e instigante, ela era linda, os seios perfeitos, as curvas, o quadril largo, as pernas bem delineadas. Ela abaixou a lingerie mínima ainda mais devagar e revelou uma virilha lisinha.

Marisa nunca poderia supor-se fascinada por um corpo feminino daquela forma. Sentia-se atraída por aquela mulher, queria tocá-la, a ponto de temer tal atração.

— Linda... — disse Raul.

Ela se reaproximou deles.

— Também quero ver vocês.

Raul sorriu.

— Claro — e passou a se despir.

Marisa continuava parada olhando o corpo da outra mulher.

Paula desviou os olhos para apreciar o marido dela. Raul era um homem bonito, másculo, avantajado. Sorriu para ele, mordendo os lábios, pensando em como seria colocá-lo na boca.

Ela e Raul, porém, notaram a paralisia de Marisa e se concentraram nela. Ele voltou a tocá-la, abraçando-a, ela gemeu sentindo o membro dele, agora livre, esfregando-se em seu corpo.

Ele reiniciou o beijo no pescoço dela. Hesitante, ela estendeu a mão para tocar o corpo de Paula, que a guiou até seu colo.

— Ahhh... — sentiu extremo prazer ao sentir a pele suave.

Paula guiou as mãos dela para os seios. Ela os tocou quase em reverência, acariciando-os com suavidade. Sorriu e logo puxou as mãos.

Raul pôs a mão no zíper do vestido dela, esperando, como a pedir permissão.

— Abre — ela sussurrou, fitando os olhos de Paula.

Ele a despiu sob o olhar fascinado e faminto da outra.

Paula literalmente comeu o corpo de Marisa com os olhos, de cima a baixo, detendo-se por último nos seios. Acariciou-os em movimentos circulares, arrancando gemidos seguidos, amassou-os, deteve os mamilos entre os dedos.

“eu amo tocar os seios de uma mulher e tomá-los na boca...” Paula colocou a boca, rodeou as auréolas com a língua, um a um, lambeu os mamilos, chupou-os, Marisa pensou que enlouqueceria.

Raul também sentia o corpo ensandecer, colocou a mão entre as pernas da esposa, sentindo toda a umidade dela, acariciou a vulva com os dedos.

Marisa entreabriu as pernas sentindo-as mole e, quando pensou que não mais suportaria, ele virou o rosto dela para si e a beijou com voracidade.

Ainda com um seio da esposa na boca, Paula passou a acariciar o pênis do marido. Ele gemeu na boca da esposa, Paula sabia como fazer aquilo.

Por fim, eles mudaram de posição, Marisa sentou-se no encosto do sofá, os pés no assento, as pernas abertas para o marido. Raul a penetrou, socando forte dentro dela. Paula os acariciava e se tocava, deliciando-se com o que eles faziam.

Marisa gozou, gemendo alto, em seguida, ele gozou dentro dela.

Paula continuou a se masturbar, enquanto eles recuperavam o fôlego.

— Vocês são lindos juntos — disse com a mão entre as pernas. — Agora é a minha vez? — sorriu safada e pegou o membro dele, massageando.

Logo ele ficou duro e ela se colocou de quatro, no chão, apoiada no sofá. Raul não se fez de rogado.

— Vou dar o que você quer — penetrou-a, deliciando-se, ela era bem aberta.

— Ahhh que delícia... — ela gemia.

Marisa assistia ao marido possuir a outra mulher, a excitação voltando. Era a cena mais sexy que já presenciara na vida.

— Assim, assim, assiiimmm... — gritava Paula.

Que mulher linda... como fica maravilhosa na hora do sexo...

Aquela mulher linda gozou olhando para ela.

Quando acabou, Raul beijou as costas de Paula e se sentou no sofá, cansado, satisfeito, feliz, tinha transado com a esposa e com aquela mulher quase desconhecida. Ainda teria mais, a noite deles só começava, mas para Marisa o momento seguinte seria especialmente memorável.

— Vem cá — Paula chamou, sentando-se no chão, à frente do sofá.

Marisa obedeceu e se juntou a ela.

— O momento das meninas — Raul disse, com um olhar safado.

Paula beijou-a de forma suave, mas o beijo logo ficou mais ardente. Ela deitou Marisa no chão.

— Eu quero você — sussurrou.

Marisa estava pronta para ela, embora ainda apreensiva com o inédito da situação.

— Vem — disse.

Beijaram-se novamente.

Paula estendeu o beijo para o rosto, o queixo, o pescoço, Marisa gemia, acariciando as costas e os braços dela. Seguiu beijando o colo, desceu para os seios, Marisa gemeu mais alto. Desceu para a barriga e continuou. Marisa estremeceu, Paula fitou-a, tocou delicadamente a virilha dela com as pontas dos dedos. Abriu as pernas dela devagar e se pôs de joelhos entre elas.

— Você é linda, Marisa.

Aproximou a boca, Marisa prendeu a respiração e sentiu o beijo em sua intimidade.

— Ahhhh, Deeeus...

A língua de Paula trabalhava habilmente em sua vulva, provocando sensações indescritíveis.

Raul assistia extasiado, pensando que Paula também chupava o gozo que ele derramara na esposa.

Marisa abraçou a cabeça dela.

— Aaaaaiiii... que issoooo...?

Marisa mexia-se freneticamente sob sua língua, Paula ia junto, deliciando-se com o gosto dela

e lhe agarrou um seio, amassando-o, enquanto a chupava.

O ritmo delas aumentava, tornando-se frenético.

Marisa enlouquecia. Então era assim que uma mulher podia fazê-la sentir.

— Pau... la... Não quero... a... inda...

Levantou o quadril momento antes da hora H e apertou a cabeça de Paula contra si.

Gritou o nome dela quando explodiu em gozo em sua boca.

— Paaau... laaaa...

Seu corpo estremeceu ainda por alguns momentos, Paula sorria satisfeita com o prazer que lhe dera.

Marisa sentiu-se sugada, Paula bebia o resultado do prazer dela.

Depois se esticou ao seu lado.

— Você goza gostoso — disse em seu ouvido, fazendo um carinho em seu rosto.

— E você chupa gostoso. Linguinha poderosa a sua.

Paula riu baixinho e elas se abraçaram.

— Olha só o que vocês fizeram? — Raul chamou-as, mostrando a ereção.

Ele ainda estava sentado no sofá.

— Uau! — Paula exclamou com um sorrisinho safado.

— Nós? — perguntou Marisa também rindo do mesmo jeito.

— Vocês! Agora acho que terão que dar um jeito nisso.

Elas se olharam sorrindo.

— Tem razão — disse Paula.

— Faremos esse sacrifício — afirmou Marisa.

E ambas foram para cima dele.

Naquela primeira noite, nenhum dos três poderia supor o que viria depois.

Marisa e Raul estavam tão satisfeitos e felizes que já marcaram uma segunda noite com Paula, e antes de se despedirem, os três beberam vinho para comemorar aquele encontro.

O casal fez o caminho de volta falando em Paula, não sobre as habilidades dela no sexo, mas sobre sua inteligência e bom humor, sobre seu bom papo, sua beleza e a primeira impressão que ela causava.

Já na cama, ele provocou a esposa, antes de desmaiarem de puro cansaço.

— Foi bom então? Para quem resistiu tanto...

Ela riu.

— Né?

— Obrigado, meu amor.

— Não, Raul. Eu é que digo obrigada. Nunca fiz um sacrifício tão gostoso.

Dormiram abraçados, satisfeitos. Marisa não estranhou que Paula fosse o primeiro pensamento dela ao acordar, afinal, o que eles viveram na noite anterior com ela, fora incrível.

II

Pudores e Tabus

Voltaram a se ver os três, no mesmo lugar, dessa vez preferiram um espaço maior, com hidra.

A semana demorou a passar para Marisa, até aquele novo encontro. Ela e Raul fizeram as refeições tentando falar o menos possível naquele assunto, mas quando percebiam, lá estava ela à mesa: Paula. Até mesmo na hora do amor eles se lembraram dela.

— Paula estaria aqui, no meio, mamando teu seio — disse ele enquanto metia nela, segurando suas pernas para o alto. — Já... imaginou...?

— Sim, siiimmm... — ela respondeu, já amassando os próprios seios, pensando na boca de Paula.

Em outra ocasião, ela se ajoelhou nua para ele, diante do sofá da sala.

— Vem, me come do jeito que você comeu a Paula da primeira vez.

A novidade da fantasia realizada de Raul atizou mais, entre eles, um fogo que não tinha se apagado. Após oito anos de casados, eles ainda transavam regularmente e gostavam de sexo, mas com o tempo a rotina se estabelece entre o casal, e já não há aquela urgência do início de namoro, na verdade, não há nem a necessidade daquela urgência, pelo menos era o que Marisa pensava. Talvez por isso também, antes de Paula, ela não entendesse a insistência de Raul para colocar uma terceira pessoa na relação.

— Não é na relação — ele repetira várias vezes. — Será apenas sexo.

— Que seja! Mas eu não entendo por que precisaríamos disso, se o sexo é tão bom entre a gente. Eu pelo menos não tenho do que reclamar. Você tem?

— Claro que não, meu amor... Fantasias não precisam ser por causa de insatisfação, é só uma fantasia.

— Uhum, eu sei... Mas é que... Eu não sei...

Entretanto, agora ela sabia. Sabia que esse novo elemento entre eles trazia uma pitada diferente, algo gostoso que acontece no início de uma relação, é a novidade e a curiosidade que ela suscita.

E naquele caso era algo incomum, pois ela jamais se pensara homo ou bissexual. Enfim, era tudo absolutamente novo.

Não houve um dia daquela primeira semana, em que ela não pensasse em todo o extraordinário que vivenciara e que descascara, uma por uma, as camadas de seus pudores.

Pensou muito na primeira vez que provara Paula. Lembrava com carinho daquele momento.

— Eu quero... — sussurrou fitando os olhos escuros.

Estavam sentadas lado a lado, Raul estava no cantinho da higiene. Como se tivessem vontade

própria, as mãos delas acariciavam o corpo uma da outra.

— O que você quer, Marisa?

— Te provar... saber seu gosto...

Paula sorriu e escorregou o corpo deitando a cabeça no braço do sofá, sem nada dizer.

Marisa continuou as carícias, os dedos deslizaram suaves na pele macia, os pés de unhas bem feitas com cor forte, as pernas, as coxas grossas, os quadris, a virilha... Não devia sentir-se tão nervosa, depois de tudo que já vivenciara com o marido e aquela bela mulher. Mas havia tantas novas descobertas a fazer.

O olhar lascivo de Paula, os lábios carnudos umedecidos pela língua hábil. Como não desejar aquela mulher? Como não querer tudo com ela? Só queria esperar que Raul se juntasse a elas novamente.

Os dedos experimentavam a pele lisa da virilha, Paula estremeceu. Deslizou um dedo na linha da abertura. Abriu os grandes lábios, ela estava molhada, melada de desejo. Nunca soubera da beleza e da sensualidade feminina, da forma como descobria agora. Molhou os lábios com a ponta da língua, em um gesto instintivo que Paula enxergou sensual.

Fitou mais uma vez os olhos de Paula e desceu a boca devagar. Um beijo delicado, um leve toque dos lábios, tateando o desconhecido. Paula fechou os olhos, era prazeroso aquele roçar suave em sua pele. Marisa seguiu enchendo-a de beijos. Logo, tocou a ponta da língua, era delicioso o gosto dela, o cheiro dela. Aprofundou a exploração, a língua pareceu ter vontade própria, percorrendo os grandes lábios, cada cantinho e depois se introduzindo por entre os pequenos. Paula começou a mexer os quadris, as mãos acariciando os próprios seios em movimentos circulares, movimentos e rebolado que se intensificavam conforme a língua de Misa se tornava mais ousada.

Marisa descobriu especial prazer em lhe chupar o clitóris e se introduzir em sua abertura. Paula gemia, e como era saboroso o som daqueles gemidos. Sentia-se molhada ao também dar prazer à mulher que rebojava em sua boca.

Sentiu Paula abraçar sua cabeça, teve os cabelos puxados, o rebolado aumentou, ela moveu a língua mais depressa, acompanhando-o. Os quadris ergueram-se mais para ela, e Paula gozou, gemendo alto e enchendo sua boca de prazer líquido, o corpo tremendo loucamente.

Assim como Paula chupara seu mel, ela sentiu vontade de bebê-la e seguiu sugando tudo, enquanto Paula ainda estremecia de prazer.

— Deus, Paula, você é maravilhosa...

— As duas são — ouviu a voz de Raul atrás de si e se virou.

Ele estava em pé masturbando-se. Foi só aí que ela se deu conta de que se esquecera dele.

Não fora à toa, portanto, que Marisa ansiou por aquele segundo encontro. E ele veio. Os três divertiram-se, saíram exultantes, com a certeza de que haviam feito a escolha certa. Certeza que os levou a combinarem a terceira noite, para a semana seguinte.

Após o quarto encontro, Raul e Marisa tiveram uma conversa com Paula.

— Você acha que ela topa? — Raul perguntou à esposa.

— Uhum. Acredito que sim — Marisa respondeu como se conhecesse bem a outra.

— Paula, queremos te perguntar uma coisa.

— O quê, Raul?

— O que você acha da gente se ver regularmente?

— Regularmente?

— É. A gente pensou em duas vezes por semana. Terça e quinta, por exemplo. Mas se você concordar, podemos ver outros dias que sirvam pra você — Marisa explicou.

Paula sorriu.

— Eu acho uma ideia excelente.

Marido e esposa fitaram-se aliviados.

Assim, o casal reservou duas noites da semana para Paula. Os três consideravam terem um ótimo arranjo, era bom o que viviam.

Raul gostava de Paula, não cansava de comentar com a esposa o quanto ela acertara na escolha, o quanto Paula era bonita, sensual e boa de transa. Marisa não sentia ciúme, afinal também gostava da moça, também não se cansava de repetir para ele, que Paula era sensível, inteligente, espirituosa.

Não demorou para quererem extrapolar as paredes da casa de *swing*.

— Em casa, Raul?! Na nossa casa?!

— E por que não, meu amor? Ela é de confiança. Não acha?

— Acho, mas... não sei...

— Não precisa ser sempre, uma vez na semana. Economizaremos um pouco e será mais confortável.

— É mas... eu fico pensando... pode, um dia, alguém da família topar com ela aqui, por acaso.

— Acho difícil, normalmente as pessoas ligam antes de aparecerem, mas se acontecer, dizemos que ela é sua amiga de trabalho.

Ela pensou por um momento.

— Uhum. Tá bom, então. Acredito que vai ser legal tê-la em casa. Resta saber se ela aceita o convite.

Paula aceitou.

— Claro, sem problemas, na verdade vou adorar conhecer a casa de vocês.

E foi assim que as coisas começaram a mudar.

Aquela primeira noite na casa deles foi perfeita.

— Que lindo! Adoro gatos! — Paula exclamou logo à entrada, ao ver o animal no colo de Raul. — Oi, bebê. Qual o nome desse bebê lindo?

— Max. Ele gostou de você. Você tem gato?

— Tenho dois. Billy e Selly.

Após alguma conversa sobre gatos, entre outros assuntos, e alguns copos de vinho, eles começaram a se beijar e transaram na sala. Depois passaram para o quarto. Foi intenso como na casa de *swing*.

— Mais alguém tá com fome? — Raul perguntou em certa hora.

Ambas as mulheres estavam.

Pediram uma pizza e comeram na cama.

Acordaram os três abraçados, enroscados, satisfeitos. Raul preparou o café cantarolando um samba qualquer.

— Raul sempre faz o café da manhã?

As duas ainda estavam na cama, esperando preguiçosamente.

— Durante a semana sim, ele sai antes de mim, então acorda mais cedo.

— E não espera que se levante pra fazer? Que homem moderno!

— Homem atual!

Elas riram.

Uma cumplicidade nova nascia entre elas. Naquela noite, Raul adormecera primeiro e, mesmo com sono, elas ficaram conversando.

— Oito anos... é bastante tempo — Paula comentou sobre o casamento deles.

— Uhum. É sim. E temos sido felizes, por esses oito anos. Catorze, se contarmos os anos de namoro.

— É uma vida, Marisa.

— Uhum. E você? Já foi casada?

— Estou solteira faz nove meses.

— Sério? O que houve?

— Nos distanciamos, o amor arrefeceu...

Ela parou e Marisa esperou.

— Eu pensei que fosse uma fase, mas quando vi, ela estava indo embora, tinha se apaixonado por outra.

— Sinto muito.

— Obrigada. Mas foi melhor assim. Além do mais, se ainda estivesse casada, eu não teria conhecido você e Raul — fez um carinho no rosto dela.

— Isso é verdade, acho que eu não teria aceitado ficar com duas mulheres ao mesmo tempo. Já foi difícil aceitar a ideia de uma.

— Te admiro por concordar de fazer isso por seu homem, você sabe, mas não seria só por isso que não teríamos nos conhecido. Geralmente, eu só saio assim quando estou solteira.

— Ah é? — Marisa espantou-se.

— É, sou do tipo ciumenta. Admiro quem lida de boa, eu adoro brincar com casais héteros ou de mulheres, mas eu mesma...

— Está falando sério?

— Tô sim, Marisa, eu não sei dividir, sabe...? Não que não tenha experimentado, mas... Os resultados não foram bons — sorriu. — Nas duas vezes, eu e as namoradas da época... Acabamos brigando e quase terminando por isso.

— Daí, seus períodos sabáticos que falou quando nos conhecemos.

— Exato.

— Confesso que por essa eu não esperava...

Outras noites vieram, outras manhãs, outros cafés, nem sempre preparados por Raul, Paula quis mostrar seus dotes na cozinha, o que acabou gerando um convite para ela esticar até o almoço “qualquer hora”.

— O que você acha, Raul?

— Tá... eu acho ótimo.

Raul sabia que Paula gostava de cozinhar, mas Misa sabia o quanto ela gostava, porque fora um dos muitos assuntos que elas tiveram enquanto ele dormia, em algumas noites.

Gradualmente, Paula ia fazendo parte do dia-a-dia deles. Chamavam-na para casa mais de duas vezes por semana e começaram a sair para outros lugares. Era um restaurante, uma boate, um cinema. E terminavam na cama deles. Duas ou três vezes o encontro culminou em um motel. Paula já vinha para fins-de-semana, dois familiares acabaram conhecendo-a por acaso.

Um dia, Paula propôs que fossem também para a casa dela e eles aceitaram.

— Esses são Billy e Selly — ela apresentou os gatos.

— São lindos, né amor?

— Uhum. São mesmo. Já conhecemos vocês, sua mãe fala muito de vocês.

— Falo, são meus bebês. Venham conhecer a casa.

Terminaram na cozinha.

— Nossa, amei seu apê, Paulinha! Lindo, não é, Raul? Você decorou sozinha?

Raul também gostou, mas não sabia de detalhes decorativos e foi à sala dar uma espiada no futebol. Não era o seu time que jogava, mas se tratava de uma partida importante no campeonato.

— Você não vem? — Paula chamou na porta do corredor, de repente.

Ele viu as duas de mãos dadas e sentiu tesão.

— Já, já.

— É sério? — Marisa perguntou.

— É, só vou ver os pênaltis, podem começar sem mim, que eu já vou.

As duas se fitaram, levantaram os ombros e se dirigiram ao quarto. Pararam antes, no meio do corredor. Misa encostou Paula na parede e abriu o zíper da calça dela. Fitou-a. Paula olhava-a com tesão.

Marisa desceu a calça e a calcinha. Paula tirou um pé para ter as pernas livres e se abriu para ela.

Misa subiu beijando-a desde o meio das pernas. Lambeu as coxas, Paula respirava depressa. Misa passou a mão entre as pernas dela.

— Que delícia, hein... ensopada, prontinha pra mim.

Paula mexia-se, antecipando o prazer da língua dela em seu sexo. Misa encostou a boca e ouviu um gemido. Desprendia-se da outra, um cheiro gostoso de mulher, um cheiro que ela aprendera a apreciar e querer. Começou a chupá-la com sofreguidão, era delicioso aquele gosto feminino.

Gemendo e rebolando, Paula agarrou os cabelos cor de mel, querendo aproveitar ao máximo aquela língua, amava ser chupada.

Na sala, Raul ouviu os gemidos e abriu o zíper, trazendo o pau para fora das calças e começou a se punhetar.

Paula aumentou o ritmo, obrigando Misa a fazer o mesmo.

— Coloca... — pediu.

Marisa enfiou três dedos nela e mexia forte. Seguiu sugando-lhe o clitóris, amava a sensação daquele botão intumescido em sua boca.

Paula movia-se com urgência.

— Ahhh... eu vou... voooouuu...

Na sala, Raul acabou no exato momento em que um jogador fazia o último gol, encerrando a partida.

— *Goooooooooooooolllll...* — gritou o locutor na enorme tela do televisor.

Putaquepariu... Gol mesmo... — pensou ele. — *Caralho... que mulherada gostosa do cacete...*

A primeira vez que Paula quisera sentir os dedos dela, Marisa hesitou.

— Não sei... se... sei...

— Eu te ensino — e guiou os dedos dela para dentro de si.

Marisa gostou daquele ato e de todas as sensações que ele trazia. Era bom estar dentro de Paula, naquele quentinho do recanto feminino dela, e era bom ver como ela se mexia e gemia segurando-lhe o pulso, pedindo mais, mais, mais... com aquela voz rouca... e finalmente gozando na mão dela.

Mais tarde, Misa pensaria na ausência do pênis de Raul ou de algum brinquedinho para aquele prazer extremo.

Elas falaram sobre isso em uma daquelas conversas das duas, após Raul dormir.

— Na nossa primeira vez, eu não esperava que você quisesse... Quero dizer... tendo Raul ali, com aquele pau enorme, e eu sabia que você gostava de pau, assim como eu... e tem o vibrador... quer dizer, isso eu entendia, o vibrador, mas... assim, sem pau ou algum brinquedo... eu não entendia.

— São prazeres diferentes, Marisa.

— Sei disso agora. Mas... você prefere mulheres, não é?

— Meus relacionamentos sérios foram sempre com mulheres. Já me apaixonei por rapazes, dois na verdade, na adolescência. Mas mulheres são mais... sensíveis, mais delicadas e me atraem de um jeito diferente.

— Como sua ex, por exemplo? Você sofreu quando ela se foi?
— Geralmente alguém sofre, Misa. Posso te chamar assim ou é apelido de casal?
— Uhum, pode sim. É apelido de família.
— Certo, Misa.
Sorriram.

Em outra ocasião, o apelido de Marisa puxou outro assunto de família.

— Raul sabia meu apelido porque é da família, somos primos.
— Ah é?
— Uhum. De primeiro grau, nossas mães são irmãs.
— E a família não estranhou? Não teve problema?
— Nossa, você nem imagina... foi um bafafá só! Todo mundo achando um absurdo, minha mãe quase pariu o filho do capeta.

Paula riu.

— Namoramos escondidos quase sete meses, justamente porque sabíamos o que seria isso. Só uma prima nossa, minha melhor amiga sabia. Foi louco, fizeram de tudo pra nos separar, apelaram até pra religião.

— Nossa...

— É, pra você ter uma ideia do que passamos, fofocas, ameaças... Meu pai queria matá-lo, acreditava que Raul tinha me seduzido, brigou com meu tio... foi um fuzuê danado. Mal sabia ele que Raul resistiu o quanto pôde, eu é que bati o pé e insisti, a gente se amava, caramba, o que os outros tinham a ver com isso?

— Concordo.

— E o nosso amor foi mais forte, tudo isso só serviu para nos dar a certeza do que queríamos e nos fortalecer.

— Geralmente é assim. Mas... e depois?

— Tiveram que nos aceitar, reconhecer que o que sentíamos era amor. Algumas tias começaram a dizer que tínhamos o direito de ficar juntos e tal...

— História bonita. Com certeza, nasceram um pro outro.

— E você, Paula? Como foi se assumir?

— Na verdade, foi mais ou menos tranquilo. Cheguei, contei e pronto. Minha mãe é legal, cabeça boa, meu pai é que ficou meio assim no início, mas ela fez a cabeça do velho.

— Sua mãe deve ser uma pessoa incrível pra ter criado uma mulher como você.

— Ela é gente muito boa mesmo. Ela adoraria conhecer você, Misa. — elas se olharam com certo constrangimento. — Digo, vocês, você e o Raul, claro...

— Claro...

Marisa desviou o olhar e Paula recriminou-se em pensamento pelo que dissera.

Que, droga, cala a boca, Paula, isso foi horrível...

Após um curto silêncio, Misa tornou a falar.

— Mas... sua mãe sabe do seu gosto por swing?

— Não, não somos tão modernas assim... — riu. — É que ela é assim, gosta de pessoas que me fazem bem e... Você e Raul, com certeza têm me feito bem.

Nossa! — pensou Paula. — *Isso foi ainda pior.*

Marisa, porém, não viu nada de errado com aquela frase.

— Você também tem feito muito bem a nós e ao nosso casamento, Paulinha.

Sorriram uma para a outra.

— Na nossa família a coisa é assim, meio hipócrita, tem uns enrustidos, uma prima e dois primos que eu e minha prima desconfiamos. Ah, e um primo assumido, que mora longe para não envergonhar muito os pais.

— Coitado, Misa.

— É... Agora, triste mesmo é a história de um irmão da minha mãe, já falecido. Ele era um amor... Todo mundo sabia, mas ninguém falava, muito menos ele. Meu avô era muito, muito rígido com essas coisas. Meu tio chegou a casar, mas a mulher pediu logo a separação, acredito que acabou percebendo. Ele tinha um amigo muito íntimo, casado, mas acho que era o caso do meu tio.

— Deve ser horrível viver assim.

— Uhum. Deve.

No trabalho, Mauro, o melhor amigo de Raul chamava-o de Raul Leão.

— Por que Raul Leão? — perguntou um colega.

— Nada não, besteira desse cara.

Raul esperou que o outro se afastasse para reclamar com o amigo.

— Qual é, Mauro? Dá pra parar com isso? Já me arrependi de ter te contado.

— Ele não sabe do que tô falando. E quer saber, se soubesse, ia ficar que nem eu, morrendo de inveja e de orgulho.

— Já falei, Mauro, conversa com a tua mulher.

— Deus me livre, do jeito que ela é ciumenta, é tocar no assunto e tô morto no instante seguinte.

Muito antes de tomar coragem para falar com Misa, Raul contara para Mauro a respeito da vontade que sentia de transar com duas mulheres.

— E que homem não tem? — Mauro perguntou rindo, naquela ocasião.

— Mas você já pensou em propor isso pra tua mulher?

— Tá louco?! Ela me pede o divórcio na hora! Peraí, você não tá pensando em propor isso pra Marisa...?

— Claro que tô.

— Não faz isso, cara, vai por mim, você vai arrumar encrenca.

— Eu não penso em outra coisa, cara. Já me peguei fantasiando com isso até na cama, com ela.

— Caraca, Raul! Olha, você quer transar com duas mulheres? Tá bom, não é muito certo, mas pô, pega duas garotas aí, paga elas. Ou não... Você arranja fácil até na internet, mas não diz isso pra tua mulher, nunca!

— Tá doido, cara, não diz besteira, isso é conselho que se dê? Trair minha mulher? Eu amo a Misa!

— É melhor do que dizer pra ela que quer comer ela e mais uma. Mulher é bicho esquisito você sabe, quando cisma... E a sua é igual à minha, não vai topa um negócio desses nunca e ainda vai ficar cismando: “Por que tá pensando isso? Já não me ama? Quer outra...?” — ele afinou a voz imitando voz feminina.

— É, né?

— Claro! Vai por mim, cara, vai por mim.

— É, acho que você tem razão.

— Tenho. Se não quer trair, melhor, faz que nem eu, passa vontade que um dia a vontade passa, mas não se arrisca com essa ideia louca, não.

No entanto, a vontade de Raul não passava e ele não quis mais lidar com ela. Falou com a esposa e, após conseguir o que queria, ele fez questão de contar para Mauro.

— Mentira! Mentira!!! Você, Misa e...

— Shhh... fala baixo, cara!

— Desculpa, mas... Você, Misa e uma outra? E ela topou? Cara, você é meu herói! Raul, meu herói!

Raul sorria satisfeito.

— Me conta, a mulher é gostosa?

— Muito!

— Ai, caralho! Mas como você conseguiu isso? Como convenceu Misa?

— Demorou um pouquinho... Lembra quando você me disse pra não arriscar, e eu concordei? Pois é, eu não conseguia parar de pensar e resolvi falar com ela. E fui falando, falando, até que um dia, acho que de puro cansaço, ela disse “tá legal”!

— Cara... tô besta... E como foi? Me conta. Me conta, me conta tudo, tudo!

Raul começou a contar.

— Casa de *swing*?! Caralho, cara! E aí? Foram só vocês três ou tinha um outro cara?

— Que outro cara? Tá doido? Acha que eu vou deixar outro cara pôr as mãos em mulher minha?

— Ué, mas não é casa onde só tem casais pra fazer troca?

— Não, tem solteiros também. Tem uma parte onde a mulherada pode andar nua.

— Mentira... Puta que pariu... E aí, você comeu as duas? Duas, cara... aí...

— Comi, de frente, de trás, de lado, em pé, as duas chuparam o papaizinho aqui. Mauro, acredita, você tem que falar com a sua mulher, é bom demais...!

— Tenho coragem não, Raul, Dorinha me mata... Vai, me conta mais detalhes, que eu vou viver essa fantasia através de suas histórias.

Raul continuou com o relato.

— Peraí, peraí. Pera aí! Marisa, a sua Marisa escolheu a mulher que você ia pegar com ela?!

— Foi.

— Raul, você é um leão. Raul Leão, meu herói!

E depois desse dia, Raul foi relatando para o amigo tudo o que se passava entre ele, Misa e Paula.

— Vem cá, Raul, você não tem nem um pouquinho de ciúme? — o amigo perguntou um dia.

— De quem? Paula com Misa? Não, se fosse um homem eu não deixava chegar perto, mas mulher não tem perigo, Misa nunca nem pensou nisso, ela só topou pra me agradar mesmo.

— Eu sei, mas tem mulher que muda, né? Tá cheio de caso assim.

— Com Misa eu não corro risco, eu me garanto. Além do mais, Mauro, você não sabe o que é duas mulheres se amando na sua frente, tem hora que você nem quer participar, só olhar já te enlouquece.

— E se fosse o contrário, se fosse ela que quisesse ficar com dois homens?

— Nem pensar, eu jamais conseguiria ver outro cara pegando minha mulher.

— Sabe que você pode ser acusado de machista, né?

— Qual é, você deixaria outro macho pegar a Dorinha?

— É ruim, cara! Sai pra lá!

— Então...

Ao acompanhar a evolução daquele inesperado relacionamento a três, pelos relatos do amigo, Mauro tinha uma visão externa.

— E aí, Raul Leão, como vão sua esposa e sua namorada?

— Ei, cara, a Paula não é minha namorada, não.

— E o que ela é? Sua amante?

— Também não.

— Tá bom, deixa eu reformular. Como vão sua esposa e a namorada de vocês?

— Ah, para com isso, cara!

Mauro riu.

— Vocês vão acabar se tornando um trisal, né? Ela vai viver com vocês e vai ser tipo, Raul Leão e suas duas esposas, que nem naquela série da Netflix. Já tô até vendo os almoços em família, as festas de fim-de-ano, você, Misa e Paulinha na casa dos parentes.

— Mas você se acha engraçado mesmo, né?

— Eu tô falando sério. Já pensou?

— Sai pra lá, Mauro! Eu hein...

— Tá, mas você deve sentir um algo a mais por essa mulher.

— Sinto. Tesão.

— Ah qual é, Raul Leão, vai dizer que não tá rolando aí uma paixonitezinha pela Paulinha...?

— Deixa de ser romântico, cara. Não, ela é legal, temos um carinho ali um pelo outro, mas meu coração é de uma mulher só.

— Sei... Então me diz, por que só a Paulinha? Vocês podiam fazer um rodízio, trocar, pegar outras gostosas.

— Falar bem a verdade, bem que eu queria, eu até já tentei.

— Tentou? E aí?

— Tentei, eu gosto da Paula, ela é uma delícia e tal, mas eu queria mesmo variar. Só que quando falei nisso com a Misa, ela disse que nem pensar, que já tinha sido difícil com uma, e que agora que ela se acostumou com a Paula... — ele deixou a explicação no ar.

— Entendi, você nem reclamou mais, em time que tá ganhando não se mexe. Você tá certíssimo, cara.

— É isso aí.

De fato, quando, ainda no início, Raul falou em outra mulher, Marisa reagiu mal.

— Deixa eu ver se entendi bem. Você não está satisfeito comigo e Paula, você quer mais. É isso?

— Não. É claro que eu tô satisfeito, meu amor, você e Paula são incríveis, você é minha esposa e eu te amo, e Paula faz esse complemento maravilhoso na nossa relação.

— Pois não parece, Raul, o que parece é que você quer um harém. Eu, a esposa que você ama, fixa, e um desfile de outras mulheres esporádicas.

— Não é nada disso, meu amor. É só que... sei lá, Misa, você não acha estranho ter uma outra mulher com a gente assim? Tá virando quase uma relação... Quer dizer, o casal somos nós, ela é... alguém que... nos ajuda com nossa... minha fantasia... Mas não deixa de ser uma terceira pessoa...

— Entendi. Alguém descartável.

Ele fechou os olhos, evitando um suspiro profundo, entendeu que perdera a batalha.

— Quer mesmo saber o que eu acho estranho, Raul? O que eu acho estranho é meu marido me convencer a incluir outra mulher na nossa relação e depois se cansar e querer que eu aceite outras. Tudo bem, Raul, se você já se cansou da Paula, a gente para por aqui, mas nem pense em me colocar nessa situação novamente, eu não vou viver para atender seus caprichos sexuais.

— Não, Misa, eu não me cansei da Paula, não. Esquece, foi só uma ideia. Tá legal?

Ela o fitou por um momento, antes de responder.

— Para mim tá ótimo com a Paula, mas também estava ótimo sem ela.

Assim, Raul entendeu que não deveria querer mais do que conseguira. E, se pensasse bem, já era muito. Levava tempo, porém convencera a esposa a realizar sua fantasia, razão pela qual lhe seria sempre grato.

Amava Marisa e quisera incluí-la, jamais pensara em viver aquela fantasia sem ela. Eles passaram por muitos empecilhos para ficarem juntos, mas valera a pena, ela era a mulher da sua vida. Desde que começaram a namorar, ele fora fiel a ela. Quer dizer, exceto por duas vezes, mas logo no início do namoro, mas bem no início mesmo. Ao perceber a importância de Misa em sua vida, ao perceber ser com ela que desejava passar o resto da vida, sabia que não poderia traí-la, machucá-la, não seria como seu pai. Oportunidades não faltaram, mas ele não magoaria Misa do jeito que a mãe fora magoada. Na opinião dele, aquilo que o pai sentia pela mãe não era amor, era egoísmo.

“— Nós homens somos diferentes das mulheres” — dizia o pai para ele e o irmão. — “Temos nossas necessidades de macho. E a obrigação da mulher é entender.”

No entanto, Raul mesmo não entendia. Desde que começara a compreender as coisas, via a mãe fazendo-se de forte na frente de todo mundo, mas ele sabia que chorava às escondidas. Fora duro para ele, ainda adolescente, perceber que o pai ainda frequentava a cama da mãe, às vezes, mesmo depois da separação, mesmo depois de ele estar casado com outra, mesmo ela não dependendo dele, financeiramente. O que prendia a mãe àquele homem? Raul acreditava que só poderia ser amor, mas um amor escravo, ela sequer pensava em olhar para outro homem, o ex-marido era tudo que ela conhecia em termos de amor.

O pai fizera a mãe sofrer durante o casamento e ela seguia sofrendo por ele, mesmo depois do divórcio. Diante disso, Raul prometera para si que com ele e a mulher que amasse, não seria assim, queria um casamento de verdade, com amor, parceria e respeito. Conseguira tudo isso com Misa. Sabia-se amado na mesma proporção, na mesma medida, Paula era apenas a última prova daquele amor, a esposa esforçara-se muito para fazê-lo feliz. É verdade que, por ele, continuariam indo à casa de *swing* e até conhecendo outras mulheres, mas depois de um tempo, nem mesmo na companhia de Paula, Misa quisera voltar lá.

— Ir ao The Show novamente? Não quero.

— Por que não, meu amor?

— Acho desnecessário, fomos para conhecer alguém, já conhecemos, agora podemos parar de ir lá, já estamos nos encontrando em casa. Pra que ir ao *swing*?

— Eu só achei que seria legal, mas olhando por esse lado...

— Raul, não tenho nada contra quem gosta, mas aquele não é bem o meu ambiente. Você me entende, não é?

— Claro, te entendo sim, meu amor.

Ele entendera sim e se contentou com ela e com Paula. Aliás, estava feliz com as duas. Estar com duas mulheres ao mesmo tempo era algo empolgante, até mais do que imaginara. Gostava de possuir ambas, de meter em uma enquanto a outra se tocava ou tocava a primeira. Gostava de poder ser chupado à exaustão, de vê-las de quatro para ele, como era bom montá-las, sabendo-se o único macho na situação. Mas também gostava de vê-las juntas, beijando-se, tocando-se, amando-se, uma chupando a outra. Ah, o primeiro 69 delas...

Misa deitada de costas, Paula colocou-se sobre ela, a boca em sua xana, as pernas abertas, ladeando seu rosto, a bunda para cima, os quadris descendo devagar até encostar a vulva em sua boca, gemidos femininos, as mãos delicadas de Misa agarradas nas coxas da outra mulher, o rebolado crescente, sem poder ou querer resistir. Ele massageava o pau, assistindo à cena, ajoelhou-se perto delas, bem próximo à bunda gostosa de Paula e meteu dois dedos, ela respondeu com um novo gemido e com o aumento do ritmo, ele também acelerou os movimentos da mão com que se punhetava e da outra, dos dedos dentro dela. As duas mulheres gozaram juntas, Paula arreou-se sobre Misa, ele saiu dela e a puxou para o lado, gozou perto do rosto da esposa e deu sua porra para ela beber “Bebe aqui também”, ela bebeu, “Caraaaalho... vocês duas... são... de... mais...”

O assunto casa de *swing* foi lembrado um tempo depois com Paula.

— Nós quase te chamamos para uma pizza, ontem.

— Eu adoraria, Raul, mas não ia poder, saí com uma amiga. Fomos justamente jantar e depois ao The Show.

— Você foi lá?! — Misa perguntou espantada.

— Com uma amiga? Ela curte? Quem é ela? — Raul não escondeu a empolgação.

— Ester. Ela curte, sim — a resposta foi descontraída.

— Não sabia que ainda ia lá — Marisa disse.

— Não tenho ido muito, na verdade, mas Ester me chamou ontem, e como eu tava de bobeira, topei.

— E... foi bom? — Raul quis saber.

— Foi sim.

— Essa Ester, ela e você... — Marisa hesitou. — Ficaram com algum casal?

— Ficamos com dois, na verdade, Misa. Primeiro um casal hétero e depois um casal de meninas.

— E foi bom, né?

— Olha Raul, foi bem gostoso.

— E vocês duas também costumam...? — Marisa hesitou.

— O que? Ficar?

— Uhum.

— Não. Nós já fomos um casal, mas foi há muito tempo e durou pouco. Agora só rola assim, de vez em quando, em um *swing* ou coisa assim. O que ficou foi amizade mesmo.

— Quatro mulheres... Vocês podiam ter chamado a gente pra participar.

— Podia, não, Raul, porque sei que Misa não quer mais saber disso — ela olhou para Marisa.
— Muito menos incluir outra. Né?

— Exatamente, ainda bem que alguém sabe disso. Não é, Raul?

— Eu tava brincando, meninas. Eu sei disso sim. E depois, seriam vocês duas, Ester e mais um casal... Não, acho que meu pau não ia dar conta de cinco mulheres sozinho, assim não.

— Mas de duas ele dá conta tranquilo, né? — Paula sorriu safada e agarrou o pênis dele por cima da calça.

Misa sorriu também, já antevendo o prazer que viveriam a partir dali.

— Ah, dá sim...

Habilmente, Paula abriu o zíper da calça dele e tirou o pau para fora, lambendo como se fosse um sorvete e já o colocando na boca.

— Ahhhhhh... gos... toso... — gemeu ele.

Marisa começou a beijá-lo e guiou a mão dele por baixo do vestido, para dentro de sua calcinha. Ele alcançou depressa a xana dela, massageando-a e já lhe arrancando gemidos, enquanto a outra mão mexia nos cabelos de Paula.

Seguiram assim, o ritmo crescendo.

— Coloca... — Misa pediu e ele enfiou dois dedos dentro dela. — Ahhhh... — gemia gostoso, segurando o braço dele, até gozar.

Ao sentir que ele gozaria Paula o guiou para os seios, prendendo-o ali e ele gozou também.

Marisa imediatamente ajoelhou-se ao lado dela e a virou para si, lambendo o gozo do marido nos seios, e na barriga de Paula.

Raul pensou que era mesmo um homem de sorte, ele estava satisfeito com o que vivia com duas mulheres. Elas eram bem diferentes uma da outra, Paula era extrovertida, ao contrário da esposa, que era mais tímida.

— Eu gosto das diferenças entre vocês — dizia. — Esse contraste mesmo que dá o equilíbrio nessa balança.

Para ele, era uma fantasia realizada, a ideia de estar com duas mulheres ao mesmo tempo era fascinante, e a prática dessa ideia era o auge de sua vida sexual, ainda mais por ser com a esposa, a mulher que amava, sua companheira desde sempre. Enfrentaram muita coisa para viverem esse amor e ficarem juntos.

Ele sugeriu uma viagem a três. As duas amaram a ideia, e Misa notou que tanto ela quanto Raul já deixavam de consultar um ao outro em particular, antes de trazer alguns assuntos para Paula, como naquele caso da viagem.

Raul, entretanto, mudaria de ideia e começaria a inventar desculpas para adiar a viagem, devido a algo que principiava a incomodá-lo.

III

Cisma

O problema começou em uma manhã em que Marisa ainda dormia no quarto, e Raul foi à cozinha, aonde Paula preparava o café para os três.

— Como vai o The Show?

— Nunca mais fui.

— Ah não? Por quê?

— Não senti mais vontade. Mas você sim, né? Adoraria voltar lá.

— Aquelas mulheres nuas me agradam sim — riu maliciosamente. — Mas já que não posso... — levantou-se e se encostou nela por trás, o pau duro apertando-lhe a bunda. Tentou abaixar a calcinha.

— Não, Raul — ela se afastou. — Misa pode aparecer e ficar chateada por nos ver assim, só nós dois.

— Ela podia aparecer das outras vezes também.

— Poucas vezes, mas eu prefiro que não aconteça mais, sem ela.

— Tá bom, mas o que eu faço com isso? — apontou para a ereção.

— Você pode acordar Misa para o café, tá quase pronto. Ou tomar uma ducha, ou ainda, se resolver sozinho. Tem várias opções.

Ele hesitou, fitando-a por um momento.

— Você é má — e foi para o quarto, aonde acordou Marisa.

— Quer tomar café? Paulinha tá preparando.

Ela bocejou, sentindo a ereção dele atrás de si.

— Quero. Nossa... o que é isso, logo cedo?

— Vontade de você...

Ele se esfregava nela.

— Essas duas mulheres me enlouquecem... — colocou a mão na frente, massageando-a e provocando mel na xana dela. — Delícia... Você me faz tão feliz, Misa... tão feliz...

Ele tirou os dedos melados da frente e lubrificou atrás, metendo com força.

— Gostosa... cuzinho gos... toso você... tem, meu... a... mor... — dizia, socando em um vai-e-vem crescente.

— Ahhhh Raul...

Misa começou a se massagear. Ele gozou depressa e ela gozou em seguida.

— Te amo, meu amor.

— Também te amo, Raul.

Ele se demorou no banho. Quando chegou à cozinha, encontrou as duas rindo, sentadas com as cadeiras muito perto uma da outra, os rostos próximos.

— Posso saber do que estão rindo?

— Bobagens — disse Paula.

— Coisas de mulher — disse Misa.

— E eu não posso saber?

— Umas bobagens que Drica me contou — respondeu Misa.

— Tá. E eu não posso saber.

— Bobagens, Raul, manias de mulher. Esquece.

— Tá legal — Mas comer com vocês eu posso, né?

— Deve — disse Misa. — A gente esperava por você.

Serviram-se.

— Você sabia que Paula não foi mais ao The Show?

— Ah é? Sabia não. Você não me contou.

— Não achei importante mencionar. Raul é que me perguntou como está lá e eu disse que não fui mais.

— Ah, sei. E sua amiga... como é mesmo o nome?

— Ester.

— Ester. Ela não ficou chateada?

— Não, Misa, de boa, não temos obrigações.

— Mas... vocês têm saído para outras coisas? — Raul perguntou.

— Não.

— E com quem você tem saído? — Misa quis saber. — Tirando a gente, quero dizer.

— No momento, com mais ninguém.

— Só a gente?! — Marisa perguntou.

— Por quê? — Raul emendou em seguida.

— Ei, isso é um interrogatório?

— Claro que não, eu só... me espantei quando Raul disse que você não foi mais lá.

— E quando você disse que não tá saindo com ninguém. Você não é exclusiva nossa — Raul acrescentou.

Ficou um clima estranho, um certo desconforto deixou os três mudos por alguns segundos.

— Não, Claro que não, mas vocês têm me deixado... cansada. Acho que estou ficando velha, já não tenho o mesmo pique.

— Até parece... — disse Marisa.

Raul gostou da ideia de ter duas mulheres só para ele. Mas de alguma forma, sem saber porquê, pensou que aquela exclusividade de Paula, não era exatamente por causa dele. Lembrou-se de que Paulinha acabara de se recusar a transar só com ele, pela primeira vez. Fizeram aquilo algumas vezes, uma rapidinha em outro cômodo da casa, enquanto Misa dormia no quarto ou tomava banho. Ele não considerava aquilo uma traição, mas gostava daquela sensação de segredo, da primeira vez fora sem pensar, ele estava na cozinha, preparando o café, e Paula chegou, vestindo só a camisa dele, meio aberta. Raul sentiu tesão imediatamente. Trocaram algumas poucas palavras e ele a puxou, beijando-a sofregamente e colocando a mão por entre os botões abertos da camisa. Amassou os seios, ela gemeu baixinho, ele a virou sobre a mesa, afastando algumas coisas que estavam ali em cima e a comeu por trás. Ela não apresentou nenhuma resistência, ao contrário, abriu-se para ele, pedindo-o.

— Mete... mete... mais forte... mais... forte...

Gozou dentro dela. Ela não deixou que saísse.

— Es... pera... — masturbava-se e gozou logo. — Gosto do seu pau — disse assim que recuperou o fôlego.

Não combinaram, apenas nenhum dos dois tocou no assunto com Marisa.

Dessa forma, quando Paula recusou-se a transar só com ele, foi a primeira ocasião em que Raul cismou. A segunda, entretanto, foi por um motivo mais específico, aos olhos dele. Era um domingo à tarde, Paula viera passar o fim de semana com eles, desde a sexta à noite. Ele entrou na sala e Marisa trabalhava no notebook, à mesa, alheia aos movimentos em seu entorno. Paula também não notou a presença dele, sentada no sofá em posição de lótus, segurava uma caneca com as duas mãos, levando-a devagar aos lábios e sorvendo pequenos goles. Somente ela, naquela posição, seria já um quadro lindo, sem contar a esposa, de rabo de cavalo, absorvida na tela do computador.

Mas o que lhe chamou a atenção foi a expressão que Paula trazia, o olhar enlevado, o quase sorriso dos lábios a confirmar o fascínio com que ela olhava para a esposa dele. Raul conhecia aquele olhar, era o mesmo que ele vira repetido tantas vezes no semblante embevecido de pessoas apaixonadas, era o mesmo que ele próprio tinha quando olhava para Misa, havia mais de catorze anos, se contasse com os meses que se passaram desde que a notara como mulher pela primeira vez, até a data do primeiro beijo.

E ele ficou ali a observar o olhar de Paula, por momentos que não soube traduzir em minutos ou segundos.

Em um discreto movimento colocou-se um pouco mais no ângulo de alcance da visão periférica dela e, mesmo assim, seu olhar não se desviou da mulher que ele amava, tamanha era a hipnose que a visão de Marisa exercia sobre ela.

Por fim, Raul entrou de vez na sala, parando e olhando fixamente para Paula, que o avistando, fitou-o com ar assustado, na opinião dele, e logo dotando o rosto com um sorriso sem graça, ainda na visão dele.

— De tremendo bom gosto essa nova camisa — ela disse, referindo-se ao novo uniforme do time para o qual ele torcia e que ele ganhara, havia poucos dias.

Ele pensou ser a forma de ela disfarçar.

— Obrigado.

Fitou-a por mais um momento e se dirigiu para onde estava a esposa. Tocou-lhe o ombro e ela se virou para ele. Beijaram-se e ela fez um carinho em seu rosto.

— Não é linda minha mulher, Paula?

— Linda. Os dois são lindos, aliás.

Depois disso, Raul passou a observar Paula, para ter certeza do que vira, quem sabe se enganara. Às vezes, pensava que sim, enganara-se, era tudo cisma de sua cabeça de macho ferido pela rejeição de Paula. Depois, pensava que não, parecia que Paula policiava-se para disfarçar, mas acabava por se trair, eram pequenas coisas, um olhar, uma palavra, um gesto, mas estava lá, aquela admiração extrema e abobalhada dos apaixonados.

Houve um sábado em que eles marcaram um horário com Paula, no fim da tarde e ela sabia que Raul iria à casa da mãe antes do encontro, portanto, Misa estaria sozinha. Bem antes da hora marcada, ele trocava mensagens com a esposa e se surpreendeu com o que ela dissera.

.
Paula já tá aqui

Já? Pq?

Tava passando perto e perguntou se podia vir.

Sei ã vou demorar então

Sem problema estamos conversando

Legal mas ã demoro

E não demorou, despediu-se depressa, pensando no caminho, por que Paula teria ido à sua casa sabendo de sua ausência, a cisma crescendo e se transformando em ciúme.

Não muito tempo depois disso, Paula forneceu outro motivo para Raul concluir de uma vez por todas que ela tinha um interesse especial na esposa dele. Em meio a um almoço de domingo ela disse descontraidamente.

— Eu queria te convidar pra um programa de meninas, Misa.

— Eu?! Que programa?

— Minha amiga, Ester, a sobrinha dela vai casar e vai fazer uma despedida de solteira. Nada de mais, só uma pequena reunião pra algumas meninas. Claro... se o Raul não se importar, né?

Raul não acreditou na cara-de-pau dela. A despeito do ar de inocência que Paula exibia, para ele aquilo era a prova inequívoca das segundas intenções dela com Marisa. Entretanto, ele pensou que também era uma armadilha, se dissesse não, pareceria ciumento, talvez até possessivo, se dissesse sim, abriria uma exceção perigosa.

Marisa o tirou daquele impasse, antecipando-se e respondendo.

— Obrigada pelo convite, mas vou declinar.

— Mesmo que Raul não se importe?

— Eu acho que não seria adequado, Paulinha, sei que não é nada de mais, mas a nossa... relação é a três, e acredito que qualquer tipo de... encontro social por mais inocente que seja, também deve ser.

Paula e Raul encararam-se em silêncio por um momento.

— Serei obrigado a concordar com minha sábia esposa.

— É, eu também — fitou Marisa. — Rendo-me à sua sabedoria.

Raul não gostou daquele convite e pensou que não seria possível manter o relacionamento (ou fosse, lá o que tivessem) a três, por muito mais tempo. Sabia que a esposa não correspondia àquele sentimento da outra, porém, preferia ver Paula longe, era hora de tirá-la da vida deles.

Foi esse pensamento que ele andou remoendo, até que, alguns dias depois, tomado de vez pelo ciúme, resolveu tomar uma atitude.

— Oi, Raul — Paula atendeu ao telefonema dele. — *Tudo bem?*

— Oi, Paula. Tudo bem, sim, mas tivemos uma emergência de família e precisamos desmarcar hoje.

— *Ah, é? Mas o que houve? Algo sério?*

— Não, não, nada de mais, mas queremos estar lá. Depois explicamos. Tá legal?

— *Tá sim. Espero que tudo se resolva e, se precisar de mim, estou aqui.*

— Tá legal. Obrigado.

Raul só não contava que a esposa não concordasse com a decisão dele. Ela se surpreendeu quando ele apenas a avisou que Paula não iria mais à casa deles.

— Não vem mais por quê?

— Eu desmarquei e ela não vem mais.

— Desmarcou?! E... como assim, não vem mais, Raul? Não vem mais hoje?

— Não. Não vem mais, nunca mais.

— Você tá brincando?

— Não. Acabou, Misa.

— Você disse à Paula que acabou?

— Não. Eu desmarquei hoje, mas vamos acabar com isso de vez.

Ela o olhou desacreditada.

— Mas como assim? Você me consultou, por acaso?

Ele hesitou. não esperava por qualquer oposição da esposa.

— Não... achei necessário.

— Ah, não achou necessário? Engraçado, quando foi para trazer uma terceira pessoa para nossas vidas, você achou necessário me consultar, agora que se cansou, resolve simplesmente acabar com tudo sozinho.

— Por isso mesmo que resolvi, Paula dizia respeito a mim, Misa, você nem queria.

— Respeito a você? Eu tive que mudar minha cabeça, repensar meus princípios para satisfazer seus desejos, para cumprir seus caprichos. E agora você vem me dizer que é tudo a seu respeito?

— Misa, me desculpe, não foi o que eu quis dizer... Você tem razão, eu... não tinha o direito de resolver sem você, apenas pensei que...

— Que o quê?

— Sei lá... que você não se importaria.

— Porque é um egoísta.

— Tem razão, meu amor, me desculpe, vou remarcar se você faz questão.

— É. Faço sim. Eu gosto dela. Você não pode apenas virar uma chavinha e retirá-la de nossas vidas.

— Tudo bem, tudo bem. Eu vou ligar pra ela.

— Qual é o problema, Raul? A gente sempre conversou sobre tudo.

— Eu... acho que só quis cortar o mal pela raiz.

— Que mal?

Ele hesitou.

— Paula, ela... gosta de você.

— Sim e de você também. E nós gostamos dela.

— Não. É mais que isso, meu amor. Ela realmente gosta de você.

— O quê? Como assim? Do que você está falando, Raul? Você tá doido?

— Não! Ela te olha diferente, Misa, pode reparar.

— Me olha diferente?! Do que você está falando? Ela me olha do mesmo jeito que te olha. Que viagem é essa, Raul?

— Não olha do mesmo jeito, não. Tem hora que ela só falta babar em você.

— Raul...!

— É verdade, você não nota porque tá de boa com ela, não tem essa malícia. Mas eu vejo a maneira que ela te olha.

— Raul, você está querendo terminar nossa... amizade com a Paula, baseado na sua impressão de um olhar que você pensa que é “diferente”?!

— Não é só isso. Eu tenho observado ela, Misa. Lembra que daquela vez ela apareceu em casa mais cedo sabendo que eu não estaria? Você acha que ela fez aquilo de graça? “Passando por perto...” Ela acha que sou otário? Tava com segunda intenção com você.

— Nossa, Raul, nada a ver, ela não tentou nada, ficamos aqui conversando, jogando conversa fora.

— Não tentou porque não teve tempo, ela não contava que você ia me avisar que ela estava aqui. E não foi só dessa vez. No outro dia veio te chamar pra um “programa de meninas”. Tá bom... Eu sou bobinho, agora?

Ela fitou o marido, pensando o que haveria com ele. Nunca o vira em uma crise de ciúme tão contundente.

— Você não acredita, né? Pois observa, observa que você vai ver, daqui a pouco ela dá outra mancada dessas e você vai ver.

— Olha, Raul, eu não acredito que seja realmente assim, mas se você não tá mesmo à vontade com isso, a gente pode começar a repensar essa relação com ela, eu não quero ter um problema com você, que você fique assim... Só... não acho justo agora que você tome essa atitude sem falar comigo...

— Não, não, tudo bem, eu vou ligar pra ela e remarcar, agora eu quero que você observe por si mesma, ela vai se trair qualquer hora dessas e você mesma vai ver.

— Raul...

— Não, Misa, é sério, agora eu faço questão, até porquê, você não dá bola pra ela mesmo.

Marisa não entendia aquele ciúme repentino do marido. Raul era o homem de sua vida, jamais tivera dúvida sobre isso. Era seu amigo e seu cúmplice, seu companheiro. Amava ser casada com ele, compartilhar sua vida e suas coisas com ele. Amava sair e ficar em casa com ele. Amava o sexo com ele e a conversa na cama.

Porém, agora havia outra pessoa naquela equação. Pela primeira vez em anos, ela fazia sexo com outra pessoa, e mesmo que fosse junto ao marido, era outra pessoa, uma terceira pessoa. Quantas vezes o sexo fora só entre ela e Paula, como se ele não estivesse ali? Quantas vezes Raul adormecera e elas ficaram conversando até não se sabe que horas, naquela intimidade que, havia

anos, ela só tinha com o marido?

Raul era um homem sensível, devia ter se sentido excluído do clube feminino.

Mas ela também ficara de fora de alguns momentos entre ele e Paula. Já acontecera uma vez ou outra de assistir o sexo entre eles como se ela não estivesse ali ou de acordar de manhã e encontrar os dois preparando o café juntos, em meio a risos. E tudo bem. É, talvez não tão bem. Como se sentira? Excluída, enciumada, mas passara depressa. Era natural que se sentissem assim ocasionalmente, em uma relação a três. Não era? Mas tudo bem, logo passava, Paula tinha o dom de incluí-la novamente no trio.

Daí a Raul pensar que... Não, ele estava enganado, com certeza estava. Ia observar Paula naquela noite. Não era bom que ela se sentisse assim, ou Raul estaria certo em afastá-la.

IV

Distância

Depois de Raul desmarcar e remarcar com Paula, ele e Marisa receberam-na à noite. Porém, Misa tinha a sensação de que havia algo diferente no ar, era a desconfiança de Raul e a dúvida dela própria, mas era também uma estranha impressão de que Paula, do mesmo modo, trazia algo distinto naquela ocasião.

Ela entrou e beijou Raul, que lhe abriu a porta.

— Oi, gato.

— Oi, gostosa.

Marisa pensou que aquela mulher, ao chegar, iluminava qualquer ambiente.

Em seguida, ela andou até onde Marisa estava sentada e também a beijou, sentando-se ao seu lado.

— Oi, Misa.

— Tudo bem? Chegou tarde.

— Fiquei terminando um trabalho. Tá tudo bem, então, gente?

— Tá sim — Marisa apressou-se na resposta.

Era como se eles recebessem uma namorada, uma namorada do casal.

Raul sentou do outro lado da esposa, e Marisa pensou se era apenas ali no sofá que se encontrava entre Paula e o marido. Tentou tirar aquela ideia da cabeça.

Trocaram mais algumas palavras, mas não sobre o motivo de Raul ter desmarcado aquele encontro para, logo em seguida, remarcar-lo.

— Você já jantou? — Raul quis saber.

— Eu comi um lanche e tô sem fome.

Raul pôs a mão na perna dela.

— Todas as fomes?

— Não. Nem todas.

— Ótimo, eu também tô com esse mesmo apetite — disse Raul.

Beijaram-se. Marisa amava aquele beijo a três, as línguas enroscando-se, as mordidas, o contraste entre os lábios do marido e os lábios macios de Paula...

Raul estava especialmente faminto, não parecia disposto a muitas preliminares, as mãos dele percorriam ávidas os corpos das duas mulheres, amassando os seios de ambas e logo tirando a roupa da esposa.

— Hoje eu quero comer vocês.

Em um instante, ele estava sem a bermuda e sentou a mulher no colo, Marisa montou no membro dele e começou a cavalgar-lo. Ele segurava a cintura fina dela, a boca passeava na pele,

no colo, nos seios.

— Gostosa...

Paula já totalmente excitada ficou em pé e também recebeu a atenção dele. Raul estendeu uma das mãos mexendo entre as pernas dela.

— Abre.

Ela obedeceu e abriu as pernas, ajeitando-se para lhe facilitar o acesso e lhe segurando o braço. Ele entrou com os dedos nela e massageava o clitóris, enquanto socava forte lá dentro.

As duas mulheres mexiam-se e gemiam, uma no membro, outra na mão dele.

— Delícia... minhas duas fêmeas...

— Ahhhhh... — gemeu Paula.

— Ai, Raul... — gemeu a esposa.

Logo ele já não sabia quais gemidos eram de quem. Acelerou as estocadas dentro de Paula, à medida que Marisa aumentava a velocidade em cima do pau dele.

A esposa acompanhava o que ele fazia com a outra mulher e se excitava mais. Como era linda aquela cena, como era lindo ver Paula aberta daquela forma, para o marido. Como ela ficava mais linda na hora do sexo, a expressão cheia de tesão. Fitavam-se, uma deliciando-se com o prazer da outra.

Paula também admirava a beleza de Marisa no momento da transa. Como era linda, como era gostosa aquela mulher, a forma única com que se entregava ao marido e a ela.

Gozaram juntas para o prazer de Raul, que gozou em seguida. Os corpos cansados e suados estremeceram por alguns momentos. Raul descansou a cabeça no encosto do sofá e fechou os olhos, Marisa escondeu o rosto no peito másculo dele, Paula segurou-se no braço do sofá.

Estavam momentaneamente extenuados de prazer.

Marisa levantou a cabeça, queria desmontar do marido. Encontrou os olhos de Paula, que a observava, ainda com os dedos de Raul dentro dela. Fitaram-se, Marisa sentiu algo novo naquele olhar de Paula, que sorriu para ela. Pensou nas palavras de Raul mais cedo. “Ela te olha diferente, Misa, pode reparar.”

Sorriu de volta, devia estar imaginando coisas, sob a influência do ciúme do marido.

Desmontou finalmente e ficou em pé. Olhou para Raul que continuava de olhos fechados e voltou a fitar Paula. Agora ela alisava o braço de Raul, parecia gostar de tê-lo dentro de si, enquanto sorria languidamente para ela.

Pareceram eternos aqueles momentos, Marisa não conseguiu afastar os olhos dos olhos dela.

Finalmente Raul se mexeu no sofá, levantando a cabeça e soltando um curto gemido rouco e quebrando aquele... encanto, talvez, entre as duas? Marisa desviou o olhar depressa, como se temesse ser vista, como se fizesse algo de errado, ao fitar Paula. Só não sabia porquê, já fizera aquilo tantas vezes.

Paula mexeu no braço de Raul de um jeito que ele entendeu dever sair dela. Ele puxou a mão, olhou para os dedos e os colocou na boca, chupando-os e bebendo o gozo dela. Marisa arrependeu-se de não ter segurado o braço dele antes e chupado os dedos, queria sentir o gosto de Paula.

Como se lesse seus pensamentos, ele passou a mão na xana de Paula, lambuzando novamente os dedos e deu para Misa chupar, e ela o fez com gosto, demoradamente olhando para ele e em seguida para Paula, que a fitava embevecida.

Em seguida, ele passou a mesma mão entre as pernas de Marisa e deu para Paula chupar.

Paula sentiu um prazer especial naquele ato, abocanhou os dedos dele e chupou devagar, fitando Marisa.

Misa estava gostando do que via, mas desviou o olhar para Raul.

— Já? — perguntou, sorrindo, diante da nova ereção dele.

— Vocês são as culpadas...

A noite foi longa. Os três pararam apenas para comer algo e logo começaram.

Bem mais tarde, Raul dormia profundamente.

— Ele tava insaciável hoje — disse Paula observando-o.

— Estava. Nem sei o que deu nele.

— Deve ter sido só tesão mesmo, Misa. Não posso culpá-lo, considerando a esposa que ele tem.

Marisa sentiu o coração acelerar. Raul estaria certo sobre os sentimentos de Paula?

— Não seja modesta, Paulinha, você contribuiu muito para isso.

Ela sorriu.

— Pode ser, mas você é o grande amor da vida dele. Você sabe disso, né? De como ele te ama?

— Sei, claro...

Marisa pensou em completar, dizendo que também o amava, mas por algum motivo que não sabia qual, desistiu.

Fitaram-se em breve silêncio.

— Você está com sono? — perguntou para dizer algo.

— Até que sim, mas acho que ainda demoro um pouco pra pegar no sono.

— Eu também. Que tal um vinho?

— Excelente ideia.

Vestiram qualquer coisa que estava à mão, Paula colocou um robe de Marisa e ela uma camisa de Raul.

Sentaram-se na sala, servidas de taças de vinho.

— Vocês realmente não tinham que participar dessa reunião em família, Misa?

— Não, tudo bem mesmo. E você? Ia sair com Ester, se tivéssemos que participar?

— Talvez sim.

Marisa sentiu uma leve decepção ao ouvir aquela resposta.

— Mas se saísse seria apenas pra beber algo, não iríamos ao The Show.

— Imaginei que não. No outro dia, você disse que não frequenta mais.

— É, não tô saindo mais. Sexo tem sido só com vocês, mesmo.

Marisa gostou muito de ouvir aquilo, mas tratou de disfarçar.

— Por quê? Sabe que é livre para sair com quem quiser, não é? — arrependeu-se instantaneamente de ter falado aquilo.

— Sei. Mas não tenho mais saído com ninguém. Não sinto vontade. Acho que, no momento, vocês me bastam.

Marisa sentiu-se em festa. Mas julgou que não devia demonstrar, até porquê o olhar de Paula era intenso, parecia que lhe penetrava a alma.

“Ela te olha diferente, Misa, pode reparar.”

— Entendi. Também, a gente se vê a semana toda, não é?

— É. E eu gosto disso, Misa, de ver... vocês o tempo todo.

— Eu também.

— Vem cá — Paula colocou a taça de lado e se aproximou dela, retirando também a taça de sua mão.

Puxou-a para si, com a mão em sua nuca. Pela primeira vez, após meses, Marisa temeu aquela aproximação. De repente, sentia-se como na primeira noite, quando conheceram Paula.

Tentou resistir, forçando um pouquinho o pescoço para trás, mas Paula segurava-a firme e os olhos dela eram sedutores, os lábios carnudos eram convidativos. Deixou-se beijar, mais que isso, correspondeu ao beijo dela.

— Tudo bem? — Paula perguntou bem junto do rosto dela, com aquela voz rouca, fazendo um carinho com a mão, ainda segurava sua nuca.

— Eu... Tá sim.

— Eu gosto do seu beijo, Misa. Do beijo dos dois. E de fazer amor com vocês.

Era a primeira vez que um dos três usava aquela expressão, no lugar de sexo. Mas Paula se referia aos dois, gostava de fazer amor com os dois. Talvez Raul se enganasse, talvez o interesse de Paulinha fosse por ele também, e não só por ela. Mas tudo isso não foram raciocínios, pensamentos alinhados, foi mais uma sensação, um sentimento, porque a proximidade e o olhar de Paula tiravam qualquer capacidade de raciocínio...

— Eu... — Marisa esqueceu-se do que queria dizer.

— O quê?

Marisa não respondeu, apenas a fitava.

Paula beijou-a com avidez, com fome daquele beijo, daquela boca.

— Eu quero vocês, Misa...

Abraçaram-se, as mãos passeavam gulosas pelo corpo uma da outra. Paula meteu a mão na camisa de Raul que Marisa vestia, alcançando-lhe os seios pequeninos, redondinhos, a boca deslizando na pele macia, o pescoço, o colo, já a caminho dos seios, onde a mão já estava apertando os mamilos, Marisa estreitava-a contra si, molhada de desejo, querendo as mãos de Paula, seus lábios, sua língua...

— Não — levantou-se de repente. — Não, Paula.

Paula levantou-se também, segurando a mão dela.

— Por quê?

— Eu... Raul... não está...

— Você pensa que tem problema? Que ele não ia gostar?

— Não sei... Nossa, Paulinha... Você ainda tem pique? Acabamos de passar uma noite inteira com Raul.

— Parece que sobrou um pouquinho de energia, tanto em mim quanto em você — ainda lhe segurava a mão e passou a alisar o braço dela com a outra mão.

— Mas... eu não quero... sem Raul.

— Não seria justo, né?

— Desculpe, Paula, mesmo que ele não se importe... eu... não quero sem ele... Entende?

Paula soltou a mão dela e balançou a cabeça confirmando que sim, que entendia.

— Claro. Eu é que peço desculpas — voltou a se sentar.

— Não precisa... Vamos dormir?

— Pode ir, vou em seguida.

— Tá bom, te espero, não demora.

— Não.

Marisa parou à porta do quarto e contemplou o marido dormindo de bruços, o lençol cobrindo apenas a bunda e parte das coxas. Amava-o sem dúvida, mas não quisera magoar Paula. Voltou à sala para lhe pedir desculpas e se explicar. Porém, parou diante do que encontrou, deu um passo atrás e se escondeu, deixando à mostra somente parte do rosto, o suficiente para espiar.

Sentada no sofá, as pernas abertas, para fora, a cabeça derreada sobre o encosto, Paula masturbava-se, o robe levantado, até a cintura revelava a vulva nua, onde os dedos brincavam, a outra mão acariciava os seios, os quadris mexiam-se sensualmente. Contudo, o que mais chamava a atenção dos olhos cor de mel de Marisa era a expressão de volúpia, os olhos fechados, a boca aberta, onde a língua passeava molhando os lábios cheios. A respiração era entrecortada, o peito ofegante, a pele negra brilhava molhada de suor. Era a visão mais “sexy” de que se podia lembrar. Logo a mão largou os seios e abriu de vez o robe, deixando à vista os seios fartos, para onde os dedos voltaram com pressa. Os quadris pararam de se mexer e Marisa encolheu-se mais, com medo de ser vista, mas sem deixar de espiar, a cena prendia por si. No entanto, as pálpebras de Paula continuaram cerradas sobre os olhos negros e a outra mão mexeu-se em movimentos frenéticos, na vulva. O rebolado dos quadris começou e foi acelerando cada vez mais. A mão apertava mais os seios, a língua molhava os lábios mais vezes.

De repente, Paula fechou as pernas, escondendo a mão que estava entre elas, deu um impulso para frente, descolando o tronco do encosto do sofá e se contorceu toda. Gozara. Da maneira mais linda que Marisa já vira, talvez porque no momento exato, pôde ler uma palavra pronunciada sem som, mas com volúpia, nos lábios carnudos: Mi - sa...

Voltou para o quarto rápida e silenciosamente, antes de Paula abrir os olhos, meteu-se entre as cobertas ao lado do marido, e quando Paula se deitou às suas costas, pensando que dormisse, depositou um beijo suave em seu rosto e sussurrou quase inaudível: “Boa noite”.

Melada de excitação, paralisada de medo e mais algum sentimento que ela não sabia qual fosse, Marisa demorou a dormir.

Paula tinha gostado de Marisa desde o primeiro momento. Gostara também de Raul. Quando se conheceram, na boate, Marisa apontou-o de longe.

— Aquele é o Raul.

— U - au! Menina, seu marido é um gato. No que me diz respeito, quero sim conhecê-lo.

Marisa riu.

— Tá certo.

Tinha sido fácil gostar de Raul também. Mas a natural timidez de Marisa, bastante acentuada pela questão do *swing*, chamou-lhe especial atenção, assim também sua graciosidade, era bonita, atraente e delicada.

A ideia de ser a primeira mulher na vida da Marisa, e ainda mais, junto ao marido, instigou-a. Ao contrário do que dissera para a bela de olhos e cabelos cor de mel, porém, decidira em seu íntimo que queria participar daquele trio, mesmo que o marido não a agradasse muito.

No entanto, para sorte sua, Misa tinha muito bom gosto para homens.

A primeira vez deles fora perfeita, ela e Raul foram delicados com Marisa, a delicadeza que ela precisava e merecia.

O que ela não esperava era que a relação deles evoluísse para... ela não sabia bem para o quê.

Ester, a amiga de Paula, temia por ela.

— Então você não vai retornar a ligação daquela garota linda, nem vai mais ao The Show. Só uma perguntinha: o seu casal de namoradinhos sabe disso? E outra ainda: que eles são a causa disso?

— Eles não precisam saber da minha vida. E, Ester, eles não são meus namoradinhos.

— É claro, esqueci que você sempre repete isso.

— E é a verdade.

— Tá. Só me diz uma coisa, então, o que acha exatamente que vocês são?

— Amigos. É o que somos. Eles são meu casal amigo de transa.

Ester riu.

— Casal amigo de transa? Tá bom...

— É o que eles são, e não sei qual é o problema, isso é muito comum, como você sabe.

— É, Eu sei que isso é muito comum. Mas o problema não é o que eu sei e sim o que você não quer saber.

— Ah, Ester, por favor, não comece.

— Paulinha, você não pode esconder isso pra sempre, muito menos de você mesma!

— Chega, por favor, Ester.

— Não, não chega, sou sua amiga e tenho que te sacudir. Você precisa saber o que sente, Paula. Saber o que quer, e saber onde está pisando, entende? Saber o que seu casal amigo de transa também sente e quer. Fui eu que juntei seus cacos quando Lúcia foi embora e não quero te ver sofrer assim de novo.

Paula respirou fundo.

— Tá, eu te entendo, mas fica tranquila, eu tô legal e sei bem onde estou pisando. Tá bom?

— Tá. Vou ficar tranquila, mas de *stand by* pra qualquer eventualidade...

Paula riu e abraçou a amiga.

— Ester, minha anja da guarda.

— Sou mesmo...

Sabia que Ester tinha razão, descobriu-se apaixonada, de repente. Não planejava aquilo, sequer pensara que pudesse acontecer. Mas aconteceu. Pensava em Marisa mais do que queria. Ela era doce, gentil, delicada, inteligente, bem humorada, perspicaz... havia tantos atributos para descrevê-la, que se assustava. Devia ter algum defeito. Tinha.

É casada.

Tão rápido quanto pensou, arrependeu-se. Raul era um cara legal, e os dois se amavam. Não negaria que Marisa amava-o, tanto quanto era amada por ele.

Bom de transa e sortudo por ter Marisa. Por ser amado por ela.

Paula tinha um carinho especial por ambos, mas o carinho por Marisa mudara, evoluíra para algo mais. Amava Marisa, Ponto! E agora?

— Você tem razão — disse à Ester, em outra ocasião. — Estou apaixonada por Misa.

— Hmmm. E...?

— E nada, vou me afastar.

— Acha que é isso que deve fazer?

— E o que mais? Não foi você que disse que não quer juntar meus cacos novamente?

— E não quero, mas eu disse pra ter cautela e descobrir onde está pisando e não pra fugir.

— Eles se amam, Ester, eu não quero me meter entre eles.

— Já está metida entre eles e não foi você que se meteu, foram eles que te convidaram e te deram espaço pra entrar.

— Mas eles se amam, são casados, não seria justo eu fazer qualquer coisa que pudesse provocar um mal-estar, ou qualquer coisa parecida entre eles.

— E se ela também sentir algo mais por você?

— Marisa? Não, ela ama Raul e é do tipo fiel.

— Você também é. E se, além disso, ela for também do tipo que consegue amar duas pessoas ao mesmo tempo? É possível, não é?

— É mas... eu não creio.

— Paulinha, presta atenção, você não está invadindo, você foi convidada. Você não planejou se apaixonar, aconteceu. Agora, você merece saber em que pé está essa relação de vocês. E Misa? Será que ela também não merece saber o que você sente? Você não é uma estranha, não é apenas uma amiga de transa. Não adianta negar, você e eles sabem disso, você é mais que uma amiga de transa.

Paula suspirou.

— Tá. Tá bom, mas... Eu vou com calma. Vou olhar primeiro, tentar entender o que se passa e, se perceber que não tenho chance, eu apenas pulo fora.

— Faça como quiser, só não faça literalmente nada, não fuja apenas. É o que eu espero de você, é o que no fundo você mesma espera. Você não é assim.

— Não. Mas Lúcia me marcou.

— Lúcia era imatura, não significa que o resto das mulheres do mundo também é. Se valer a pena, se você tiver uma chance, lute por esse amor. É só o que eu te digo, não saia antes da hora, pra não se arrepender depois.

— Tá. Você deve estar certa.

— E estou. Como sempre.

Paula fez um ar de enfado.

— Gosto da sua modéstia.

Paula resolveu agir com calma. Temia, é claro, ser descoberta. Que seus olhos ou ações a traíssem, que Marisa ou, pior, Raul percebesse o que ela sentia, antes que estivesse pronta para falar, se é que falaria. Mas devia preocupar-se mais com Misa, Raul era como muitos homens, estava apenas interessado em sexo, contanto que pudesse comer as duas à vontade, nem notaria o resto.

Entretanto, uma luz de aviso acendeu no dia que ele ligou desmarcando o encontro de logo mais à noite. Ela estranhou a frieza com que ele falara e a desculpa que dera. Talvez ela tivesse subestimado a perspicácia e sensibilidade de Raul. Teria ele notado ou desconfiado do que ela sentia por sua esposa?

De qualquer forma, ela foi à casa deles, naquela noite que se tornou um marco na relação dos três e, no dia seguinte, ela conversou com Ester.

— Como assim? Você tentou transar só com ela?

— É, foi. E de maneira atabalhoada.

— Mas por quê?!

— Raul me ligou, desmarcou com uma desculpa esfarrapada, disse que eles tinham uma reunião de família, sem muita explicação. Depois de uma hora me ligou de novo remarcando, ele tava frio do mesmo jeito, esquisito. Tudo bem, aceitei, fui lá e transamos. Ok, mas foi diferente, ninguém quis tocar no assunto da tal reunião familiar e ele tava... diferente, sabe?

— Diferente como? Frio? Distante?

— Não, não, isso não, mas não sei... Com urgência, insaciável, fazendo questão de mostrar que ele é o macho da situação. Tudo bem, isso não é anormal, mas foi diferente ontem. Sei lá... mas... foi tipo: “Olha aqui, Paulinha, eu sou o leão, o rei da selva, e Misa é minha leoa principal,

só minha”. Entrei em pânico, pensei: ele sabe, ele sabe e quer me afastar.

— Não pode ser paranoia sua?

— Pode, pode até ter sido coisa da minha cabeça, mas, não sei... Faz meses que eu transo com eles, Ester, sei do que tô falando. E aqueles dois telefonemas desmarcando e remarcando nossa noite tinham o cheiro de Raul me afastando e Misa não concordando. Já vi mais de uma vez, ele fazer merda e ela brigar com ele, exigir que desfaça.

— Tá bom, Paula, mas e agora, o que você vai fazer?

— Voltar ao plano original, me afastar. Ela não me ama, Ester, isso ficou bem claro ontem.

— Ah, amiga...

— Tá tudo bem, pelo menos eu já sei, meio assim, tratamento de choque, mas eu sei. Vou me afastar, não de uma vez. Aos poucos, devagar, mas vou.

— Eu sinto muito, Paulinha.

— Eu também.

Em uma das vezes seguintes que voltaram a se ver depois disso, Paula passaria outro fim-de-semana na casa de Marisa e Raul, porém, interrompeu o encontro na noite de sábado, ao receber um telefonema inesperado.

— Lúcia?!

...

— Pera aí, o que houve?

...

— Fala devagar. Calma...

...

— Sei, mas cadê a sua namorada?

...

— Tá. Onde?

...

— Tá, tudo bem... Eu tô indo. Calma...

Desligou.

— O que houve? — Marisa perguntou preocupada.

— Desculpem, eu preciso ir. Era minha ex, ela sofreu um acidente.

— E a namorada dela?

— Parece que não tá na cidade, não sei ao certo, Misa, mas depois eu explico tudo.

— Espera, a gente te leva — Raul ofereceu.

— Não, não precisa.

— Fazemos questão — Marisa declarou preocupada.
— Não, Misa, é sério, eu tô bem. Eu ligo pra vocês depois. Tchau!
— Tá bom. Mas liga — insistiu Marisa.
— Tá.
— Estranho, não é? — perguntou Marisa ao marido, assim que Paula saiu. — Essa garota a trai, vai embora com outra e quando sofre um acidente, é pra ela que liga?
— É.
— Não sei se ela devia ter ido.
— Foi um acidente, meu amor, conta como emergência.
— É, Eu sei, mas fico preocupada, Paula sofreu um bocado com essa mulher, Raul. A gente devia ter ido com ela.
— Paula é bem grandinha, Misa, ela sabe se cuidar, a gente se ofereceu pra levá-la, você viu que ela que não quis. Então, relaxa que daqui a pouco ela dá notícias.
Entretanto, Marisa não sossegou, enquanto Paula não mandou mensagem dizendo estar tudo bem.

Mas o que houve?

Nada, tranquilo ela precisava de uma carona explico depois

Ok

— Será que está tudo bem mesmo, Raul?
— Não foi o que ela disse?
— Disse, mas não explicou muita coisa.
Raul não respondeu.
Marisa sentiu-se inquieta toda a manhã, algo naquela situação a incomodava. Preocupava-se com Paula e voltou a tocar no assunto com Raul, ao almoço.
— Não sei, penso que ela foi muito evasiva, não quero parecer intrometida, mas não acha que deveríamos ligar e tentar falar com ela? Nem que seja só pra ela saber que pode contar com a gente?
— Mas ela já não sabe disso?
— Sabe, Raul, mas eu estou falando desse... problema específico.
— Sinceramente, não sei qual é esse problema específico, Misa. Se Paula disse que tá tudo certo, por que você tá remoendo esse assunto?
— Eu me preocupo com ela, já disse.
— Pois pra mim esse assunto já deu, eu não vejo motivo pra isso tudo. Do jeito que você fala, dá a impressão de que falamos de uma garotinha de quinze anos e não de uma mulher experiente como Paula.
— Ei, me desculpe, Sr. Sensível. Eu apenas pensei que Paula importasse a nós dois.

— E importa, mas pelo visto de maneiras diferentes.

— É, também tô achando isso. É sério que não liga?

— Pra quê, Misa? Pra vidinha amorosa da Paula? Pode apostar que não. Mas se você faz tanta questão, pode ir lá consolar ela. Com licença.

— Onde você vai? Não terminou de comer.

— Perdi a fome.

Marisa fechou os olhos, também perdera o apetite.

No dia seguinte, ela ligou para Paula.

— Tudo bem?

— *Oi, Misa. Tá tudo certo, sim. E vocês?*

— Também. E sua ex?

— *Ah ela está bem, foi mesmo só um susto.*

— Ainda bem.

— *Obrigada por perguntar.*

— Ficamos preocupados, é um alívio saber que está tudo certo.

— *Muito gentis, vocês.*

Houve um curto silêncio.

— Pensei que você voltaria para cá depois.

— *É, acabou ficando tarde.*

— Certo. E hoje? Você vem?

— *Não sei, Misa. Vou ver e qualquer coisa eu ligo pra vocês.*

— Tá bom. Se cuida, então.

— *Vocês também.*

Paula não apareceu naquele dia, ela levaria duas semanas para voltar a ver o casal.

Marisa ficava pensando o que teria acontecido.

— Será que foi algo que fizemos? Raul, você não voltou a desmarcar com ela, sem falar comigo, não é?

— Agora a culpa é minha?

— Não, eu só estou perguntando...

— Meu amor, ela deve é estar com a ex, devem ter voltado.

— Você acha mesmo?

— É a explicação mais plausível, foi só a outra aparecer e ela sumiu. Eu acho ótimo, se ela estiver feliz.

— Feliz? Aquela... Lúcia só a maltratou, traiu, foi embora com a outra.

— Sim, mas essa é a história que a gente conhece, toda história tem dois lados, ainda mais a de um casal. Misa, se elas conseguirem se acertar e Paula estiver feliz, eu fico feliz. Você não?

— Fico, Raul, mas precisa ver se ela vai mesmo estar feliz ou apenas se enganando, não é?

— Eu acho que se ela não estivesse feliz já teria dado o ar da graça, se sumiu assim é justamente porque tá super feliz, curtindo a namorada. Por isso, meu amor, penso que você pode relaxar e cuidar apenas do seu maridão aqui. Certo?

Ela sorriu e o beijou.

— Certíssimo.

Porém, ela não conseguia relaxar, realmente. Ao contrário, a preocupação com a felicidade ou não de Paula só aumentou. Teria ela perdoado Lúcia? Será que Lúcia merecia perdão? E eles, o trio? Como ficaria o que eles tinham?

— Você não sente falta dela? — perguntou ao marido, em outra ocasião.

— Até sinto, mas sinto mais falta da Paula do início. Falar bem a verdade, acho que já tava na hora de acabar, acho que é melhor assim, só nos dois, de novo. Não concorda?

Ela sorriu.

— É...

Porém, ela não concordava, sentia falta da companhia de Paula, só achou melhor não dizer isso para o marido, naquele momento.

V

Normalidade

Paula sentia-se dividida. A volta de Lúcia para sua vida era algo com que ela não contava. A expectativa de uma segunda chance. Quem não gostou daquela história foi Ester.

— Gente, mas essa menina é muito cara-de-pau! E você? O que disse?

Paula ficou calada.

— Ah não, ah não, ahhhh nããããoo, Paulinhaaaa! Não, você não deu trela pra ela! Você não fez isso!

— Ester...

— Nossa, quanta merda que faz uma mulher apaixonada!

— Eu não fiz nada... ainda. A gente só conversou.

— Ainda, disse bem, ainda! Mas tá doidinha, doi - di - nha pra fazer, né não?

— Ai, Ester, mexeu comigo, sim, não vou negar. Que porra, eu não esperava que ela reaparecesse assim, do nada!

— Mas foi correndo socorrê-la, né?

— Eu não ia deixar de socorrer alguém com quem eu vivi uma história.

— Mas precisava ir pessoalmente? Podia ter pedido pra alguém, eu mesma teria o maior prazer de ir ao encontro dela, só pra te poupar disso.

Paula sorriu.

— Por isso que eu te amo.

— Hm. E agora? O que você vai fazer?

— Não sei. Eu não decidi nada, a não ser que quero um pouco de espaço, foi o que eu disse pra ela. Espaço.

— E o seu casal de namorados? E Misa?

Paula suspirou.

— Não quero vê-los também, não tô com cabeça, sabe? Vou aproveitar e tirar alguns dias pra pensar. Esse distanciamento vai me fazer bem.

— Excelente ideia! Amiga, presta atenção, no momento, eu odeio a Lúcia. Mas tô aqui pra te apoiar, sempre.

— Obrigada, Ester.

Duas semanas passaram, até que Marisa recebeu o telefonema que fez o coração dela errar um batimento. Aquelas foram duas semanas complicadas para o casal. Raul e ela tiveram discussões

e quase não fizeram amor. Ele a procurava, mas ela não queria. Ao fim de alguns dias, ele estava irritado.

— Qual o problema, meu amor? — questionou-a em uma manhã. — Faz dias já.

— Não tem problema algum, eu já disse, só ando indisposta pra sexo.

— Indisposta pra sexo. Que isso? Uma nova modalidade de desculpas pra evitar o marido?

— Eu não estou te evitando, Raul.

— Ah não? E como chama isso?

— Não estamos convivendo normalmente? Ah, desculpa, Raul, eu esqueci, sem sexo, sem vida!

— O problema não é o sexo, Misa, o problema é o motivo, você não quer mais fazer sexo só comigo. Você quer uma mulher também, só não quer admitir. Não é vergonha alguma admitir que só sente tesão a três. Podemos ir à caça de outra, assim que você parar com essa frescura.

— Nossa, Raul, eu odeio quando você é vulgar.

— Eu sou vulgar? Tá vendo? É isso, são seus pudores. Você quer uma mulher, mas tem que ser sempre a mesma, pra você não precisar voltar naquele “antro”, não precisar passar pelo constrangimento de escolher outra.

— Eu jamais me referi ao The Show como antro ou qualquer coisa parecida.

— Mas é bom passar longe dele, não é?

Ela se calou, terminando a discussão. Ele entendeu isso, conhecia a esposa.

— Não me espera pra jantar, Misa, vou passar na minha mãe e comer com ela.

— De novo?

— Pelo menos lá eu sei que minha presença é bem-vinda e eu não perco o apetite no meio das refeições.

Ela se recusou a dizer o óbvio, que o amava e o queria em casa, estava cansada daquilo. Não era possível que ele já não soubesse.

E também não era possível que ele não sentisse nem um pouquinho de falta da Paula. Como ele podia não entender que ela praticamente fazia parte do casal, como podia simplesmente desligar e esquecê-la? E mais do que sentir falta, como Raul podia não se importar com que fim ela levava? Se estava bem, se voltara com Lúcia, se sofria.

Então, quando veio o telefonema de Paula, Marisa atendeu depressa.

— Oi. Como você está? — tentou soar natural.

— *Eu tô bem, Misa. E vocês?*

— Bem também. Que bom que ligou, estávamos preocupados.

— *É, eu precisei de um período sabático.*

Houve um silêncio, Marisa pensou imediatamente que os períodos sabáticos de Paula significavam um relacionamento sério.

— *Misa, a gente pode se ver?*

— Claro! Você quer vir em casa?

— *Pode ser.*

Combinaram o dia e horário.

Não sabia o que pensar, fora estranho aquele telefonema, no entanto, estava feliz por ter notícias dela.

Raul não ficou à vontade com o telefonema.

— Quem era?

— Paula.

Ele esperou.

— Ela está bem e pediu pra nos ver.

— E o que você disse?

— Que tudo bem.

— Não sei se está tudo tão bem, Misa. Não sei se devemos retomar tudo.

— Eu não creio que a intenção dela seja retomar nada.

— Ah é? Por quê? Ela tá com a menina lá?

— Não sei. Provavelmente.

— Então... o que ela quer ainda com a gente?

— Não sei.

Ela fazia uma ideia do que fosse, mas preferiu não dizer.

No dia e hora marcados, eles receberam Paula. Ela os cumprimentou apenas com um beijo no rosto e eles se sentaram na sala, servidos de um vinho branco. Era uma situação invulgar, não estavam confortáveis.

— É bom revê-la, Paula, ficamos preocupados com você, depois de sair daquele jeito — disse Marisa.

— É, me desculpem, foi meio inesperado Lúcia aparecer assim, de repente, sabe?

— Mas não foi nada grave, não é? Isso que importa.

— É, não foi, Misa. Ela tava num uber que bateu... mas não foi nada grave, apenas uma torção no braço, ela me ligou do hospital.

— Legal da sua parte, ir até lá — disse Raul.

— É, acredito que qualquer um teria essa atitude.

Ficaram em silêncio.

— Eu achei que devia me despedir de vocês. Vocês são importantes pra mim. Esses foram meses muito especiais, que eu vivi com vocês.

— Pra nós também — Marisa respondeu com dificuldade, não queria se emocionar. — Não é, Raul?

— É claro. Mas então, você refez sua vida com ela? Eu acho ótimo. Né, Misa? — segurou a mão da esposa. — Damos a maior força.

— Foi isso que aconteceu? — Marisa queria ter certeza.

— Ela tava indo me ver, indo lá em casa, quando sofreu o acidente. Passamos aquela noite e o outro dia juntas. Ela disse que terminou com a outra e que nunca me esqueceu, que se arrependeu.

Marisa não esperava que aquela resposta causasse o que lhe causou, parecia que, de repente, a sala estava menor, e que algo estava errado com seu corpo, a cabeça ficou pesada, as pernas cansadas, queria se deitar e esquecer do resto do mundo.

— Que ótimo, eu e Raul ficamos felizes se você estiver feliz, isso é tudo que importa, que você esteja feliz — disse mais depressa do que pretendia.

Não mentia, queria que Paula fosse feliz, mas de alguma forma sentia-se diferente, talvez temesse que ela não fosse tão feliz assim com a ex.

— Obrigada. Eu também desejo o melhor pra vocês.

Após outro silêncio curto, eles falaram sobre alguns assuntos neutros e Paula despediu-se. Disse adeus depressa, com um rápido abraço em cada um, afagou Max, o gatinho do casal, e saiu.

— Talvez agora possamos voltar à nossa vidinha normal? — Raul falou, assim que fechou a porta, após Paula entrar no elevador.

Marisa teve vontade de responder que quem não gostava da vidinha normal que eles tinham antes, era ele mesmo. Mas não queria brigar naquele momento, sentia algo parecido com tristeza... talvez não chegasse a ser tristeza, um certo vazio, uma inesperada sensação de impotência. Seriam saudades antecipadas, talvez?

— Hein?

— O quê? Ah, sim, claro, com certeza vamos voltar ao que éramos antes.

Marisa tentou seguir com o casamento, depois do término do *swinger*. Ela e Raul amavam-se e podiam ir em frente. Entretanto, ela logo perceberia que nada podia ser igual ao que fora antes. E, após tantas discussões, agora apenas se distanciavam, já não brigavam, falavam pouco, era como se temessem dizer algo que terminaria com o que sobrara de seu relacionamento, o sexo era espaçado, como se o fogo se extinguísse gradualmente.

Raul sentira-se aliviado com a visita de Paula. Era bom que finalmente ela se afastasse deles. Ele só desejava que acabasse, que o trio acabasse, que Paula os deixasse e que voltassem a ser somente os dois de novo. Não se arrependia do que viveram com Paula, fora bom. Mas agora queria ter Marisa só para si, novamente, temia que ela... Não, não pensaria naquilo, não tornaria o medo em palavras, para não transformá-lo em realidade. Agora tudo estava resolvido. Ao menos foi o que pensou, porém, depois do afastamento de Paula, nada voltou ao lugar. Medo e frustração tornavam-no irascível e tudo que conseguia era discutir com a mulher que amava.

Ele não contara para Mauro sobre o que se passava entre ele e Marisa, nas últimas semanas, sobre o que se passava com o trio, a ausência de Paula, as brigas com a esposa, o distanciamento de Marisa, a maneira como ela o evitava. Temia ouvir do amigo alguma opinião que traduzisse o que nem ele ousava dizer para si, a respeito das novas maneiras de Misa. Temia ouvir de qualquer pessoa, fosse de Mauro ou de si, porém, o que mais temia era ouvir de Marisa.

Contudo, Mauro percebeu que havia algo de errado com o amigo.

— Qual é, Raul Leão? O que passa? Você voltou a sair com o pessoal pro *happy hour* às

sextas, mas não é mais o mesmo. Tá meio calado, meio murcho, parece que vai perdendo a juba, nem parece aquele velho Raul Leão.

— Nem fala, cara, acho que é isso mesmo, tô perdendo a juba, os dentes, a selva...

— Que isso, cara, o que tá acontecendo?

— Eu e a Misa, acho que estamos em crise.

Ele fez um breve resumo dos últimos acontecimentos.

— Cara, que coisa... Mas você não pode desistir, ela só deve estar chateada por ter acabado a novidade.

— Sei lá, cara.

— Ou você pensa que tem mais alguma coisa aí?

— Nem quero pensar nisso, Mauro, nem pensar.

— Então, não pensa. Sabe o que você tem que fazer, Raul? Reconquistar tua mulher, vocês se amam, ela te ama. Ó, mulher gosta de agrado, de romance, você tem que ser romântico, comprar chocolate, flores, fazer declaração, jurar amor eterno, essas coisas.

— É, pode ser que funcione.

— Claro que funciona, vai por mim, cara.

— É. Acho que sim.

Marisa também precisou falar com alguém. Ela procurou a prima e amiga, Drica, e elas conversaram algumas vezes.

— Ai, Misa, eu nem sei o que te dizer, eu nunca imaginei que você e Raul poderiam viver uma coisa assim, essa fantasia... Eu não estou julgando, só estou surpresa. Topar isso tem mais a minha cara do que a sua.

— Você toparia, Drica?

— Em princípio não, não é minha fantasia, sou meio ciumenta e tal... Mas suponho que sempre fui bem menos careta do que você — riu.

Marisa revirou os olhos.

— Obrigada pela parte que me toca...

A prima esperou controlar o riso, antes de voltar a falar.

— E agora, essa distância de vocês... O que você vai fazer? Você acredita que ainda conseguem se acertar?

— Não sei. A gente está assim e... Eu não sei mais.

— Você ainda o ama?

— Claro que sim.

— Então vão se acertar.

Em outra ocasião, a resposta foi diferente.

— Mas você ainda o ama, não é?

— Acho que sim, Drica.

Drica foi percebendo que a resposta àquela pergunta distanciava-se cada vez mais do sim.

— Não sei, Drica. Não sei.

Até que um dia, a resposta de Marisa foi um leve torcer nos cantos dos lábios e um silêncio.

A prima estreitou os olhos e observou atentamente a expressão dela, antes de perguntar.

— E a garota? Você vai procurá-la?

— Paula? Não! Pra quê?! Ela já está bem com a outra, está feliz. O problema agora é entre mim e Raul — suspirou. — Drica, eu acho que não o amo mais. Nunca imaginei que um dia fosse acontecer, mas aconteceu, acredito que acabou — sentiu cair duas lágrimas e as limpou. — Não sei como lidar com isso, como dizer isso pra ele. A última coisa que eu quero é magoar o Raul.

— Espera aí, Misa, você acha ou tem certeza?

Ela respirou profundamente, antes de responder.

— Eu sei. Acabou, Drica, eu não o amo mais, não o vejo mais como meu homem, não suporto a ideia de ele me tocar. Não transamos mais e... preciso acabar, porque nem o beijo dele eu quero mais. Essa é a realidade que eu até gostaria de mudar, mas não posso.

— Eu ia dizer pra você pensar bem antes de decidir, mas... Acho que você já pensou.

— Eu amei Raul por quase quinze anos, eu não tenho dúvidas do que sinto ou não por ele. E, decididamente, eu não sinto mais amor.

— É bom você ter certeza muito absoluta porque... Sabe que se tomar a decisão de se separar, vai enfrentar a maior barra, né...? Tem toda a família que, provavelmente, vai fazer pressão pra vocês voltarem.

— Uhum. Eu sei... Acho que a droga de casar com um primo numa família como a nossa é isso, todo mundo acha que tem direito de se meter.

— É, pior que é. E vocês estavam com tantos planos para o próximo ano... Sabe, que vou ficar sempre do seu lado, Misa, mas decididamente, eu não gostaria de estar na sua pele.

— Vai ser difícil para o Raul, é ele que eu gostaria de não machucar, se pudesse. Quanto à família... Eles vão ter de entender, Drica, e vão acabar entendendo, mesmo que leve algum tempo. É a minha vida e não vou permitir que me digam como vivê-la.

— Isso eu sei, você nunca permitiu. Eu me lembro quando você e Raul se apaixonaram, ele teve medo, mas você estava decidida e lutou pra ficarem juntos.

— Foi, e você me apoiou, pelo que sou grata, você é uma grande amiga.

Drica sorriu e elas se calaram bastante tempo.

— E a Paula? — Drica perguntou, finalmente.

— O que tem a Paula?

A prima fitou-a.

— É sério que você não sabe?

— Não sei o quê?

— Que você tá apaixonada por ela, é óbvio!

Marisa franziu as sobrancelhas e estreitou os olhos.

— Como assim? Eu?! Não! Você pirou?!

— Misa, você se apaixonou por essa mulher, o jeito que você fala dela, você tem que se ouvir, tem que se ver, seus olhos brilham quando fala dela. Isso não é preocupação, é amor.

— Não, não... Eu... Não pode ser. Eu...

— Misa, é por isso que eu estou perguntando sobre ela.

— Paula está com a mulher dela.

— Mas você disse que ela estava te olhando de outro jeito. Até o Raul percebeu. Não foi?

— Eu não sei, pode ter sido só impressão da gente. No fim, não hesitou em voltar pra ex.

— E se voltou só pra te esquecer?

— Drica, sabe o que você está me incentivando a fazer? Esqueceu do Raul? Ele me ama e... a gente vai acabar se acertando. É isso.

— Mas foi você que acabou de dizer que não o ama, que não consegue vê-lo como homem! Eu sempre torci por vocês, se puderem se acertar, eu acho ótimo, mas não pelos motivos errados. Você vai ter coragem de ficar com ele só pra não admitir que ama a Paula? É isso?

— Não, Eu vou ficar com ele, porque somos casados e sempre nos amamos.

— Misa...

— Eu estou confusa... Tudo bem, Dri, eu já sei o que você pensa, agora eu preciso de... pôr os meus pensamentos no lugar, pra saber o que eu penso. Então, eu vou embora e... vou pensar.

— Ótimo, pensa, quem sabe, não é nada disso, talvez descubra que ainda ama o Raul e que podem ficar juntos... por amor.

— Uhum. Vou pensar. Vou pensar...

E Marisa pensou, porém, o que percebeu foi que a prima tinha razão. Esforçara-se por não sentir o que sentia: amava Paula e, de início, buscou desesperadamente lutar contra esse sentimento. Procurou dentro de si, pelo amor que sentira por Raul e não encontrou. Sobraram o carinho, a amizade, as lembranças, mas o amor... não estava mais lá, em vez dele, com relutância, encontrava o amor por Paula. Sim, amava Paula. A preocupação, a tristeza, a saudade... Era tudo porque amava Paula. Não quisera ver, não quisera saber, mas amava Paula, agora sabia. Sentia falta dela, de sua companhia, de sua voz, de seu riso, de sua pele, de fazer amor com ela. Pela primeira vez na vida, não sabia como lidar com os próprios sentimentos.

Paula...

Queria tê-la ali, ao seu lado, conversar com ela, ouvir sua risada, rir com ela, queria sentir seu beijo, o toque de suas mãos, o contato da pele, queria voltar no tempo, àquela noite em que a rejeitou e Paula se masturbou pensando nela, queria tê-la aceitado e continuado a beijá-la até perderem o fôlego, queria ter sido ela a tocar em seus seios, a segurar seus mamilos, queria que tivesse sido sua, a mão a levantar seu robe e lhe descer até a vulva, seus dedos a introduzirem-se nela, socá-la forte, fazendo-a gemer e rebolar, queria ter sido ela a lhe trazer o orgasmo e lhe

recolher o gozo junto ao seu nome, “Mi - sa”.

Paula...

Sentada no mesmo sofá em que assistira Paula e lembrando aquela cena, Marisa percebeu que suas mãos amassavam os seios por cima da blusa. Tirou a roupa depressa e se deitou no sofá de bruços, a mão no seio, outra entre as pernas, massageando a vulva.

Paula...

O quadril subia e descia depressa, os olhos fechados, enterrou o rosto no sofá e sufocou um gemido agudo, gozando nos próprios dedos.

Paula... Paula... Ahhh Paulinha...

Talvez, se fosse até um dia antes, que Raul tentasse reconquistar a esposa, chegando em casa munido de chocolate, flores e um grande sorriso, Misa tivesse considerado a ideia de ser reconquistada. Mas a partir daquele dia, ele não tinha mais chances, Marisa decidira-se. E, quando ele lhe entregou os presentes, ela os recebeu sem entusiasmo.

— Obrigada.

— O que foi? Não gostou?

— A gente precisa conversar, Raul.

Ele gelou, eram aquelas palavras que ele desejava nunca ouvir dela.

Conversaram, mas ele se recusava a entender, a aceitar.

— Você se apaixonou por... outra pessoa. Né? — ele tentava controlar o nervosismo, a raiva.

— Isso não tem nada a ver com outra pessoa, Raul.

— Quem é? Você conheceu outro?

— Não, Raul.

— É Paula? Você tá me deixando por outra mulher? É isso? — finalmente, elevou um pouco a voz.

— Você não está me ouvindo, Raul. Eu não tenho outra pessoa. Eu não tenho mais ninguém. Acabou, porque acabou meu amor por você. Eu ainda te amo como vou sempre te amar, mas...

— Por favor, Misa, me poupe disso! — falou ainda mais alto. — Eu nem acredito em você!

Ele se levantou e deu alguns passos, meio sem rumo, coçava a nuca, olhava em volta, parecendo nada enxergar.

Finalmente saiu da sala, mas voltou em seguida.

— Você vai sair ou quer que eu saia? Não, nem se preocupe, Misa, tô indo pra casa da minha mãe.

Foi para o quarto e voltou com uma mochila mal fechada, um pedaço de camisa verde pendendo para fora.

— É um tempo que você quer? Eu vou te dar um tempo.

— Eu não quero um tempo, Raul. Eu quero a separação.

— Um tempo é o que eu vou te dar. Eu te amo, Misa, eu te amo e acho que você precisa de um tempo pra perceber que ainda me ama também.

— Raul...

— Só pensa se é isso mesmo que você quer. Só pensa.

— Eu sinto muito, Raul...

— Pensa nisso!

Ele saiu batendo a porta.

Marisa fechou os olhos e chorou. Acabara uma linda história de amor.

No entanto, chorava também de alívio, era como se, nos últimos tempos, estivesse arrastando um grande peso.

Recompôs-se depressa, era melhor ligar para os pais, conhecia bem como funcionava a família, em breve, todos estariam falando da separação deles e não queria que soubessem por outra pessoa. Melhor ainda, resolveu ir à casa deles. Não foi muito fácil, queriam detalhes, explicações que ela não podia dar, mas deixou claro que era sua decisão e que esperava que entendessem.

Nos primeiros dias, ela estranhou estar só, mas logo percebeu gostar daquela solidão, desde que não precisava mais pisar em ovos, preocupando-se em não dizer a coisa errada para não ferir Raul.

— É, Max, agora somos só você e eu — dizia, afagando o gato.

Raul... logicamente teve notícias dele, estava triste, inconsolável, a família quis arranjar as coisas e ela contou para Drica, os detalhes disso.

— Você acredita nisso, Drica? Dá não.

— Puta que pariu, Misa, os quatro tios vieram falar com você?!

— Uhum, os meus pais e os dele, nessa hora o tio e a tia se esquecem de que são separados e supostamente se odeiam, e se unem pra proteger a cria. O ó! Mas fui incisiva, ninguém vai me dizer como viver minha vida, falei que não estamos dando um tempo, que não tem volta. O tio veio com aquela historinha: “Ah, esse tempo pode ser bom pra vocês repensarem...”

— Fala sério, logo ele... Que moral tem?

— Pois é, mas você sabe como funciona a cabecinha tacanha dele, não é, Drica? Se fosse o filhinho dele que tivesse me deixado, tudo bem, mas o macho alfa não pode levar um toco.

— É, o tio é muito sem semancol.

Houve um silêncio, e elas estiveram a pensar.

— Eu nunca quis magoar o Raul, eu não queria que ele sofresse. Mas quando perguntei à Paula se ela sofreu com a partida da ex, ela me disse: “Alguém sempre sofre, Misa”.

— Perdoe-me, Misa, eu amo meu primo, você sabe, também não gosto de vê-lo sofrer, mas ele cavou essa situação, seria cômico, se trágico não fosse.

— Nenhum de nós poderia supor o que aconteceu, Drica.

— Não o defenda. Ele te colocou numa situação totalmente atípica pra você.

— Mas não me obrigou, não colocou uma arma na minha cabeça. Sei que você está chateada com ele por minha causa, Drica, mas se for uma questão de culpa, então acharemos dois culpados, ele e eu.

— É, você está certa, não existem culpados, aconteceu o que aconteceu, mas... já pensou que poderia ser o contrário? Que poderia ser ele a se apaixonar por Paula?

— Na verdade não, mas numa situação como essa, todas as possibilidades estão abertas.

— É, estão. Agora, é uma pena que no fim, tudo isso só resultou no sofrimento de vocês dois. Só espero que pelo menos Paula esteja feliz, mas... uma vez que não teremos como saber...

— Drica!

— Tá legal, me calei.

Mas a verdade é que Marisa segurava-se para não fazer exatamente o que dizia não querer. Perdera as contas das vezes que abrira o celular para ligar ou mandar um oi. Temia fazê-lo. E se Paula não respondesse à mensagem ou não atendesse ao telefone? E se atendesse e fosse fria? E se causasse um problema no relacionamento dela? A mulher poderia estar perto e não gostar ou, pior, poderia atender. O que sentiria ao ouvir a voz da mulher de Paula? Fechava os olhos a essa última ideia, desistindo do contato.

Após algumas semanas da separação, porém, tomou a decisão. Mentira, não foi uma decisão, foi um impulso, obedeceu ao impulso que levava sempre o pensamento àquela mulher que amava e desejava desesperadamente.

Paula levou um susto ao sair do trabalho e encontrar Marisa parada na calçada da frente, braços cruzados.

— Misa?!

Marisa acenou e ela atravessou a rua, despedindo-se rapidamente dos colegas.

Parou de frente para ela.

— Oi, Paulinha — estava visivelmente nervosa.

— Oi.

— Desculpe aparecer assim... eu... — parou.

— Você...?

— Eu queria saber como você está e...

— E...?

— A gente pode... conversar?

— Claro. Tem um barzinho ótimo logo ali na esquina.

— Mas... não quero te causar nenhum constrangimento... Quero dizer, com a sua mulher...

— Sem problemas. Vamos?

— Eu te amo, Paula. Eu demorei a entender ou aceitar, nem sei, mas eu te amo. Eu penso em você dia e noite, o tempo todo, eu sinto sua falta, muito.

Fitavam-se. Paula pensou que sonhasse, esperara muito por aquele momento, mas desistira, pensou que ele nunca chegaria.

— Você... não precisa dizer nada, se não quiser, eu é que precisava te diz... — Misa foi interrompida com um beijo.

Paula não esperou que terminasse, calou-a colando a boca em seus lábios.

Beijaram-se apaixonadamente, toda a saudade que sentiam traduzida na dança das línguas, no aperto do abraço, no passeio que as mãos faziam no corpo uma da outra.

O resto do mundo deixou de existir naqueles momentos eternos. Só existiam as duas e o beijo sôfrego que trocavam.

O fôlego acabou, e com ele o beijo. Ficou o encanto dos olhares bobos, perdidos um no outro. Ainda não havia mundo fora daqueles olhares, daqueles olhos, daquela hipnose mútua. O gosto do beijo ainda as envolvia.

Então a consciência do entorno voltou, à força da realidade.

Paula viu os olhos cor de mel arregalarem-se, surpresos e felizes. Os lábios doces torceram-se em uma tentativa de deter o sorriso envergonhado.

— Paulinha, você me beijou aqui, no meio da rua...!

— Você se declarou pra mim no meio da rua!

— É. Eu fiz isso... — Marisa espantava-se consigo, pela declaração, mas também pelo beijo que não hesitara em retribuir, passasse quem passasse, visse quem visse.

Paula fez um carinho no rosto dela.

— Eu também te amo, Misa. E só me afastei porque você me deu a entender que eu não tinha chance.

— Naquela noite...?

— É.

— Eu te vi depois.

— Viu?

— Uhum. Voltei pra me desculpar e te chamar e vi você...

Paula soltou uma risadinha.

— Eu não fazia ideia. E... você gostou do que viu...?

— É... na verdade... Amei! — riu. — Fiquei hipnotizada.

— Ah, meu Deus... — Paula escondeu os olhos, fingindo timidez.

Marisa riu e puxou as mãos dela.

— Para! Até parece...

Riram juntas e, fitando-se, o riso foi morrendo.

— Ainda temos que conversar — Misa disse.

— Temos... Ainda quer ir ao bar?

— Não. Na sua casa ou na minha?

— Na minha — Paula foi rápida para responder.

Sorriram.

VI

Sabor do primeiro prazer

Dirigiram o mais depressa que conseguiram, considerando o horário de pico, as pessoas voltavam para casa, após o dia de trabalho. Sorriam uma para a outra ao pararem lado a lado, no semáforo, às vezes pelo retrovisor, quando os carros se enfileiravam.

Chegaram ao prédio, finalmente.

— É impressão minha, ou esse elevador tá demorando um século pra subir? — Paula perguntou, assim que um casal vizinho desceu em um dos primeiros andares, deixando-as a sós.

— Normalmente eu diria que é impressão sua, mas a verdade é que eu estou com essa mesma impressão.

Entraram em casa, Paula fechou a porta e puxou Marisa para si.

— Agora podemos conversar.

Beijou-a demoradamente.

— Essa é a sua conversa? — Misa perguntou segurando-lhe o rosto.

— Uhum.

— Esse uhum é meu.

— Uhum, por isso eu gosto dele.

Beijaram-se novamente.

— Estou gostando dessa conversa, Paulinha...

— Eu amo conversar com você, Marisa.

Falavam entre beijos, acariciando-se. De repente, Marisa interrompeu-as.

— Espera. E Lúcia?

— Que que tem a Lúcia?

— Cadê ela?

— Não está.

— Sei, mas não tem perigo dela aparecer? Paula, eu não quero causar nenhum problema... E nem quero que a gente passe por uma situação... esquisita.

— Não tem perigo e, se ela aparecesse, não teria problema algum, ela não é ciumenta.

Misa fechou o semblante e se soltou do abraço.

— Não é essa a questão.

— Nós poderíamos até, quem sabe, fazer um *ménage*...

— Você tá brincando, não é?

— Não.

Marisa fitou-a por um momento. Por fim, afastou-se dela.

— Se é esse o seu plano, acho melhor eu ir embora.

— Por que, Misa? Você dividiu seu marido comigo. Não acha justo que eu divida minha mulher com você?

Marisa pegou a bolsa jogada a um canto e se dirigiu à porta.

— Tchau, Paula.

Paula correu até ela e a segurou, virando-a para si.

— Ei, ciumenta. É claro que eu tô brincando. Lúcia não está na minha vida.

— Não?

— Não. Acabou.

— Quando?

— Quando ela me deixou.

— Mas e aque...

— Que tal deixar as explicações pra depois? — voltou a beijá-la vorazmente, segurando-lhe o rosto com as duas mãos.

Marisa não discordou, não questionou, agarrou-se a ela e correspondeu.

— Senti falta do seu beijo... — Paula disse no ouvido dela.

— Eu também, do seu.

— E do seu cheiro, do seu corpo... — Paula falava enquanto beijava o pescoço alvo. — Da sua pele, do seu gosto... — foi descendo a boca, beijando os ombros. — Você... sua pele deliciosa... me enlouquece...

Marisa ofegava. Era tão bom sentir o contato da boca de Paula, dos lábios macios e carnudos em sua pele, as mãos delicadas acariciando-a... Sentia-se arrepiar, a excitação crescia.

— Paula...

— Misa — Paula parou de repente.

— O quê?

— Eu preciso de um banho.

— Precisa? Agora?

— É.

— E... você quer ajuda?

— Pensei que nunca perguntaria.

Apressadas, despiram-se no caminho, riam, deixando o rastro das roupas pelo chão, até o banheiro.

Fitaram-se, apreciando o corpo uma da outra, os mamilos enrijecidos mostravam a excitação que sentiam.

— Você é tão bonita, Paulinha.

— Você que é linda demais, Misa. Esperei tanto para tê-la aqui que... — ligou o chuveiro. Esperou a água aquecer e puxou Marisa, beijando-a embaixo da água. — Parece um sonho, um sonho...

— Me deixa provar que é real...

Misa colocou um pouco de sabonete líquido nas mãos e ensaboou o rosto de Paula, com vagar, desenhando as feições e enxaguando em seguida. Depois começou a ensaboar o corpo, iniciando pelo pescoço. Desceu suavemente pelos ombros, o colo.

— Eu me apaixonei pelo seu colo no primeiro dia.

— Você o tocou, pra... arrumar o vestido... — a fala de Paula era entrecortada, a respiração ofegante.

— Uhum.

Marisa desceu pelos seios, fazendo o contorno, ensaboando os mamilos. Desceu pela barriga, o umbigo, continuou descendo, o baixo ventre, a virilha. Paula entreabriu as pernas para ela alcançar o sexo.

— Nossa, amor, quanto mel...

Paula gostou de ser chamada de amor, sorriu. E gemeu, quando Misa ensaboou o sexo, entre os grandes lábios, entre os pequenos...

Marisa esticou o braço e continuou ensaboando atrás. Virou-a para ensaboar as costas, a bunda, onde depositou vários beijos.

— Eu amo sua bunda, é linda.

— Misa...

Ensaboou as coxas, as pernas, os pés. Levantou-se e a colocou embaixo do chuveiro para retirar a espuma. Encostou-se nela por trás, a vulva encostada na bunda dela, as mãos massageando os seios. Paula esfregava-se nela.

— Mi... não... aguento... mais... me... chupa...

Ela obedeceu. Virou-a de frente e Paula se encostou à parede. Misa voltou a se ajoelhar e deitou a boca no sexo dela, lambendo tudo, chupando-a e sentindo o gosto da excitação dela. Segurando os cabelos de Marisa, Paula gemia alto, aproveitando cada lambida, cada chupada. Misa enfiou a língua dentro dela e começou a entrar e sair depressa, enquanto acariciava o clitóris com o dedo. Paula pensou que enlouqueceria. E, quando aumentou o reboado, pedindo mais, Marisa trocou a língua pelos dedos e socou forte dentro dela, usando agora a língua para massagear o clitóris.

— Ai... assim, amor... assim... ahhhh... Aaahhhhh...

Paula não queria gozar, queria prolongar o máximo possível, mas não pôde segurar mais, diante do que Marisa fazia. Sentiu o orgasmo chegar e gozou, pronunciando o nome dela, derramando-se em seus dedos e em sua boca. O corpo estremecendo com força, as pernas logo amolecendo de puro prazer.

Marisa sentiu algo especial ao ouvir seu nome sair gemido da boca de Paula, com o gozo que ela derramava em sua boca.

— Miii... saaaaa...

Tirou os dedos, amparando o corpo dela e se alimentou daquele gozo que tinha um sabor particular, era o sabor do primeiro prazer delas, da primeira vez que faziam amor sozinhas, com o amor mútuo declarado.

Levantou-se e beijou Paula.

— Eu te amo — disse. — Amo você, amo fazer amor com você, adoro seu gosto e a maneira que goza.

Paula sorriu, a expressão lânguida.

— Você... acaba comigo... desse jeito... mulher...

Marisa sorriu também e começou a se esfregar nela.

— Seu sorriso me enlouquece, é lindo.

— E é por causa... dele que você... tá se esfregando assim... em mim?

— Uhum. Por causa dele e de todo o conjunto da obra.

Paula beijou-a.

— Você é um tesão, Misa... Você me dá tesão...

Paula levou-a para debaixo da água, desceu o rosto e começou a chupar os seios dela, mordiscando os mamilos. Misa gemia. Segurando-lhe as costas com a mão, desceu a outra até a vulva e, sem outros preâmbulos, colocou três dedos, enquanto a massageava. Marisa apenas abriu as pernas e se segurou nela, permitindo-a, querendo senti-la dentro de si. Mexia-se depressa, acompanhando a mão dela, sentindo prazer no socar e na massagem, a água regando o amor delas.

— Paula...

Paula deliciava-se, sentindo-a se mexer daquela forma e em lhe chupar os seios, mordiscando-os de leve. Amava muito aquela mulher.

Marisa começou a se mexer mais depressa, os gemidos ficaram mais altos.

— Pau... la... vou... go... zar...

Paula sorriu, vendo-a gozar. Esperou que se recuperasse para tirar a mão e chupar os dedos.

— Você é tãaaao gostosa, Misa, e fica ainda mais linda quando goza.

— Eu te amo... Paulinha.

Beijaram-se ainda sob a água do chuveiro e terminaram o banho.

— Acho que não consigo ficar realmente seca, mesmo depois do banho — Marisa disse com ar malicioso.

— Mas é assim que eu te quero, bem molhadinha, pra poder secar com a minha língua.

— Ai, Deus...

Jogaram-se na cama, rindo, nuas, os corpos perfumados do banho e ansiosos por mais amor, mais sexo, mais prazer.

Paula rolou por cima e se sentou na barriga de Misa. Sorriam.

Beijaram-se. Paula endireitou o corpo e começou a mexer nos seios de Marisa, que passou a acariciar as coxas dela.

Paula deslizou os quadris para trás e encostou o sexo no sexo de Misa.

— Ai...

— Que foi? — Paula perguntou sorrindo com ar safado. — Tá passando mal?

— Não... Tô... passando muito bem... com a sua xana colada na... minha...

Paula começou a se mexer bem devagar, provocando um atrito delicioso.

Marisa mordeu o lábio inferior de forma involuntária, causando mais tesão ainda em Paula.

— Te adoro, Marisa... Adoro tudo em você...

Misa, vendo a expressão libidinosa de Paula, passou a arranhar a perna dela e começou a se mexer mais rápido.

— Calma — Paula pediu. — Vem comigo. Devagar... Isso... assim...

Marisa sentia a respiração acelerar-se cada vez mais, porém, conteve o impulso e segurou os movimentos, atendendo ao pedido da mulher amada, indo junto com ela, em seu ritmo.

Fitavam-se com paixão, com tesão, e Paula começou a aumentar o ritmo devagar.

Misa gemia, ofegante.

O ritmo foi crescendo gradualmente.

— Ai, Paulinha...

Paula estava gostando dos gemidos dela, do olhar suplicante.

— Amor... Paula...

Então, quando nem ela suportava mais, começou a acelerar o rebolado sobre Marisa.

Os sexos em atrito, a umidade de ambas se mesclando. Paula colocou os braços para trás, apoiando-se na cama, Marisa agarrou os seios dela. Aceleraram, o orgasmo avizinhava-se. Gemidos, os nomes delas, Misa... Paula... O gozo delas explodiu em simultâneo.

Paula desabou sobre Marisa.

— Deus... Paula...

— Misa... meu amor...

Ficaram um tempo sem se mexer, exceto pelo estremecimento involuntário provocado pelo orgasmo.

Foi Marisa quem se mexeu primeiro, passando as mãos pelas costas nuas de Paula.

— Você é demais, Paulinha... Eu te amo tanto...

Paula levantou a cabeça e a fitou nos olhos.

— Eu te amo, também.

Misa fez um carinho nos cabelos dela.

— Eu demorei tanto a perceber que te amava. E depois que percebi, pensei que estivesse com a outra.

— Mesmo depois de me ver naquela noite, né? Não percebeu que eu já te amava...

— Desconfiei, mas temi ter certeza.

— Você é doce, Misa, eu amo sua doçura.

Marisa sorriu.

— Sou doce? Por isso você gosta do meu gosto?

— Exatamente. Por isso eu quero te chupar — sorriu safada, já deslizando o corpo para baixo.

— Já?!

— Ainda e sempre.

Marisa riu.

— Então vira, que eu também quero.

— Seu desejo é uma ordem.

Paula virou o corpo rapidamente, posicionando-se com a boca no sexo de Misa e colocando o próprio sexo perto de sua boca.

Marisa pensou que aquela posição era tão ideal... podia sentir o cheiro do amor delas. Passou primeiro os dedos num carinho suave, sentindo a textura dela, depois, já se sentindo chupada, puxou os quadris dela para si, deitando a língua com uma vontade louca.

Paula não perdera tempo, apreciara rapidamente a beleza da feminilidade de Misa e abocanhara logo a vulva.

Chupavam-se mutuamente, Marisa segurava a bunda dela, amava aquela parte da anatomia de Paula. E que língua ela tinha, como a fazia mexer-se sob aquela língua hábil que a chupava deliciosamente.

Elas sentiram tanta saudade do gosto uma da outra, e era tão bom saciarem-se assim, mutuamente, simultaneamente... rebolem juntas, crescerem juntas, o prazer duplo, de dar e receber prazer da mulher amada, o ritmo ia aumentando, tornando-se louco, até que o orgasmo explodiu nelas, ao mesmo tempo. Os gemidos sufocados nas bocas ocupadas no prazer uma da outra, aquele estremecer quase convulso. Seguiram sorvendo o gozo uma da outra.

Ahhh que mulher deliciosa... — pensou Paula.

Deus... que mulher é essa...? — pensou Misa.

Paula deitou-se sobre Marisa novamente, sem mudar de posição. Precisavam de alguns minutos para recuperarem o fôlego e, quando isso aconteceu, Misa passou a mão no meio das pernas dela.

— Que paisagem maravilhosa — disse.

Paula sorriu e virou o pescoço para fitá-la.

— Você é mais safada do que essa sua carinha de anjo denota, Marisa.

— Ah sou mesmo safada por você.

Paula riu.

— Posso ir até aí te beijar ou você prefere ficar apreciando a paisagem?

— Hmmm... essa é difícil...

Paula revirou os olhos.

Marisa passou a mão na bunda dela mais uma vez.

— Vem — disse.

Paula virou o corpo e se deitou ao lado dela. Fez-lhe um carinho nos cabelos e no rosto.

— Eu te amo tanto, Misa — beijou-a e prosseguiu com as carícias em seu rosto.

— Eu senti demais sua falta.

Trocaram palavras de amor e falaram sobre coisas bobas. Riram juntas por nada e por tudo, estavam felizes.

— Estou com sono — disse Marisa, de repente.

— E eu com fome.

— Ah isso eu também estou.

— Que tal uma pizza? Eu tenho um vinho excelente que ganhei e tô esperando uma ocasião especial pra abrir.

— Fechado.

— Vou pedir. Se quiser dormir um pouco, enquanto não chega...

— Acho que vou sim. Você me cansou um pouquinho.

— E ainda nem começamos...

Marisa sorriu, já fechando os olhos.

Comeram na sala de jantar. Vestiam robes da dona da casa.

— Não adianta colocar roupa pra tirar depois — Paula dissera, com um sorriso malicioso, ao estender a peça para ela.

À mesa, Misa elogiou o vinho.

— Tem bom gosto seu amigo.

— Tem sim.

— Paulinha, falei a verdade quando disse que esperava que fosse feliz com a Lúcia.

— Não vou negar que a volta repentina dela mexeu comigo, num primeiro momento, mas não ficamos juntas, eu não quis.

— E por que disse que estavam juntas?

— Eu não disse. Você e Raul deduziram isso. Você perguntou se aquilo era verdade e eu respondi que ela me procurou.

— E que passaram a noite juntas.

— Ela dormiu no sofá.

— Mesmo?!

— Mesmo.

— Por quê?

— Porque ela não é você.

Misa prendeu a respiração ante aquela resposta.

— Era você que eu queria, nem ela, nem mais ninguém.

— Quer dizer que você é só minha?

— Só sua. Eu sou só sua, Marisa.

Beijaram-se.

— Mas você também falou que precisou de um período sabático.

— E precisei. Porque estava amando. Você.

Missa sorriu largo.

— Eu também já te amava. Só tinha medo de admitir.

— Eu sou só sua, Misa e, se pudesse, eu não te dividiria com mais ninguém.

Se pudesse?

— Você tem o Raul, não é? E eu respeito isso.

— Paula, eu...

— Não, tudo bem, é sério, eu posso entender isso, o que eu não posso mais, Misa, é te ver com ele. Não daria mais pra ser do mesmo jeito. Você me entende?

— Não precisa ver nada, Raul também não está mais na minha vida.

Paula largou o garfo que levava em direção à boca.

— Não?!

— Não, Paulinha. Era o que eu estava tentando dizer, eu amo você, só você. Eu pedi a separação, já faz algum tempo.

Paula sorriu. Parecia um sonho. Pegou a mão dela e beijou.

— Eu te amo, Misa.

— Eu também te amo, Paulinha. E também sou só sua.

Olhavam-se, sorrindo bobamente.

— E... como Raul reagiu ao seu pedido?

— Não muito bem. Ele disse que ia me dar um tempo.

— Um tempo?

— É, não quis aceitar, disse que com um tempo, eu veria que ainda o amo.

— Não é de espantar, ele te ama.

— É... Mas eu insisti que não pedi um tempo e sim a separação, inclusive para o resto da família.

Paula levantou as sobrancelhas, sem nada dizer.

— É, exatamente, a família...

E Misa contou sobre a reação dos pais dela e de Raul, que era na verdade o pensamento da família inteira.

— Uau... Que barra, amor! Eu gostaria de poder te apoiar, nesse momento, ainda bem que você tem a Drica. Aliás, mande um beijo pra ela, por mim.

Marisa sorriu.

— Drica é incrível, e sim, torce pela gente. Precisa conhecê-la.

— Quero muito conhecê-la.

Terminaram de comer e Misa quis limpar a bagunça, mas Paula a impediu.

— Deixa, Paulinha, é só lavar os pratos.

— Nada disso — Paula puxou-a em direção à sala de estar. — Eu cuido disso de manhã. Hoje

eu só quero te namorar, te beijar, te amar...

— Eu gosto disso. De você me amar, me namorar. Eu quero ser sua namorada.

Pararam à porta da sala.

— Você é. Minha namorada, minha mulher.

— Ah é? Já somos namoradas, então?

— Nós já passamos pela fase de nos conhecermos, já sabemos como é o beijo da outra, pudemos até sentir saudade de fazer amor. A diferença é que ainda não sabíamos como era só nós duas. Agora sabemos.

— Verdade. E eu amei. E você?

— Maravilhoso. Você é maravilhosa, Misa. Mimi, meu amor.

Misa sorriu.

— Mimi? Gostei. Espera um pouquinho.

Marisa afastou-se um pouco dela e abriu o robe com gestos lentos. Paula sorriu, apreciando a cena.

Misa tirou o robe com vagar, ajoelhou-se no acento do sofá, apoiando as mãos no encosto e virou a cabeça para trás, olhando para a namorada, com um sorriso safado.

Paula despiu-se do robe também, parou atrás dela e começou a lhe beijar as costas e acariciar os seios. Com a outra mão, acarinhou a bunda.

— Bundinha linda — sussurrou.

Colocou a mão no sexo dela.

— Nossa... que delícia — disse sentindo a umidade dela.

— Quer que eu pegue meu amiguinho?

— Não. Hoje eu quero só nós duas.

Paula sorriu e enfiou dois dedos na vulva dela.

— Delícia... — disse Misa, mexendo-se enquanto era socada.

Paula ajoelhou-se e começou a lamber atrás, a bunda, e a abertura.

— Aaaaaiiii... Pau... laaa...

— Que cuzinho delicioso você tem...

— Mais... — disse Misa.

Paula acrescentou um dedo e aumentou a velocidade.

Misa mexia-se cada vez mais depressa, ter ao mesmo tempo, os dedos de Paula pela frente e a língua atrás era enlouquecedor, proporcionava um prazer indizível.

— Paula... Pau... laaa...

Ia gozar, não podia mais conter-se.

— Paulinha... Ahhh...

Os gemidos dela deixavam Paula com mais vontade, seus dedos e língua trabalhavam mais depressa, mais depressa...

Misa gritou o nome de Paula uma última vez, quando gozou.

Paula, enlouquecida com o prazer dela, continuava.

— Para... para, amor, para... por... favor...

Paula parou e retirou os dedos. Exausta, Misa sentou-se no sofá.

— Ai, Deus... Paulinha...

Paula contemplava-a fascinada.

Depois de alguns minutos, Misa soltou uma risadinha.

— Paulinha, acho que não tenho mais forças...

Paula sorriu.

— Que pena, porque você me encheu de tesão.

Misa suspirou, olhando o corpo dela.

— Nesse caso, tenho certeza de que minhas forças voltam já, já...

Ao acordar, Marisa percebeu-se sozinha, porém, lembrando-se de onde estava e de tudo que ocorrera naquela noite, sorriu.

Paula terminava de preparar a bandeja para levar ao quarto, quando Misa apareceu na cozinha. Trocaram um beijo demorado.

— Essa bandeja era só para nós?

— Era, mas você estragou minha surpresa.

— Não me mima porque eu me acostumo fácil ao que é bom.

— Meu sonho era te mimar, Misa. E só ia te acordar porque você tem hora pro trabalho, do contrário, eu ficaria te assistindo dormir.

Misa beijou-a.

— Ainda quero passar em casa e trocar de roupa.

— Eu te prefiro sem roupa.

— Uhum. Mas preciso de roupa para ir trabalhar.

Estavam felizes, falaram sobre a noite, sobre como perderam tempo.

— Paulinha, eu vou precisar falar com o Raul.

— Eu sei. Posso estar com você.

— Não. É melhor não, tem que ser só eu e ele.

— Eu entendo, mas eu tenho muito a ver com essa história. Posso te ajudar a fazê-lo entender.

— Não sei se ele vai querer entender agora, eu só sei que quero que ele saiba por mim. E é melhor que seja uma conversa só entre nós dois. Mas tudo bem, não precisa ser hoje também.

— Não. Mas... isso quer dizer que você vai me assumir na frente de todo mundo? Da família?

— Vou. Eu te amo e não pretendo te esconder de ninguém.

Beijaram-se.

O que Misa não esperava era pelo susto que tomaria ao abrir a porta de casa.

— Jesus! Raul?!

Ele estava sentado no sofá de frente para a porta, uma das malas de viagem no chão, perto dele.

— Bom dia, Marisa.

VII

Separação e confronto

A separação levava Raul mais para perto do pai, de quem, até então, ele se mantinha distante, exceto em ocasiões necessárias. O pai o procurou na casa da mãe e quis conversar a sós com ele, assim que soube da separação.

— Sua mãe me contou.

— Não devia, esse é um problema meu.

— Devia sim, eu sou seu pai. Sei que temos nossas diferenças, mas eu sempre tentei ser um bom pai, nunca deixei faltar nada pra você e seu irmão.

— Eu sei disso, pai.

— Pode confiar em mim, Raulzito, a última coisa que eu poderia querer nessa vida, é a infelicidade dos meus filhos.

Com certa relutância, Raul contou ao pai o que não tinha coragem de contar para mais ninguém da família: o porquê da separação, como ele e Marisa chegaram até ali.

— Você nunca me entendeu, Raulzito. Eu sempre te disse que mulher é assim, que a gente tem que saber lidar. A gente tem que saber qual é o nosso papel e o delas, que são dois papéis bem diferentes. Eu não te condeno por ter esses instintos que são instintos normais de homens. Que homem não sonha em ter duas mulheres? Que homem não se excita ao ver duas mulheres fazendo sacanagem? Isso não é problema, filho, o problema foi ter incluído sua mulher nessa merda. Mulher da gente não é pra isso. Pra essas coisas existem mulheres próprias.

Normalmente, Raul teria discordado do pai, mas naquele momento, ele não conseguiu, parecia-lhe de repente que aquele homem com quem sempre tivera conflitos de ideias, devido ao sofrimento que causara à mãe, era o homem mais sábio do mundo, o maior especialista em comportamento feminino.

O pai continuou.

— Você tem razão, Raulzito, é provável, com noventa e nove por cento de chance de que ela esteja com essa... Paula. Resta ter certeza. Aí você me diz.

— Sim, senhor, eu digo.

E, quando Raul teve certeza, pelo dispositivo de localização do celular, ligou para o pai.

— Pai, ela tá lá na casa da Paula, acho que pegou ela no trabalho e foram pra lá. Eu vou lá, eu vou lá e vou dizer umas verdades pras duas! — o desespero e a raiva eram evidentes na voz dele.

— *Meu filho, Você quer sua mulher de volta?*

— Claro que quero, pai, eu amo a Misa.

— *Tá. Então, você não vai fazer nada disso. Vai fazer só o que eu vou dizer. Ah, e também nada de contar pras pessoas que foi você que a levou até essa mulher. Você precisa ser a vítima, se quiser ter chance de recuperar sua mulher.*

— Mas e se ela mesma contar?

— Raulzito, não seja ingênuo! *Você acha mesmo que Misa terá coragem de dizer pra todo mundo que ela foi a uma casa de sacanagem? Dizer isso pros pais dela? É ruim hein... Vai por mim, filho, ouve a experiência do seu pai. Você vai fazer o seguinte, você vai pra sua casa bem cedinho e vai arrumar a mala...*

Ele seguiu as instruções do pai e ficou esperando Misa chegar.

— O que você faz aqui, Raul? — Misa perguntou, entrando e parando em pé no meio da sala.

— Na minha casa? Eu vim pegar umas coisas. E você? O que você “não” faz aqui a essa hora? Onde você dormiu?

— Isso não é da sua conta.

— Tem certeza?

— Absoluta, assim como tenho certeza de que você não deveria estar aqui.

— Na nossa casa?

— Estamos separados, Raul.

— Eu não te dei separação, eu te dei um tempo, Marisa. E não foi pra você dormir com outra pessoa. Quem é? Fala, Marisa, com quem você passou a noite?

— É melhor você ir embora.

— Eu não saio daqui enquanto você não me responder onde e com quem você passou a noite.

— Eu não vou me submeter a um interrogatório na minha casa, que você invadiu sem ser convidado. Eu não te devo satisfação alguma. Vai embora.

Ele riu sarcástico.

— Invadi? Essa é boa! É a minha casa também, eu tenho a chave, foi assim que eu entrei.

— Me devolve essa chave e vai embora!

— Pra você entregar pra sua namoradinha?

Misa hesitou, mas logo respondeu.

— Não é da sua conta o que eu faço com a chave da minha casa.

— Como vai ser, Misa? Um dia na casa dela e outro na nossa? Ou tem sido sempre aqui, aproveitando minha ausência forçada? O que houve? A mulher dela viajou e você foi pra lá, depois de buscá-la no trabalho?

— O que você está dizendo?

— Eu sei que você foi buscar a “Paulinha” e depois passou a noite na casa dela. Não adianta negar.

— Você está me vigiando, Raul?

— Desde quando essa canalhice tá rolando, Marisa? Vocês devem ter rido muito nas minhas costas.

— Não há nenhuma canalhice e ninguém riu nas suas costas, Raul.

— Foi por isso que você quis a separação, né? Por causa dela! — elevou o tom de voz, levantando-se.

— Não, Raul, não foi desse jeito... Eu ia... eu quero conversar com você, mas não assim, com você me vigiando e invadindo meu espaço.

Ele riu de novo.

— O que você tem na cabeça, Marisa? O que você tá pensando? Me trocar por uma vagabunda!

— Calma aí, vê como você fala!

— Eu falo daquela vagaba como eu quiser!

— Chega Raul! — ela também levantou a voz. — Eu não admito que você fale assim da Paula!

— É? E como você chama uma mulher como ela? De santa? Você tá achando o quê? Que as pessoas vão aceitar isso, Marisa? Você pensa que a família vai querer você nas festas de fim de ano, acompanhada dela?

— Como você ousa?

— Eu ouso?! Como eu ouso?! Olha pra gente, Marisa! Olha pra nós! — ele fez uma pausa rápida e voltou a falar baixo — Nós éramos felizes, Misa. Não éramos? Vamos completar quinze anos, nosso aniversário tá chegando. Nós temos planos, nossa casa nova, um filho... Pensa nisso, Misa. Você não pode apenas jogar nossa vida pelo ralo. Eu te amo, sempre te amei. Eu...

Marisa fechou os olhos.

— Eu não planejei isso, aconteceu. Eu também te amava, Raul, e não quis te magoar. Mas acabou, eu não pedi por isso, mas eu não te amo mais.

— Mas me magoou, Misa, tá magoando. Pensa na minha situação, o que as pessoas vão dizer de mim, o cara que foi trocado por uma mulher, por uma vagaba que pega casal em casa de *swing*.

— Raul, você está se ouvindo? Olha as coisas que você está dizendo.

— Eu só tô falando a verdade, Misa. Eu te amo e sou homem, as pessoas vão questionar minha masculinidade, minha capacidade de cuidar da minha mulher, de ser homem pra ela. Porra, você tá me trocando por uma mulher, uma vagabunda que gosta de transar com casais variados!

— Incluindo a gente! Ou você se esqueceu disso? Você consegue se ouvir, Raul? Pra transar com a gente, pra satisfazer a sua fantasia, Paula servia, agora não presta mais? E daí, que ela frequenta casa de *swing*?

— E daí?! Aquilo é um antro! Você vai ter coragem de dizer pros seus pais que a conheceu ali?

— Que “nós” a conhecemos ali, Raul. Se é um lugar tão horrível, por que você foi lá? Por que me levou lá?

— Eu te amo, por isso te incluí, eu nunca pensei em te deixar de fora, em te trair, preferi te levar naquele lugar... Mas é diferente, Marisa. Eu sou homem e você foi comigo, e nunca quis ir, você é uma mulher decente, não gosta desse tipo de lugar. Mas a Paula? Ela ama aquilo!

— Seu hipócrita! E daí que você é homem? Homem pode tudo? Paula ama, sim, frequentar *swing*, e daí? É um estilo de vida, o fato de que eu não gosto, não me torna melhor e não minimiza quem gosta. E quer saber? Ao contrário de você, Raul, Paula não frequenta *swing* quando está amando, não porque condene quem o faça, mas porque não precisa, o amor da

pessoa basta pra ela.

Ele se calou por um momento. Depois riu.

— Ahhh, a santa Paula! A mulher dela, ela guarda em casa e só divide as dos outros, até seduzi-las. Você não vê? Ela te quis desde o início e não sossegou enquanto não te tirou de mim! De mim, seu marido!

— Chega, Raul! Sai daqui! Eu não quero ouvir mais nada de você, eu não conhecia esse teu lado cínico e machista, parece teu pai falando... Sai daqui!

— Misa...

— Sai!

Ele se dirigiu para a porta, mas parou a meio caminho.

— Você não vai ser feliz com essa vagabunda. Você sequer poderá apresentá-la pra família, e vai querer voltar rastejando pra mim. É bom que seja logo, antes que eu também não te queira mais!

Saiu e bateu a porta.

Misa arreou-se no sofá.

Quem é esse homem? O que aconteceu com o Raul que eu amei?

O celular tocou.

— Oi, amor.

— *Oi, minha vida! Já chegou?*

— Já. Acabei de chegar.

— *Tá tudo bem? Sua voz tá esquisita.*

— Tá tudo bem, sim — hesitou. — Cheguei e... Raul estava aqui.

— *Aí? Na portaria, te esperando?*

— Não. Dentro de casa.

— *Sem te avisar?*

— Ele tem as chaves. Entrou e ficou me esperando. Preciso trocar a fechadura — hesitou de novo. — Ele sabia que eu estava aí, que passei a noite com você.

— *Como assim, sabia? Ele tá te vigiando? Você está bem? Quer que eu vá aí?*

— Não, amor. Eu estou bem. Eu tinha esquecido do app de localização.

— *Puta que pariu... Que sacana! Mas... tá tudo bem? Ele fez alguma coisa...?*

— Não. Só... falou um monte de merda.

— *Tipo o quê?*

— Um monte de lixo hipócrita e sexista. Nem parecia o Raul...

— *Eu vou praí, vida.*

— Não precisa, amor, eu estou bem. Um pouco... surpresa, um pouco abalada, eu não esperava... Mas estou bem, fica tranquila. Vou desligar esse bendito app e me trocar.

— *Tá bom, mas eu vou querer te ver no almoço.*

Misa sorriu.

— Sim senhora, a gente almoça junto, aqui, eu peço alguma coisa e aproveito pra mandar trocar a fechadura.

— *Tá, mas qualquer coisa me liga e eu vou correndo.*

— Tá bom. Te amo, Paulinha.

— *Te amo também, minha vida.*

Misa lembrou-se de Max, estranhando que ele ainda não tivesse aparecido.

— Max? Max, cadê você, filho? — saiu procurando-o pelo apartamento.

Mas não encontrou.

— Desgraçado! Não acredito!

Ligou para o ex.

— Raul, cadê o Max?

— *Tá comigo* — ele disse com voz calma.

— Devolve o meu gato. Por que você levou o Max?

— *Seu gato, não, meu gato, eu comprei.*

— E me deu! Ele é meu!

— *Então é nosso, você ficou no apartamento que é nosso, o gato fica comigo.*

— Raul...

Ele desligou.

— Filho da puta...!

Marisa não esperava por aquilo e conversou com Paula, ao almoço, logo depois do chaveiro trocar a fechadura do apartamento.

— Eu não esperava isso dele nunca. Raul nunca foi assim, Paula. Levar o meu gato na surdina...

— Ele também deve ter falado coisas horríveis, né?

Misa suspirou.

— É, falou.

Finalmente, ela contou para a namorada, toda a conversa que tivera com Raul, naquela manhã.

— Eu juro que não entendo, Paulinha, esse não é o homem com quem eu me casei.

— As pessoas mudam, Mimi. Algumas situações inesperadas podem trazer mudanças instantâneas.

— Ou mostrar uma face que até então estava oculta.

— Também.

— Eu vou buscar o meu gato, não vou deixar assim.

— Se quiser ir mesmo, eu vou com você, minha vida, sei o apego que você tem por Max, mas julga que é uma boa ideia?

— Você não acha?

— Eu penso que é isso que ele quer, confronto. E na casa da mãe dele.

— Pode ser.

— Eu acho que ele vai te provocar, tentar tirar seu equilíbrio. Mas o gato é seu, você tem o direito de o querer de volta.

Misa ficou pensativa e Paula prosseguiu.

— Se quiser ir buscá-lo, tudo bem. Agora, você sempre pode questionar a guarda do Max numa separação formal.

— Como chegamos a isso? Raul está agindo como um boçal. Mas você tem razão, o que ele quer é confronto, pra me desacreditar junto à família. Eu vou tentar resolver isso racionalmente.

À tarde, ela ligou para a tia, mãe de Raul.

A tia foi fria e até ríspida.

— *O gato é tão seu quanto dele.*

— Tia, ele me deu o Max. E hoje ele entrou aqui sem me avisar e levou o Max.

— *O que você quer, Misa? Minha solidariedade? Meu filho está sofrendo por sua causa.*

— Tia, nós já falamos sobre isso.

— *Falamos sobre a separação, não sobre o motivo. Depois de trocar meu filho por uma mulher, você não pode querer nada de mim. Boa tarde* — desligou.

Misa espantou-se, não esperava que Raul tivesse contado sobre Paula para a mãe dele.

À noite, ela iria para a casa de Paula, mas após falar com a tia, ligou para a namorada, para explicar que passaria primeiro na casa dos pais, devido ao que a tia dissera.

— Mas ele contou tudo?

— Não sei, acredito que não, se não ela teria falado também. Mas o que ele contou pra ela, logo a família toda vai saber. Se é que já não sabe.

— Mimi, tem certeza de que não quer que eu vá com você?

— Não, amor, é melhor não. Fica tranquila.

Na casa dos pais, o clima já estava tenso, quando ela chegou. Os pais já sabiam que ela estava com uma mulher e não se conformavam.

— Uma mulher, Misa?! O que é isso? Você virou sapatão, minha filha?

— Mãe, por favor, não use esse termo dessa forma, sim?

— Você prefere ser lésbica? Você pensa que isso faz diferença na cabeça das pessoas? Você acredita que pelas nossas costas as pessoas vão te chamar de quê? É de sapatão pra baixo! O que deu na sua cabeça, minha filha!? Seu marido é um homem bom, que te ama! Como você pôde traí-lo com uma mulher...? Nem nos meus piores pesadelos, eu sonharia com algo assim...

— Mãe, eu não traí o Raul. Eu não planejei isso, mas me apaixonei por...

— Ah, por favor, não me venha com essa história, eu não quero ouvir isso! Você precisa parar com isso! Você precisa voltar à razão, minha filha! Vocês tinham planos tão bonitos... comprar a casa dos seus sonhos, ter um filho... E o meu neto? Você desistiu até do meu neto...?

— Não, eu não desisti de ter um filho.

— Ah, meu Deus, não me diga que pretende ter um filho com outra mulher, eu não quero ouvir isso! Você está ouvindo essa? — a pergunta foi para o marido que permanecia calado.

— Eu vim aqui para conversar, mas a senhora não quer me ouvir.

— Conversar? Você quer que eu e seu pai aceitemos essa situação esquisita? Você... Nós vamos ser apontados na rua. Você entende, Misa? Nós também somos afetados. Você não pensa no que vão dizer? Nossa família, nossos amigos, as pessoas da igreja... O que vão dizer de você e de nós?

— É só nisso que você pensa, mãe, no que os outros vão dizer? O que eu penso, o que eu sinto não é importante?

— Mas o que você pensa é sempre importante, não é, Misa? É sempre o que você pensa, o que você sente, o que você quer. Quando se apaixonou pelo primo todo mundo teve que entender, não é? Agora você troca ele por uma mulher e todo mundo tem que entender. Simples assim, né, Misa?

Marisa suspirou e fitou a mãe por um momento. Depois olhou para o pai.

— E o senhor, pai? Não diz nada?

Ele negou com a cabeça.

— Tudo bem, eu perdi meu tempo vindo até aqui. Tô indo.

— Só mais uma coisa, é verdade que ela é... negra?

— Por quê, mãe? Isso também faz diferença para a senhora?

— Não, claro que não... é só... pra saber...

— Uhum. Sei... Tchau!

— E não se atreva, nem pense em trazer essa mulher aqui, eu não quero conhecê-la.

— Não se preocupe, mãe, agora sou eu que não quero que ela conheça vocês.

— O que isso quer dizer...? Misa...

Saiu apressada. Entrou no carro e deu partida, o rosto banhado em lágrimas.

Quando chegou à casa de Paula, essa apenas abriu os braços e a recebeu, abraçando-a e acalentando.

Doeu em Paula vê-la sofrer daquela forma, por amor. Ou por preconceito. Ou por intolerância... Por um julgamento falho por parte da família. Os pecados dela, se tivesse que listar, seriam amar e ter coragem de viver esse amor. Marisa não merecia a punição que lhe impunham. Deu-lhe a liberdade de não falar, não perguntando, apenas acarinhando.

Marisa não quis comer, tanta era a dor que trazia.

— Me acompanha, ao menos?

— Claro.

Deitaram cedo e dormiram tarde, assistindo a um filme que Misa não viu realmente.

Paula acordou com um beijo roubado, a língua sugada, o corpo de Misa esfregando-se nela, o quarto escuro, era ainda madrugada, não teve tempo para pensar, o tesão veio antes do

raciocínio.

— Me ama... — sussurrou Misa em seu ouvido, com o corpo nu pronto para ela, puxando-lhe a mão em direção ao seu sexo.

— Amo... — respondeu sentindo a umidade dela, os seios nus de encontro aos seus.

Desceu a boca e mamou-os, enquanto melava os dedos na vulva molhada e pulsante.

Misa gemia.

Excitada, já tão molhada quanto a namorada, naquele frenesi de amor, Paula tirou rapidamente o *babydoll*, virou-a e se colocou em cima, enfiou três dedos na frente, enquanto encaixava a xana na bunda dela. Mexiam-se depressa, loucamente, sem palavras, só ação e gemidos que se confundiam, nem elas sabiam qual som era de quem.

Misa gozou soltando um urro quase animal. Paula deu os últimos impulsos, gozando também, a boca enterrada nos cabelos cor de mel.

Os corpos ainda convulsionando de puro gozo, o sono as chamava de volta.

Satisfeita e sonolenta, Paula sentia o pulsar de prazer da namorada nos dedos. Logo antes de Misa mexer em seu braço, em um pedido silencioso para que tirasse, pensou vagamente que amava aquele ritmo de amor e que queria ficar lá dentro, mas obedeceu e se retirou dela, rolando logo para o lado.

Abraçaram-se quase tão instintivamente quanto se amaram e voltaram a dormir.

Amanheceram abraçadas, Paula despertou e não se mexeu, para não acordar Misa e também porque estava gostoso ficar ali. Esperou o despertar dela e recebeu um lindo sorriso de bom dia.

— Estou outra depois do que você fez de madrugada — Misa disse, espreguiçando-se.

— Corrigindo: Do que fui obrigada a fazer.

Misa riu.

— Queria não?

— Hum-hum.

— E por que não recusou?

— Não tive escolha, fui cercada por todos os lados.

— O mel que você derramou na minha bunda dizia outra coisa...

— Nossa, Mimi, bati palminha.

— Que bom, era essa minha intenção.

— Ah, foi intencional, então?

— Uhum.

— Safada.

Misa sorriu, de um sorriso sacana, já se mexendo contra o corpo de Paula.

— Você me excita fácil, fácil.

— Não temos muito tempo, vida...

— Então não percamos tempo — grudou a boca no seio de Paula, chupando com vontade.

— Ai, Mimi... isso... mama... você mama tão gostosinho...

Misa desceu a mão para a xana dela.

— Ah, já tem mel aqui de novo...

— Você também me excita fácil — Paula também se mexia de excitação e esticou a mão para o sexo da namorada.

Marisa deixou o seio dela e endireitou o corpo, dando-lhe mais acesso. Fitaram-se e se beijaram, as mãos uma na vulva da outra, sentindo a excitação e inflamando mais. As línguas em um beijo sintonizado com os dedos, mexiam-se no mesmo ritmo crescente, parando apenas para dar passagem ao ar, mas depressa e sem deixarem de se tocar. Era gostoso e louco, logo fugia às duas mulheres a noção do tempo escasso, foi a urgência do prazer que as fez irem mais e mais depressa, até que gozassem deliciosamente nas mãos uma da outra. Foi só aí que os dedos e as línguas pararam e as bocas afastaram-se, porque as mulheres precisavam de ar e de esperar até que a respiração pesada se acalmasse.

Sorriram bobamente uma para a outra.

— Gosto de como você me cansa — Paula disse, assim que pôde falar.

— Você é muito gostosa, Paulinha. Te amo muito.

— Te amo demais, vida.

Beijaram-se.

Ao café, depois do banho, Misa estava menos abalada do que à noite.

— Ouvi barbaridades da minha mãe e um silêncio bárbaro do meu pai. O que ele deixou de falar doeu mais do que as palavras dela.

— Eu sinto muito, minha vida.

— Obrigada, amor. Mas tudo bem. Eu lamento também, sei que não é fácil para eles se depararem com essa nova realidade, mas não vou violentar meus sentimentos e sacrificar minha felicidade para tornar as coisas menos incômodas pra eles. Eles fazem as escolhas deles e eu as minhas, não vou me culpar pelo preconceito deles.

— É tudo muito recente, talvez eles precisem de mais tempo.

— Pode ser... Mas deixemos isso de lado, por hora. Vamos falar de magia.

— Magia?

— Isso. De certas mãozinhas e linguinha que fazem mágica... — disse com ar malicioso.

Paula riu.

Os dias dispuseram-se a passar, Drica conheceu Paula, e ambas se deram muito bem. Drica era uma das únicas pessoas na família ao lado das duas. O “caso Misa” era comentado por parentes e amigos. Quase ninguém conseguia entender o que acontecera, por que ela deixara Raul, ou melhor, como ela se tornara lésbica de repente. E a família dividiu-se entre os partidários dela e os de Raul. A maioria ficou do lado dele, alguns sentiam aquela separação, como uma afronta pessoal, entendiam que Misa fizera uma “traição sórdida” a Raul e, por extensão, à família.

No entanto, ela tinha a aprovação da maioria dos primos mais jovens, principalmente primas, que fizeram questão de conhecer também a nova namorada dela.

— É impressionante como essa geração mais nova tem a cabeça boa, não é, não, Drica?

— Verdade, mas também quando resolvem ser reacionários... Não há nada pior do que um jovem reacionário.

— Isso. Já basta os mais velhos da família...

— Conhece minha opinião, Misa, conte a verdade, como conheceu Paula, e eles vão parar de ter peninha de Raul.

— Ou vai haver ainda mais reservas contra Paula. Você sabe como o pensamento das pessoas é machista, Drica.

— Sei, mas que se dane.

— Também cansei dessa gente, que se danem. Tenho horário marcado com a advogada, essa semana. Quero saber quando posso pedir o divórcio, vender o apê, que aliás fica mais fechado do que outra coisa, estou mais na casa da Paulinha do que lá.

— Você vai pedir a guarda do Max?

— Uhum. Sinto muita falta dele... O maluco quer guarda compartilhada, mas com certeza é só pra poder me perturbar. Pelo menos não tive filhos com ele, seria uma ligação eterna, além da já existente, por sermos primos.

— Então, você não vai mesmo ao niver?

Drica referia-se ao aniversário de um tio.

— Claro que não. A tia mandou avisar que o convite é só pra mim.

— Mentira!

— Verdade!

— Mas que horror, que gente sem semancol!

— Paulinha já tinha falado pra eu ir, ela não iria de qualquer jeito, mas eu também não ia sem ela, não vou a lugares aonde minha mulher não pode entrar. Falei para ela: Amor, família ou não, só vou se você puder ir.

— Você está certíssima.

— Estou cansada dessa gente, Drica... Que foi que está me olhando e sorrindo assim?

— Pensando em como você mudou.

— Eu mudei?

— É. Você nunca foi de chamar ninguém de amor, de bem, essas coisas... nem o Raul.

— É verdade... — sorriu involuntariamente.

— O que aconteceu? Não, porque você está diferente, não estou dizendo que você não amava o Raul, mas você mudou, mas não é algo identificável, sabe? É algo sutil, talvez eu só note porque te conheço bem.

— Eu também me sinto diferente, mas também não sei explicar. Assim, acredito que amamos pessoas diferentes, de formas diferentes e, com Paula é diferente, talvez por ser mulher, Drica, há mais sensibilidade, mais afinidade, mais... suavidade...

Drica sorriu.

— Entendi. Seja o que for, te torna mais bonita, mais feliz.

— Mesmo? Que bom! Obrigada — riu.

— Mesmo! — a prima riu também.

Um dia antes de falar com a advogada, Paula teve um *insight* e acessou a conta conjunta dela com Raul.

Filho da puta! Filho da puta!

Não pensou, agiu por instinto, saiu do trabalho no meio do expediente, com uma desculpa de urgência na família. No caminho ligou para o ex.

— Você limpou nossa conta? Você roubou meu dinheiro, Raul?

— *Meu dinheiro. Logo, não roubei nada* — a voz dele soou calma no ambiente do automóvel.

— Nosso! Metade é meu e eu quero de volta!

— *Senta e espera.*

— Já estou sentada. No carro. Indo para a casa da sua mãe.

— *Pra quê?! Não se atreva a...!* — ele gritou, mas ela desligara.

VIII

Amor é pele também

Misa não estava disposta a deixar passar mais aquele absurdo, sentia uma raiva insana. Ligou para a mãe logo em seguida.

— Estou indo pra casa da mãe do Raul — só disse isso.

— Pra quê? Marisa, você não vai fazer nenhum escândalo...

Ela desligou.

Furiosa. Era como se sentia, e só por isso estava agindo daquela forma. Não permitiria que Raul lhe tirasse tudo, se continuasse cedendo, até onde ele iria? Pensou em Paula. O que ela diria? Descobriria depois, não ligaria para ela agora, só a preocuparia. Ao invés disso, ligou para a prima.

— Que filho da puta! Ele fez mesmo isso?

— Fez, Drica. Mas eu tô indo buscar o Max e o meu dinheiro, na casa da mãe dele.

— O que você vai fazer, Misa?

— O que for preciso pra rever o que é meu.

— Espera, onde você está? Eu vou com você.

— Então me encontra lá. Já estou no caminho.

Ela chegou ao mesmo tempo que os pais. A tia tinha ordem do filho e do ex-marido, de não a deixar entrar, mas quando viu a irmã e o cunhado, mudou de ideia.

— Raul não está, Misa — disse logo.

Max correu para ela, feliz em vê-la, mas ela se assustou com a aparência dele.

— Ô filho... como você está...? — com lágrimas nos olhos, encheu-o de beijos e o manteve no colo, acariciando o pelo macio. — Por que ele está tão magro? Não dão comida pra ele?

— Claro que damos! — a tia respondeu indignada. — O que veio fazer aqui? Buscar confusão?

— Conversar.

— Não é assim, na hora que você quer. Como minha irmã bem lhe ensinou, desde pequena, não se chega assim na casa dos outros, a hora que você quer para tratar de um assunto delicado.

— Mas foi assim na minha casa, quando todos vocês quiseram conversar. Não foi? Quando foram interceder pelo pobre Raul, e colocar juízo na cabeça da megera aqui?

A tia calou-se.

— Por favor, minha filha, vamos embora — pediu a mãe.

— Não.

— Então diga logo o que quer dizer, Misa.

— Ainda não, tia. É melhor falar com todos os interessados presentes.

O pai de Raul, chegou em seguida. Marisa não estranhou, era esperado que Raul e a tia o chamassem.

— Posso saber o que está acontecendo aqui?

— Oi, tio. Seja bem-vindo. Começamos já, já, assim que Raul chegar.

— Uma vez atrevida, sempre atrevida.

Misa sorriu cinicamente, em provocação.

— Uhum.

— Que tal acalmarmos os ânimos? — o pai dela interveio.

Marisa sentou-se no sofá afagando e falando com Max, que ronronava feliz com o reencontro.

Fora isso, o silêncio esteve na sala por longos minutos, até que Misa tornasse a falar.

— Posso adiantar um assunto. Quero de volta o meu gato e o meu dinheiro, que Raul roubou da nossa conta conjunta.

— Como é que é?! Ele pegou o seu dinheiro?! — perguntou-lhe o pai.

— Aquele que vocês vêm juntando pra comprar a casa nova? — perguntou a mãe.

— Uhum. Esse mesmo.

O pai dela olhou para o tio.

— Isso já é passar dos limites.

Raul chegou nesse momento, cortando o assunto. Ele já sabia que os tios estavam ali, a mãe o avisara por mensagem. Cumprimentou-os educadamente.

— O que você quer aqui, Marisa?

— O que você acha? Vim buscar meu gato e meu dinheiro. Aliás, por que Max está tão magro? Está doente?

— Ele teve uma virose, mas já tá bem.

— Virose? E você não pensou em me avisar? Você o levou ao médico?

— É claro que sim! Olha aqui, Marisa, você não devia estar aqui, eu não quero que envolva meus pais nessa sua história suja, nem seus pais merecem isso.

— Primeiro a história suja é sua e não minha. Segundo, é tarde demais pra pensar nisso, Raul, você os envolveu antes. Aliás, você envolveu a família inteira.

— Eu não envolvi ninguém, nossos pais estão preocupados, a família inteira está estarelecida com o seu novo comportamento.

— Meu comportamento, Raul? Você tirou Max de mim, nem sequer me avisou que ele ficou doente, e agora roubou meu dinheiro.

— Você acha mesmo que pode se fazer de vítima, agora, Marisa?

— Não fui eu que me fiz de vítima, eu sequer tive tempo de falar com as pessoas, você se encarregou de contar as coisas do seu jeito.

— Raul! — o pai de Marisa cortou a discussão do ex-casal. — Eu acho que você poderia explicar por que pegou todo o dinheiro da conta de vocês, inclusive a parte de Misa.

— Porque eu acho, tio, que Marisa não tá pensando direito.

Marisa forçou uma risada debochada.

— Claro, e em pleno século XXI eu preciso de um homem para gerenciar meus pensamentos e meu dinheiro.

— Parece que precisa, sim. Você está fazendo um monte de coisas absurdas, nos últimos tempos. Inclusive me trair e me trocar por uma mulher. Vai-se saber o que fará com esse dinheiro! De repente resolve dar todo pra sua amante!

— Você quer me dizer o que eu devo fazer com o meu dinheiro?

— O dinheiro é nosso, Marisa, nosso! Pra comprar a nossa casa, pra criar o nosso filho!

— Deixa de ser doido, Raul! Não existe mais “nós”! Quando você vai entender isso?

Houve um silêncio em que os dois apenas se fitavam.

— Você vai ter mesmo coragem de trocar tudo e todos por uma mulher, quando sequer teve coragem de me contar que estava dormindo com uma?

— Você não me deu tempo de falar nem com você, nem com ninguém. O covarde aqui é você que só contou metade da história.

Raul fitava-a furioso.

Dessa vez o silêncio foi longo.

— Como assim metade da história? — perguntou o pai de Misa.

Mais um silêncio.

— Eu conto ou você conta, Raul?

— Cala a boca, Misa.

— Veja como fala, Raul — disse o pai dela.

— Tudo bem, eu conto — ela ameaçou.

— Ninguém aqui precisa saber da intimidade de vocês, Misa — falou o pai de Raul. — O que se passa na cama de um casal é sagrado.

Misa fitou Raul com ar interrogativo. Ela hesitava, mas percebia que, pelo visto, Raul tinha falado mais do que devia para o pai.

Finalmente, ela balançou a cabeça para os lados.

— Você é um escroto, Raul.

— Você se acha muito melhor que eu, né?

— Eu vou levar o Max, agora devolve o meu dinheiro!

— Ou o quê?

— O que você acha, Raul? — a voz de Drica soou na porta. — Oi, família.

— Mais essa, agora! — exclamou Raul. — Você a chamou também?

— Ainda bem que sim, né primo, porque se não ninguém ia saber como você é egoísta e mentiroso.

— Você não vai entrar na minha casa pra insultar meu filho, Drica, era só o que faltava!

— Desculpe, tia, mas alguém tem que contar como Raul e Misa chegaram até aqui.

— Não tem não. Não se meta nisso, menina! — disse o pai de Raul.

— Nisso o quê, tio? Na covardia do meu primo? Eu não vou ficar parada, enquanto ele sacaneia a Misa e dá um de santo. A família toda agindo como se ela fosse uma rameira, enquanto...

— Cala a boca! — gritou o tio, visivelmente nervoso. — Cala a boca, Drica! Raul é homem, ele está no direito dele!

— Não me diga, tio! Por que eu não estou surpresa de ouvir essa frase machista do senhor? Mas ele é um homem ou um rato, afinal?

— Menininha insolente! O único erro do meu filho foi ter colocado a esposa nessa história, eu falei pra ele que devia ter feito isso fora do casamento e não ter levado ela naquele lug...

— Pai! Chega!

Houve um silêncio repentino. O pai de Raul arregalou os olhos, engolindo a voz, ao perceber que havia falado demais.

— O que está havendo aqui? — perguntou o pai de Marisa.

— Nada, tio. Misa, eu vou te dar sua grana, amanhã mesmo. Pode... levar o Max.

— Nada, não! Todo mundo ouviu bem o que o seu pai disse. Eu quero saber que diabos vocês estão escondendo. Viemos todos até aqui, arrolados como... testemunhas ou não sei o quê, pra ouvir essa história pela metade? Eu exijo saber o que se passa! Aonde você levou minha filha, Raul?

Outro silêncio encheu a sala. Então Raul começou a falar.

— Paula, a mulher por quem Misa está apaixonada... fui eu que as apresentei. Ela era... uma amiga minha, que me traiu de um jeito que jamais imaginei. Seduziu Misa e eu...

Marisa balançou a cabeça para os lados, desacreditando no que ouvia. Drica soltou uma pequena risada.

— Não foi isso que o seu pai insinuou. Qual de vocês vai falar a verdade?

— Tem razão, tio. Essa não é a verdade.

— Drica... — Marisa chamou-a, hesitante.

— Paula era, na verdade, amiga dos dois — fez uma pequena pausa. — Eles se conheceram em uma casa de *swing* — Misa fechou os olhos. — A pedido de Raul, que sempre quis... experimentar estar com duas mulheres.

O único som que se seguiu foi um *ohhhh* baixinho, emitido ao mesmo tempo pelas mães do ex-casal. Depois mais nada. Até que Drica voltou a falar.

— Pronto, falei. Me perdoe, Misa, mas não dá pra ficar aqui ouvindo Raul agir como um completo escroto e todo mundo te julgando como a pior das criaturas.

— Isso é... verdade? — o pai de Misa perguntou a ela.

— É sim, pai.

A mãe dela soltou um suspiro sonoro.

— Isso é... demais pra mim... — disse, sem levantar o olhar.

— Misa considerava algo impensável — contou Drica. — Mas Raul queria muito e insistiu até que ela concordou. E... deu no que deu.

Os pais de Misa e a mãe de Raul traziam uma expressão estarecida. O pai de Raul estava visivelmente contrariado.

— É tudo verdade, Raul? Foi assim que aconteceu? — o pai de Misa olhava-o sério.

— Mais ou menos, tio — olhou para Drica. — Essa é a sua versão, a minha é diferente.

— Ha ha... Mas claro.

— Você pintou as coisas de um jeito, que parece que Misa é uma santinha que eu obriguei a fazer parte disso, eu nunca a obriguei a nada, Marisa gostou do que aconteceu, mais até do que eu, porque se envolveu com ela nas minhas barbas. Agora vem com esse papo de que se apaixonou depois, que só ficou com ela depois que nos separamos. Não é verdade! Marisa, eu não acredito em você, sei que você me traiu na minha casa, na minha cama!

— Eu não me importo mais com o que você acredita ou não, Raul! As únicas coisas que eu quero de você, é que me devolva Max e o meu dinheiro. Ah, e que me deixe em paz, de uma vez por todas.

— Ela tentou ter você desde o início... Ela usou da nossa ingenuidade, Misa. Você não vê? Ela não presta, é uma vagabunda que vive disso...

— Dobra a língua pra falar da Paula, Raul! Eu já disse que não admito que fale dela desse jeito!

— Isso tudo é demais para mim... — repetiu a mãe de Misa, sem olhar para ninguém, parecia falar mais para si.

— Sim, tudo isso é doido. Mas entendam, o meu filho é homem, tem prerrogativas de homem. Sua filha é que tinha que ter se dado ao respeito — o pai de Raul saiu em sua defesa.

O pai de Misa também defendeu a filha.

— Eu só não entendo por que seu filho, homem, tem se comportado como um rato, com a mulher que ele escolheu pra casar. Ouça aqui, Raul, talvez a gente seja velho demais para entender as modernidades de sua geração, tudo bem, eu não vou dizer como vocês deviam ter vivido o seu casamento, não vou me meter na sua intimidade, mas uma coisa eu lhe digo: Assuma as suas merdas como um homem, pare de se esconder atrás de seus pais e de fingir que é uma vítima inocente. E, principalmente, pare de agir como uma criancinha mimada que perdeu o brinquedo preferido porque não soube cuidar dele.

— Isso é absurdo, o problema não é o meu filho e sim sua filha...

— Claro, tio, o problema sou eu, seu filho é o coitado aqui...

— Eu não sou moleque, tio, pro senhor falar assim comigo...

— É exatamente como você está agindo...

— Assuma suas merdas, primo...

As mães de Raul e de Marisa assistiam à discussão que se tornara confusa, Misa, Drica e os três homens falavam alto e ao mesmo tempo.

— CHEEEGA! — gritou a mãe de Raul e logo continuou com tom de voz moderado. — Eu não quero ouvir mais nada, aliás, me parece que o senhor meu ex-marido já sabia de tudo... Pode levar o Max, Misa, ele não teve virose alguma, você tem razão, ele tá magro; por mais que o tratemos bem, ele sente sua falta e tem comido pouco.

Marisa olhou furiosa para Raul e ele tentou protestar.

— Mãe...

— E espero que o dinheiro dela, Raul, você devolva para ela. Eu espero ter criado dois homens com mais brio do que esse aí.

— Ei, agora vai virar pro meu lado? Eu só tô aqui defendendo o meu filho.

— Já defendeu até demais. Agora chega! — a dona da casa foi incisiva.

Houve um silêncio curto.

— Tia, me desculpe... Pai, mãe, me desculpem, por toda essa confusão, eu só... queria reaver o que é meu.

— A santa!

— Nunca pretendi ser santa, Raul, eu preferia resolver as coisas entre nós dois. Mas percebi que enquanto eu aceitava tudo calada, você me tirava tudo, meu gato, meu dinheiro, minha família... Não te reconheço mais, Raul, não sei mais quem você é.

— Eu também não te reconheço mais.

Outro silêncio, e o pai dela chamou.

— Vamos embora, acho que já chega por hoje.

A mãe dela foi a primeira a se levantar e sair, sem nem sequer se despedir da irmã. Marisa só esperou que a tia trouxesse a caixa de transporte pet.

— Pode ficar, compramos pra ele mesmo.

— Obrigada, tia.

A tia fez um gesto positivo com a cabeça.

Já do lado de fora da casa, a mãe não se despediu da filha ou da sobrinha, esperou o marido destravar o carro e disse, finalmente, fitando Misa.

— Seus avós devem estar se revirando no túmulo, meu irmão pelo menos nunca os humilhou em público.

Entrou no carro esperando pelo marido, sem olhar para os lados.

Misa não pôde conter algumas lágrimas.

O pai suspirou e abraçou-a longamente.

— Amamos você, minha filha — disse e depositou um beijo em sua testa. — Cuide bem do seu gatinho.

— Eu também amo vocês, pai.

Ele se despediu da sobrinha também.

As duas primas observaram caladas o carro partir e só então Drica falou.

— Me desculpe, Misa, mas alguém tinha que falar.

Marisa suspirou.

— Tudo bem. Acho até que foi bom.

— E agora?

— Não sei, Drica. Vou... levar Max ao veterinário.

— E Paula? Não vai ligar pra ela?

— Paula nem sabe que estou aqui.

— Não? Por quê?

— Não quis preocupá-la.

— Sei, mas vai ligar agora?

Ela suspirou, hesitante.

— Não, ainda tá cedo, não quero tirá-la do trabalho nem desconcentrá-la, já basta nós duas.

— Tem certeza que ela não vai acabar ficando chateada com você?

— Acho que não. Mais tarde eu converso com ela pessoalmente e explico tudo, acho melhor.

— Você que sabe... Vamos então, eu vou com você. Te sigo.

Misa dirigiu devagar, seguida de perto pela prima. Ligou para o veterinário de Max e o levou à clínica, estava preocupada com o peso dele.

— Então ele não melhorou? Pensei que sim. Fizeram o que eu recomendei?

— Como assim?

— Seu marido o trouxe há uns dias... Não sabiam?

As duas fitaram-se, Marisa respirou fundo, para engolir a raiva e o espanto, pensando em como Raul pudera ser tão mesquinho e cruel.

— Não. Estamos separados, e Max estava com Raul.

— Ah, sinto muito.

— Tudo bem.

— Mas... então acho que já encontramos a causa. Ele sentiu sua falta.

— Eu também senti muito a falta dele. Acabei de pegá-lo, mas fiquei com medo de dar qualquer coisa, sem antes saber o que ele tem realmente.

O médico o examinou e disse parecer mesmo uma questão emocional, que agora provavelmente Max ficaria bem, seguindo as mesmas recomendações que ele dera ao Raul.

— Vamos só dar um sorinho pra ele agora. Não é isso, amiguinho? Diz pra mamãe que agora no colinho dela, você vai melhorar.

O médico foi atencioso e voltou várias vezes ver para ver Max, enquanto durou o soro. Depois, ele se colocou à disposição, como sempre.

Já no carro, ela conversava com o gatinho.

— Viu, filho? Você vai ficar bem. Vamos só comprar essas coisinhas que o seu médico passou e vamos para casa. Ok?

Drica ainda a acompanhou nessa compra.

— Tem certeza de que não quer que eu vá até sua casa?

— Tenho, não precisa. Daqui a pouco, Paula sai.

— Tá bom, só se cuida e, qualquer coisa, me liga — disse, abraçando-a.

— Pode deixar. Obrigada, Drica. Por tudo.

— Por nada. Tchau, Max, cuida da mamãe.

Marisa não entendia como Raul pudera fazer aquilo, deixar o gatinho sofrer sem necessidade só para puni-la.

Estava perto da hora de Paula sair, e ligou para ela.

— Amor, podemos dormir na minha casa hoje?

— *Claro que sim. Mas por que a mudança de planos?*

— Eu tô com o Max e acho que ele sentiu um pouco a minha falta.

— *Como assim? Tá com o Max? Raul te devolveu ele?*

— É, eu fui buscá-lo na minha tia... É uma longa história, te conto pessoalmente, mas o caso é que Max sentiu a distância, não estava comendo direito, e eu acho que devo dormir em casa com ele algumas noites.

— *Ah tá certo... mas como ele está?*

— O veterinário disse que ele só estava triste e deve melhorar agora.

— *Ah que bom, minha vida, fico feliz por vocês dois.*

— Obrigada.

— *Eu só vou dar uma passada rápida em casa.*

— Tá bom, amor.

Paula gostou de ver Max e ficou indignada com as atitudes de Raul.

— Meu Deus, ele não liga pro Max! Deixou o gatinho sofrer!

— Deixou, aquele filho da puta!

— Como assim, roubou o seu dinheiro?! — perguntou quando soube do dinheiro.

— Por isso eu fui lá.

Mas, no fim, ela ouviu toda a história de Misa, calada. Ou melhor, ela foi se calando, conforme ouvia.

— E foi isso. Você acredita, amor?

— É...

— É só o que você tem a dizer?

— Você se saiu muito bem. Lamento por sua mãe. Sua tia teve uma atitude digna. Seu pai parece que começa a amolecer. Drica é a melhor prima do mundo, Raul tem se mostrado pior do que imaginamos. Enfim.

— Sim, é... tudo isso — Misa fitou-a por um momento. — O que houve?

— Nada, eu só fiquei pensando... Você foi até lá sem me avisar. Por quê?

— Amor, eu... não quis te aborrecer. Eu agi por impulso, em princípio, fiquei furiosa ao perceber que ele pegou meu dinheiro.

— Mas ligou pra todo mundo.

— Uhum... eu não quis te envolver nessa história... Você ficou chateada?

— Fiquei. Eu não ia invadir a casa da sua tia, Mimi, mas eu acho que você poderia me avisar de atitudes tão graves. Eu gostaria de saber quando minha mulher sai do trabalho no meio do dia e faz uma reunião com a família pra desmascarar o ex-marido diante dos pais e dos ex-sogros.

— Tem razão, amor, me desculpe. Eu... não pensei direito, querendo te poupar.

— Não é uma questão de desculpas, e sim de saber onde estamos nesse namoro, Misa. Saber o que representamos uma para a outra.

— Amor, você é tudo pra mim. Não existe essa dúvida. Já disse, eu quis te poupar.

— Você podia ter me ligado quando saiu da casa da sua tia, eu poderia ter ido com você, levar o Max à clínica.

— Amor, você tem razão, eu já me desculpei, minha atitude foi errada minha decisão foi equivocada.

— Tá certo.

Misa beijou-a.

— Estou desculpada?

— Eu já lhe disse, não é uma questão de desculpas. Eu vou dormir em casa, acho melhor deixar Max ter você só pra ele, pelo menos hoje.

Misa fitou-a examinando a fisionomia dela. Concluiu que a namorada ainda estava irritada com ela e se chateou também, já reconheceu o erro.

— Você quem sabe.

Paula deu apenas um selinho nela e afagou Max antes de sair.

— Me avisa quando chegar?

— Claro.

Não tinha sido uma briga, mas era a primeira rusga entre elas. Paula mandou uma mensagem dizendo que já estava em casa. Misa respondeu “ok” e trocaram mensagens de “beijos, boa noite, te amo”.

Provavelmente estariam bem de novo no dia seguinte, mas ficaram infelizes com aquele desentendimento, era uma das poucas vezes que dormiam separadas, desde o início do namoro e a primeira que dormiam aborrecidas uma com a outra. De manhã trocaram um “bom dia” por mensagens e, ao longo do dia, a comunicação foi normalizando, até que voltaram a se falar como antes, com carinho e paixão, as mensagens voltaram a ser cheias de declarações de amor, bobagens e até sacanagens próprias de casais apaixonados.

No fim da tarde, Misa leu:

Onde vc tá?

Sorriu ao responder.

Trabalhando uai

Me too mas no wc

Rs

Tô com tesão

Ah é?

É toda molhadinha

Hmmm

Sdd da tua xana

Ui...

Queria pôr a mão dentro da sua calcinha e sentir teu grelinho

Bati palminha

Delícia hein

Culpa sua

Quero te mandar uma foto

Espera

Espero

...

Pronto no wc tb pode mandar

Tá

...

Nossa ki peitinho lindo td acesinho

Por vc. Sua mão tá onde?

Dentro da calcinha

Mostra

Espera vou mandar

...

Nossa qto mel

É td seu p vc beber

Eu bebo tudinho

Vou gozar

Eu tb

...

Buceta gozei gostoso

Me too

Vc é muito gostosa mulher

Vc é uma delícia

À noite, encontraram-se novamente na casa de Misa.

Paula beijou-a com paixão, chupando a língua dela com voracidade, mordiscando os lábios, apertando forte o corpo dela contra o seu.

— Hmmm... que delícia.

— Senti sua falta, Mimi, minha vida.

— Eu também. Ah e amei aquelas mensagens...

— Eu também.

Permaneciam abraçadas, fitando-se.

— Acho que eu nunca tinha transado por mensagem antes.

— Jura? Que bom que aprovou.

— Aprovei muito.

— Eu prefiro assim, ao vivo, te pegando, te provando, mas tava com muito tesão, minha vida. Ainda tô — beijou o pescoço dela.

— Percebo... Então não quer jantar ainda?

— Quero jantar já. Você.

Misa riu.

— Você é muito safada.

— E você é muito gostosa — continuou a beijar o pescoço, mordiscava a orelha, as mãos passeavam pelo corpo dela, desciam pelas costas, apertavam a bunda.

Misa começou a gemer, também acariciando o corpo da namorada.

— Você me excita... fácil, fácil...

Os beijos vorazes e as carícias intensas de Paula contagiaram-na.

Deitaram no tapete da sala, as roupas foram arrancadas com pressa. Os corpos nus atraíam-se e se esfregavam, as pernas enroscavam-se, as mãos andavam por todos os lados, espalhavam cabelos, arranhavam peles, os gemidos e os sussurros elevavam-se e se misturavam. Paula ficou por cima e começou a lambar, beijar e morder sofregamente todo o corpo de Misa, provocando gemidos mais agudos e ininterruptos, apossando-se da vulva com maior avidez. Gemidos, o nome de Paula, obscenidades, súplicas, palavras soltas, tudo ia soando desconexamente a ouvidos leigos, mas não para elas, que eram peritas naquela língua do amor que sentiam e faziam.

— Não... para... nãããã... — suplicou Misa .

Paula sorriu.

— Não vou parar, só quero pegar nosso amiguinho. Tá no mesmo lugar?

Misa disse que sim, movendo a cabeça.

Paula foi ao quarto e não demorou a voltar, munida do *strapon*.

— Vem... — disse Misa, mexendo no próprio sexo, o olhar safado, completamente entregue à volúpia.

Paula não perdeu tempo, abriu bem as pernas dela, colocando-as para cima, ajoelhou-se e a penetrou com o brinquedinho.

— Ahhhhh.... aaass... simmm... assimmm...

Paula ia e vinha depressa entre as pernas dela, Misa ditava o ritmo, massageando os próprios seios. Era delicioso ser penetrada daquela forma por ela; por entre olhos semicerrados via aquela mulher linda, de seios balançando, enquanto dançava dentro dela, parecia uma deusa, a pele negra brilhando com o suor do amor delas.

— Assim... amor... ahhhhh... ahhhhh...

— Ahhh Mimi... você me enlou... que... ce...

— Paula...

— Mulher... gostosa...

— Não quero... ain... da... ahhhh...

— Então segura...

— Não... dá...

— Então goza... amor... goza gostoso pra mim... goza...

— Eu... vou... vou... Ahhhhh... Pau... laaaaaa... Puta... que... pariuuuuu... ahhhhhhh...

O corpo de Misa estremeceu violentamente, enquanto ela gemia.

Paul sorria contemplando-a.

— Ca... cete... Paulinha...

Paula saiu dela e se livrou do *strapon*. Abaixou as pernas dela mantendo uma dobrada, o joelho apontando para cima, onde se sentou, encaixando bem a vulva melada e rebolando.

Ainda sob o efeito poderoso do orgasmo, Marisa fitava-a admirada com tamanha beleza e sensualidade, não conhecia ninguém como ela, sentia-se tão apaixonada e excitada e satisfeita e

feliz e amada e...

— Ahhhh... Mi... saaaa... — Paula gozou no joelho dela, derramando-se sobre ele.

Quase de imediato deitou ao lado dela, sorrindo, olhos fechados, a respiração acelerada.

Sentiu o corpo de Misa envolvê-la em um abraço e sua voz suave ao ouvido.

— Te amo, Paulinha. Demais... demais...

Sorriu.

— Igual... — disse, ainda sem fôlego e de olhos fechados.

Marisa conversou com a advogada, finalmente.

— Está tudo certo, ela vai entrar com o pedido de divórcio — ela disse à Drica.

— Ah, que notícia ótima, você precisa resolver isso.

— Vamos tentar resolver as coisas de forma amigável, se possível. Mas não tenho muitas esperanças, não.

— Nem sombra do dinheiro, ainda?

— Nem sombra. Nossa, Drica, eu fico tão inconformada... Como ele conseguiu me enganar por tanto tempo? Ou como eu pude me enganar tanto? Raul machista, egoísta, cruel, vingativo... esse Raul não é o mesmo com quem eu me casei. Não é!

— Eu também não entendo... Mas sabe o que eu acho, Misa? Ele está muito ferido, essa dor vai passar, demora, mas passa, e aí ele volta ao normal.

— Sei não, Drica, eu acho que caráter não é algo que você liga e desliga assim. O que ele fez com o Max ainda me arrepia e causa indignação. É o tipo de atitude que diz muito sobre quem a pessoa é.

— É... olhando por esse lado...

— Mas vamos falar só de coisa boa agora. Sábado tá de pé, não é? Vocês também vão, certo?

— Claro que sim. O meu amorzinho, assim como os outros machos da turma, estava receoso por causa do Raul, mas eu falei pra ele: “Seguinte, maridão, Raul e Misa são nossos amigos, e eu não vou deixar de sair com a minha melhor amiga porque eles se separaram. Se você não quiser ir, problema é seu, eu vou. Podemos sair em casais como antes, ou eu posso ir segurar vela do povo, você escolhe”. E ele escolheu ir.

Marisa riu.

— Por livre e espontânea pressão.

— Tô errada? Ah que puta frescura, eu hein...

— Vai ser legal poder apresentar minha amada. Eu já estou bem enturmada com os amigos dela e com a família, a mãe dela me adora, e eu a ela.

— Isso é tão legal, Misa. E você também se dá super bem com a Ester e a nova namorada dela, não é?

— Uhum. Gente finíssima. E os outros também.

— Eu quero ir à uma boate com vocês de novo.

— Claro, vamos marcar.

— Deixa só o maridão conhecer a Paula, que assim arrasto ele também.

— Uhum, vai ser legal.

No sábado, os quatro e mais um casal amigo encontraram-se em um *pub*. Os dois homens gostaram logo de Paula e ela deles. O ambiente era gostoso, a conversa estava animada, já falavam na próxima saída, sobre lugares legais para irem.

— Ah não...! — exclamou o marido de Drica, de repente.

— O que foi? — Drica perguntou, mas nem precisou da resposta.

— Achei vocês! — Raul entrou gritando, seguido de Mauro.

Ele andou até a mesa deles.

— Então é isso... a mesa dos traidores!

Estava bêbado.

Mauro tentou puxá-lo pelo braço, olhando com ar de quem se desculpa para Misa e os outros.

— Vamos embora, Raul...

— Me deixa! Não me toca!

Mauro passou a mão nos cabelos, balançando a cabeça para os lados, estava muito desconfortável com a atitude do amigo.

— Eu não te falei, Maurão, que de bar em bar, eu achava eles? — riu. — Eu só quero conversar. Conversar com você, Misa, que me traiu nas minhas barbas, na minha casa, na minha cama, com essa aí! Eu fui o corno manso! — riu de novo.

— Eu não te traí, eu só fiz o que você queria, Raul, fui pra casa de *swing* pra te satisfazer.

— Mas não era pra ficar com essa puta!

— Ei, olha o nível, Raul. Melhor você ir embora — disse o marido de Drica, levantando-se e se colocando entre ele e a mesa.

O outro amigo fez o mesmo.

— Calma, Raul.

— Vocês não me mandem embora, “amigos”! Seus traidores! Por que estão saindo em casal com essas duas putas traidoras? Como podem? Vocês eram meus amigos.

Seguranças da casa surgiram, mas o marido de Drica fez-lhes um sinal e eles se mantiveram a alguns passos.

— Não é assim, Raul, somos seus amigos, e de Misa também.

— É, Raul, vamos conversar lá fora.

— Não vou, eu quero falar com essas duas putas traidoras — falou mais baixo. — Vamos conversar nós três?

Misa estava com ódio dele.

— Puto mesmo é você, Raul, que roubou o meu dinheiro e quase matou o meu gato de fome!

— Não roubei porra nenhuma! Foi ela! Foi você que me roubou, Paula, sua puta do caralho! Paula o fitou antes de falar com voz calma.

— Você está bêbado, Raul, não dá pra discutir com um bêbado, amanhã não vai saber nem o que disse nem o que ouviu.

— Puta! — fez menção de se aproximar mais da mesa, mas foi seguro pelos três amigos. — Roubou minha vida, minha mulher, minha casa, minha família, meu gato e até meu futuro filho!

— Chega, Raul, vamos embora! Você está fazendo um papelão — o marido de Drica o segurou, os outros dois ajudaram e o foram movendo com dificuldade.

— Me soltem, eu vou sozinho, me soltem! — soltaram. — Só mais uma coisa. Paulinha, você já contou pra sua namoradinha das vezes que a gente... — fez um gesto obsceno com as mãos e o corpo. — Lembra? Só nos dois, enquanto ela dormia? Contou? Era bom, né, você aproveitou bem o papai aqui! — riu. — Pergunta pra ela, Misa, pergunta! — riu mais. — Agora eu vou, “amigos”.

Foi saindo, acompanhado dos três amigos.

Mauro olhou para trás.

— Me desculpem... — as mulheres conseguiram ler nos lábios dele.

— Meu Deus... quando meu primo se tornou esse escroto? — disse Drica.

— Vocês estão bem? — perguntou a outra amiga.

Misa olhava fixamente para Paula.

— É serio isso que ele disse?

— Vida, não tem nada a ver, foi há... trezentos anos, no início... Eu nem me lembrava mais disso.

— E por que eu nunca soube?

— Porque... não teve importância.

— Não?

— Ei, Misa, vocês não vão brigar também, não é? — disse a outra amiga. — Porque se forem, ele vence.

— Exatamente — disse Drica. — Ele já foi, deixem esse panaca pra lá. Vocês querem ir pra outro lugar?

Paula sabia que Misa não ia apenas deixar pra lá.

— Por mim, a gente continua aqui mesmo — disse. — E você, vida? Tá tudo bem pra você?

Misa apenas fez um gesto vago, indicando que sim.

Lá fora, os três amigos tentavam acalmar Raul.

— Se ela fosse um homem, eu já tinha dado uma surra nela desde o começo. Mas como disputar com uma mulher? Como?! Isso é muito injusto, cara.

— Deixa disso, cara, vai pra casa, toma um banho, descansa, amanhã a gente conversa. — disse o marido de Drica.

— Isso mesmo, vamos embora — disse Mauro. — Eu já cansei de falar que mulher nenhuma merece esse desgaste...

— Ela me roubou até meu futuro filho! Ela não me deixou nem fazer o meu filho na minha mulher...

Os amigos sentiam por ele, mas sabiam que estava errada aquela forma de confronto. Quando, finalmente, ele se foi com Mauro, os outros dois voltaram para a mesa.

— Conseguimos despachá-lo, finalmente — disse o marido de Drica.

— Obrigada — disse Misa.

— Ele é nosso amigo também, mas precisa aprender a lidar com a separação. Vocês quatro estão bem? — disse o outro amigo.

— Estamos ótimas — respondeu Drica.

— Como ele soube que saímos? — perguntou a outra amiga.

— Me desculpem, meninas, a culpa foi minha — disse o marido de Drica. — Raul tava chateado, queria sair pra conversar. Falei que não dava, que ia sair com Drica e uns amigos e ele disse que tudo bem, pelo menos poderia distrair a cabeça. Aí falei que não dava, que sairíamos justamente com vocês.

— Você não me contou isso.

— Não, amor, na hora ele disse que tudo bem, que não tinha problemas com isso e eu deixei pra lá.

— Mas parece que ele sentiu o golpe...

— Mauro também se desculpou — disse o outro amigo. — Eles saíram e depois de alguns copos, Raul falou que queria ver onde a gente estava. Mauro não conseguiu segurá-lo, só pôde ir junto, impedindo que dirigisse e tentando evitar uma situação pior...

Misa apenas balançou a cabeça, dizendo entender. Logo, mudaram de assunto, as pessoas no bar também pareciam esquecidas do ocorrido.

Paula, porém, sabia que na cabeça de Misa fervia o assunto sobre ela e Raul, que ele levantara. Podia sentir as mudanças sutis no comportamento da namorada. Respostas mais curtas, um pouco menos falante, risada mais alta.

No caminho de volta, Misa dirigia calada.

— Você me ouviu? — Paula perguntou sobre algo que acabara de dizer.

— Uhum.

— Não pareceu. Não disse nada.

— Você também. Por meses.

— Sabia! Você tá remoendo aquele assunto... Vida, eu já te disse, não teve importância pra mim.

— Uhum.

— Foram poucas vezes e, assim que percebi que estava apaixonada por você, eu parei.

Misa não respondeu e Paula também se calou. Nada mais foi dito até o fim do trajeto, quando Misa parou à porta do condomínio.

— Não vai estacionar?

— Não. Vou dormir na minha casa.

— Por que isso, Mimi? Vamos subir e conversar.

— Agora você quer tratar de um assunto sobre o qual se calou por todo esse tempo?

— Qual é o problema real aqui, no fim das contas? Você tá com ciúme de algo que aconteceu lá atrás?

— Eu não estou com ciúme, só que foi algo que vocês dois fizeram nas minhas costas.

— Pra mim isso é ciúme, só não entendi se de mim ou do Raul. Por que ele que era casado com você.

— Você se tornou minha amiga depois, era assim que eu te via.

— Eu também, vocês eram meus amigos de transa.

— Acho que fomos mais do que isso.

— Pra nós duas sim, quando nos apaixonamos. Eu parei até de sair com outras pessoas, Mimi. O amor mudou tudo, eu me recusei a transar só com o Raul, depois disso.

— Isso que me assusta, pra você fidelidade é só uma questão de amor, fora isso, vale tudo. Se você deixar de me amar vai colocar um par de chifres na minha cabeça?

— Se um dia eu deixar de te amar, minha vida, você vai ser a primeira pessoa a saber. Mas acho que temos duas relações bem diferentes com essa questão de fidelidade. Amor pra mim envolve fidelidade, sim. Amor é sentimento, mas é pele também. Você não conseguiu mais transar com o Raul quando deixou de amá-lo. Sei que jurou fidelidade diante de Deus e dos homens, mas se eu não tivesse me afastado, quanto tempo você se seguraria? O que sentimos é pele sim, Mimi. A gente se quer, nossos corpos se precisam, se chamam; dói ficar longe, a gente quer não só transar, quer ficar perto, quer abraçar, beijar, tocar.

Misa entrou em novo silêncio. Paula conhecia aquele jeito dela de não falar, evitando ou encerrando uma discussão.

— Tá bom, eu vou subir e você vai pra sua casa. Depois, você só me diz o que espera de mim.

Marisa arrancou com o carro, estava magoada, com raiva, não queria mais falar.

Paula estava chateada e preocupada com a atitude da namorada. Era a primeira vez que brigavam. Raul conseguira.

IX

Saudade

Paula dormiu de cansaço. Acordou tarde, com os gatos aos pés e sentindo falta de Misa, na cama. Gostava de acordar nos braços da namorada, de vê-la dormir, de vê-la acordar, de conversar com ela pela manhã, de fazerem amor.

Ai, Mimi... — suspirou

Marisa também acordou tarde e foi cuidar de Max. Era a primeira manhã em que acordava e não falava com Paula, mas não queria falar com ela, precisava pensar.

Raul acordou ouvindo um trem andar dentro de sua cabeça. Estava só de cueca, sob os lençóis. Olhou em volta com dificuldade. Onde estava? Ah, sim, reconheceu o lugar. Levantou-se devagar, vestiu-se e foi andando para a sala, a cabeça pesava e doía sobremaneira.

— Bom dia, bela adormecida.

— Bom dia, Mauro.

— Boa tarde, na verdade, né? — o amigo apontou para o aparelho de som que marcava a hora e diminuiu mais ainda o som da TV, que já estava baixo.

— Nossa, tudo isso, já? — falava devagar.

— Já. Mas não es quente que hoje é domingo. Vem tomar café.

Sentaram-se à mesa de jantar.

— Você fez tudo isso pra mim? — perguntou brincando, pois já sabia a resposta.

— Claro que não. Dorinha deixou tudo preparado antes de sair pra casa da mãe dela, inclusive os comprimidos pra dor de cabeça e pro estômago.

Raul sorriu.

— Sua Dorinha é um amor.

— É sim. Também pediu desculpas pela ausência, mas já estava combinada a ida lá, e ela achou até melhor que ficássemos sozinhos, pra você se sentir mais à vontade...

— Eu tô é atrapalhando, né, cara? Atrapalhando o domingo de vocês em família.

— Se preocupa, não, domingo tem um toda semana. Mais tarde eu vou lá. Ah, liguei pra tua mãe, ontem à noite e disse que você ficaria aqui, que veio me trazer, entrou, conversa vai, conversa vem, acabou dormindo e esquecendo de ligar.

— Ela acreditou?

— Acho que sim, porque acrescentei que a Dorinha que me lembrou de ligar pra ela, quando eu também já tava quase dormindo.

Raul sorriu.

— Você é uma figura, cara, um grande amigo.

Mauro sorriu.

— Sou bom nessas coisas.

— Eu paguei um gorilão ontem, né...?

— Foi assim, meio... ruim, né...? Mas... pô, Raul, eu te entendo, juro que entendo. Mas... é natural que já tenha se arrependido da bebedeira e da... cena... né...?

— Me arrependi, não, me arrependi por mim, que tô aqui fodido... Mas aquelas duas bem que mereceram ser humilhadas em público. Safadas...!

— Ah... então tá... Só espero que esteja satisfeito só com essa humilhação...

— Se preocupa não, Mauro, elas não merecem nem meu desprezo.

Ficaram em silêncio por um tempo.

— Agora, vem cá, com todo respeito a você, aquela Paula é gostosa, hein, não sei como não foi você a se apaixonar por ela, pegar um avião daquele quase todo dia, com o fogo que você diz que ela tem... eu não me aguentava, não, me viciava facinho, facinho...

— Deixa de ser besta, Mauro, pô, se apaixonar por mulher à toa, toda dadinha, cheia de maus costumes! A gente tem que saber diferenciar os tipos de mulher que existe e casar com mulher que é certinha, igual a Dorinha, igual a Misa era antes... Mulher que nem a Paula só serve pra fazer putaria mesmo...

— Tá, mas... porra... que mulher gostosa...

Raul suspirou, cansado.

— Obrigado por tudo, Mauro, o café tá delicioso, agradece a Dorinha por mim. Vou embora e vou deixar você ir curtir seu domingo com a sua família.

— Por nada, mas relaxa, cara, fica aí mais um pouco, espera melhorar essa dor de cabeça. Vamos sentar um pouco na sala.

— É sério, Mauro, não quero atrapalhar.

— Não atrapalha nada, vem. Senta aí e relaxa.

Ele se sentou de frente para o amigo e ouviu o celular.

— Peraí. Ó... é minha mãe, deixa só eu responder ela.

— Fica à vontade.

...

— Pronto. Vou te falar, viu, cara, fui fiel por catorze anos, mas acho que nunca mais vou ser.

— Que isso, cara? Claro que vai ser, assim que se apaixonar de novo, porque essa dor aí, ela vai passar, deixa só você conhecer uma mulher que te mereça.

— Vale a pena, não, achei que Misa merecesse, e olha aí no que deu.

— Eu acho que você vai mudar de ideia quando conhecer alguém especial. Aliás, acho que precisa investir nisso, já te falei, não faz bem ficar sozinho, a gente precisa de uma mulher pra cuidar da gente, pra gente cuidar dela, pra esquentar os pés...

— Não quero mulher pra esquentar os pés, só pra aliviar a tensão, quando meu pau tiver explodindo.

— Então, mas pra isso tem que ter uma mulher.

— Ou... uma ou duas mulheres dos outros — riu.

— Peraí... o que você tá dizendo? Tá pegando alguém? Ah safado! E não conta nada? Quem é?

— Duas vizinhas da minha mãe. Casadas.

— Cara... Brincou?! Você é doido! Quem são?

— Uma é um pouco mais velha que a gente. Quis me consolar, preocupada com meu sofrimento, oferecendo aquele bundão todo pra lá e pra cá na minha frente. Falei vem cá, meu bem, vem consolar meu pau. Coloquei de joelhos e enfiei tudinho na boca dela, ela ficou até com medo quando viu, acho que nunca tinha visto um mastro tão grande. Mas não tive pena, não, depois, me enfiei naquele bundão e meti com força, até gozar. Tudo isso, na cozinha da minha mãe, enquanto a velha dormia no quarto.

— Caralho, Raul... E a outra? Também na casa da tua mãe?

— A outra não, novinha, sabe, cheia de fogo. Essa já foi na casa dela mesmo, uma rapidinha também, pouco antes do marido chegar do trabalho, trazendo o filho pequeno da escolinha. Fui buscar um bolo que ela fez pra minha mãe.

— Mentira...

— Verdade — riu alto. — Ai, minha cabeça... Que porra...! O marido é especialista em papai e mamãe. Cara, mulher pequenininha, o cuzinho que faz tempo que não é comido direito. Meti sem dó também.

— Só cuidado pra não se apaixonar por essa novinha, hein, dois problemas, ser novinha e ser casada.

— Tem perigo, não, tô escolado, essa aí é só pra comer mesmo, já questão de dois anos, o marido pegou com outro, é vagaba mesmo, sabe... Ou isso, ou é porque o marido não sabe mexer o doce, que nem o papai aqui.

— Puta que pariu, Raul, você voltou a ser meu ídolo, recuperou sua juba! Raul Leão!

— Cara, tá cheio de mulher com dozinha de mim, eu só tenho que escolher...

— Raul Leão... o retorno do Raul Leão...

Paula estava arrasada, sentia falta de Misa.

— Você não vai ligar pra ela? — perguntou Ester. — Faz o quê? Três dias?

— Quatro.

— Quatro... Mas quem é que tá contando, não é mesmo?

Paula suspirou.

— Parece uma eternidade.

— Eu sei, essa porra de amor dói mesmo.

— É, mas não vou ligar, não. Não por orgulho, mas Misa precisa resolver as coisas na cabeça dela, não tenho mais nada pra acrescentar, entende? Agora é com ela.

— Mas um beijinho, um carinho... sempre podem ajudar.

— Ou atrapalhar, confundir mais.

Ester fitou-a, observando bem sua feição.

— No que está pensando, Paulinha?

Paula sorriu.

— Você me conhece bem, né? — pensou um pouco e suspirou antes de continuar. — Misa é uma mulher madura que sabe o que quer, não é isso que me preocupa. Mas ela teve uma educação rígida e... tudo isso foi muito novo pra ela. Pode ser que esteja confusa, pode ser que esteja percebendo que tem dúvidas.

— Quanto ao que sente por você?

— E por Raul.

— Não sei, já vi vocês juntas e aquele olhar dela pra você me parece de alguém muito apaixonada.

— É, também acho. Mas ela pode estar se questionando se não é só paixão, ou se Raul não é, no fim das contas, mais importante pra ela do que ela pensou.

— Não sei, Paulinha, acho que você tá viajando, ela te ama.

— Não duvido disso, mas talvez tenha sido um fascínio passageiro, você sabe, eu sou a primeira mulher dela, pode ter se encantado com as diferenças entre mim e o Raul, com a suavidade, a sensibilidade feminina, o contraste, enfim.

— Tudo isso baseado no estresse que rolou com a revelação escrota do Raul no bar? Ele babando de bêbado e de ódio?

— Ester, Misa nem sabia de quem estava com ciúme, se de mim ou se dele.

— Paula, você é uma mulher inteligente, mas o amor deixa a gente meio... incapaz de raciocinar direito, às vezes.

— Burra, você quer dizer.

— É. Olha só, ela te ama, só não esperava que você fosse capaz de mentir pra ela. Misa já está sentida com o comportamento de Raul, que se mostrou uma pessoa completamente diferente da que ela conhecia, aí descobre que os dois mentiram pra ela, juntos. Provavelmente, ela só tá magoada e esperando que você se desculpe. Aliás, você se desculpou?

— Claro que sim, mas ela fez que não me ouviu.

— Pelo quê?

— Pelo quê o quê?!

— Se desculpou pelo quê?

— Por... não ter contado.

— Pois é, talvez ela espere desculpas suas pela traição.

— Ah, por favor, Ester, para de passar pano, não vou me desculpar por isso, nada a ver. Sei

que torce pela gente, mas isso já é demais.

— Então tá. Você que sabe, a mulher é sua, deve mesmo entendê-la mais do que eu.

— Né...? Mas agradeço por sua opinião.

— Sempre às ordens.

Marisa sofria tanto quanto Paula.

— *E aí? Já acabou com a frescura e foi procurar sua deusa?* — perguntou-lhe Drica, ao celular, logo depois de Misa chegar do trabalho.

— Não. E não é frescura.

— *Misa, deixa de ser turrone, você fica sofrendo aí, e ela lá. Pra quê?*

— Pra eu poder pensar.

— *Sei. E vai pensar até envelhecer? Assim, o escroto do Raul vai conseguir mesmo separar vocês.*

— Queria ver se fosse com você.

— *Se fosse comigo eu já tinha esbravejado e xingado tudo que tinha pra esbravejar e xingar, no mesmo dia, e perdoado até, no máximo... no dia seguinte, pra poder fazer logo as pazes e transar até cansar. E olha que pra vocês tá mais fácil, que ainda não têm criança pra empatar.*

Marisa riu.

— Só você, Drica... Pior que eu sei que é verdade, você faria isso mesmo.

— *Claro que sim. Misa, você tá sofrendo por causa de uma coisa que aconteceu no passado. E a Paulinha tem toda razão, teu marido era ele, era ele quem te devia fidelidade. A não ser que você tenha ficado balançada...*

— Claro que não!

— *Então, deixa de bobagem e liga pra ela. Chama ela aí, briga bastante e depois faz as pazes, você deve estar precisando. Já são... cinco dias, né...?*

Misa riu de novo.

— Pior que tô. É, são cinco dias, já.

— *Putá que pariu, isso em início de namoro é uma eternidade, vai acabar subindo pelas paredes...*

— Tchau, prima tarada — disse rindo.

— *Tchau prima lagartixa.*

Misa desligou rindo, mas depois ficou pensando em tudo que Drica dissera. Estaria mesmo exagerando? Não ficara balançada, não é? Só... magoada por saber que eles ficaram juntos pelas suas costas.

E, depois, sentia tanta falta de Paula... E sim, já estava subindo pelas paredes, já se masturbara diversas vezes pensando na namorada.

Ajeitou o corpo no sofá, pernas para fora, e abriu de novo o celular, relendo as sacanagens que tinha trocado com Paulinha. Apagara as fotos sensuais, mas guardara as mensagens.

Com as mãos dentro da calcinha, releu a conversa do dia da transa no banheiro do trabalho, concentrando-se nas mensagens mais excitantes.

Tô com tesão

É toda molhadinha

Sdd da tua xana

Queria pôr a mão dentro da sua calcinha e sentir teu grelinho

Bati palminha

Delícia hein

Culpa sua

Nossa ki peitinho lindo td acesinho

Por vc. Sua mão tá onde?

Dentro da calcinha

Nossa qto mel

É td seu p vc beber

Eu bebo tudinho

Vou gozar

Buceta gozei gostoso

Acelerou o dedo no clitóris, largou o telefone e colocou a outra mão no seio, por baixo da blusa.

— Puta que pariu, Paulinha... Ai... ai... — mexia os quadris depressa. — Ai... aaai....

Gozou.

— Paulinhaaaaa... puta que pariu...

Saía do banho, quando o celular tocou. Infelizmente sabia que não era ela, não era o toque do número dela.

Era a tia cujo marido faria aniversário, em breve.

— Oi, Misa. Como está, minha filha?

— Eu... estou bem, tia. E a senhora?

— Bem, também. Eu tô ligando porque o aniversário do seu tio é no sábado agora.

— Uhum. Não se preocupe, tia, eu entendi bem seu recado. Minha namorada não vai. Nem eu, porque eu não vou aonde ela não pode ir. Era só isso?

— Não, Misa, não é nada disso. Eu... liguei pra te pedir desculpas, a você e à... sua namorada, por esse recado e... dizer que não foi certo isso. E... convidar você e ela.

Misa perdeu a fala, não esperava por aquela.

— Alô?

— Oi, tia. Eu... tá bom, da minha parte, a senhora tá... desculpada. Já Paula, eu vou... falar com ela e ver o que a gente resolve. Mas... o tio concorda com isso?

— *Concorda, sim. Ele não concordava era com o que eu fiz antes, disse que não se faz isso com uma sobrinha como você, mas não quis brigar comigo. Agora que eu mudei de ideia, ele espera que vocês venham.*

Misa sorriu involuntariamente, aquele era bem o jeito franco demais da tia. Quanto ao tio, o homem que se casara com aquela outra irmã da mãe dela, era um homem calmo e paciente, sorridente e avesso a confusões, a menos que o levassem ao extremo.

Parecia que Drica tinha razão, no fim das contas, aquela atitude da tia parecia fruto da revelação que a prima fizera na casa da mãe do Raul.

Pena não poder contar à namorada sobre aquele inusitado telefonema.

Mas talvez devesse...

Dormiu mal, demorou a pegar no sono, pensando em Paula e nos últimos acontecimentos. Talvez Drica tivesse razão mais uma vez, talvez devesse procurar a namorada.

Mas o telefonema mais inesperado pegou Misa de surpresa, na manhã de sábado, pouco depois de acordar.

— O que você quer, Raul? — a voz soou seca, quase enojada.

— Só conversar.

— É melhor que nossas conversas sejam só entre nossos advogados agora.

— Eu só quero falar com você, nada mais. Você tá em casa? Posso ir até aí? Não vou fazer nenhum escândalo, prometo.

Ela pensou por um momento. Ele estava sendo educado, pela primeira vez, desde a separação.

— Tá bom. Depois das dez, então. Eu tô em casa, sim.

— Tá legal.

Esperava não se arrepender, segunda-feira eles completariam quinze anos, e ela vira a dor nos olhos dele, no *pub*. Preferia não vê-lo novamente.

Depois das dez horas, Raul chegou, sendo devidamente anunciado na portaria.

— Oi.

— Oi, Misa. Eu serei breve.

Sentaram-se um de frente para o outro. Max surgiu e se esfregou nas pernas dele.

Raul sorriu para o gatinho, afagando-o.

— Oi, Max. Como vai você? Ele parece bem melhor.

— Não graças a você.

— Tem razão, eu... errei muito com ele e com você. Eu não tinha esse direito. Acho que fiquei meio louco.

Misa balançou levemente a cabeça de modo afirmativo, sem nada dizer.

Após um breve silêncio, Raul tornou a falar.

— O seu dinheiro eu já devolvi, estará em sua conta na segunda.

— Certo.

— Você sabe que dia será segunda?

— Sei.

— Eu amei você, Misa, como nenhuma outra, por quinze anos. Ver vocês juntas naquele bar foi... indescritível.

— Seu comportamento também.

— Eu ainda te amo, Misa e... preciso saber, preciso te perguntar... Você tem toda a certeza do mundo de que é isso mesmo que você quer? Eu ainda estou aqui, Misa, não fiquei com mais ninguém, não olhei pra mais ninguém. Só... me diz se devo ir agora, para sempre ou se... ainda tenho alguma chance.

X

Festas

Misa não hesitou.

— Raul, eu amei você e... acredito que você saiba disso. Eu te amei da única forma de amar que eu conheço. Por inteiro, sem reservas... Não sei como é amar diferente disso, e também não sei por que a gente se apaixona especificamente por alguém. Eu fui muito feliz com você, nunca quis te ferir, mas... eu não posso, sem amor, retomar o que fomos, seria algo falso.

Ele respirou fundo.

— É óbvio que não sobrou nem o respeito, uma vez que você me traiu.

— Eu nunca te traí, Raul, quanto a isso eu tenho a consciência tranquila.

— Sei...

— Raul, somos primos, podemos voltar a ser amigos, se... ou quando você superar essa mágoa que está te cegando.

— Eu não quero ser seu amigo, Marisa! — elevou um pouco a voz, mas logo abaixou de novo.

— Então é isso, nós acabamos aqui. Não se preocupe, não precisa abrir a porta, eu não pretendo voltar — levantou-se e foi para a saída. — Meu único consolo é que te traí primeiro.

Marisa ficou estupefata. Levantou-se também.

— Raul, você não era assim. Eu não me casei com um machista rancoroso.

— Nem você. Eu não me casei com uma lésbica traidora — saiu e fechou a porta.

Paula fazia o almoço ao som de um samba-canção clássico, bebendo uma taça de vinho, quando ouviu a campainha. Pensou que devia ser Ester que, às vezes, subia sem ser anunciada. Mas ao observar pelo olho mágico, sorriu, o coração acelerado de repente. Porém, recolheu o sorriso, antes de abrir a porta.

— Oi, Paula.

— Oi, Misa — deu espaço para ela entrar. — Por que não abriu? Perdeu a chave?

— Não. Eu só... — Misa encolheu os ombros.

— Tô cozinhando — Paula foi indo para a cozinha, onde diminuiu o volume da música, e Misa a seguiu.

— Hmm... Eu amo esse rocambole de carne.

— Eu sei, e sempre o faço pensando em você.

Fitaram-se e Misa desviou o olhar, sentando-se à mesa.

— Vinho?

— Uhum, obrigada.

Estiveram caladas por algum tempo, Paula colocou o rocambole no forno.

— Paula...

— Misa, se você for me dar uma notícia ruim antes do almoço, poderá contribuir para minha necessária dieta.

Marisa passou os olhos no corpo dela.

— Você não precisa de uma dieta.

— Acho que vou precisar, sim, comi muito chocolate essa semana, ao som de música de fossa, como você bem pode constatar — levantou a taça, indicando a música que tocava.

Misa sorriu e Paula pensou em como amava aquele sorriso.

— Foi de você que eu senti ciúme. Porque é você que eu amo. Mas foi assim, meio... insano, porque eu quis fidelidade de um amor que ainda não éramos.

Paula respirou aliviada e parou diante dela, alisando seus cabelos.

— Senti saudade desses fios cor de mel.

Missa levantou-se e elas se abraçaram com imensa paixão.

— Eu te amo, Paulinha. Eu sou completamente apaixonada por você.

O abraço foi longo e, quando se fitaram, havia lágrimas nos olhos das duas.

— Perdoe-me por aquilo, minha vida.

— Não há o que perdoar, nada daquilo tem importância hoje.

Sorriram e se beijaram de novo, longamente. Pequenas pausas para retomar fôlego serviam também para sussurrarem palavras de amor.

Paula segurava o rosto da amada com as duas mãos; Misa abraçava a namorada passeando as mãos por suas costas.

A distância tinha alimentado uma saudade crescente, e agora elas agiam instintivamente para saná-la. Saudade do beijo, da boca, da língua, do gosto da saliva.

— Senti tanto sua falta, minha vida...

Saudade do corpo, do abraço, do toque, do cheiro.

— Eu também, amor...

Saudade da voz, da risada, dos silêncios.

Os corpos já reclamavam a intimidade que fora interrompida, as peles arrepiavam-se, os seios enrijeciam-se, os sexos umedeciam-se.

A boca de Paula buscou o gosto da pele de Misa... a face, o lóbulo da orelha, o queixo, o pescoço.

Misa reagiu com gemidos curtos que excitavam ainda mais a namorada.

Paula encostou-a à parede e começou a abrir a blusa dela, apressadamente com as duas mãos, a boca foi descendo, aproveitando o caminho aberto.

— Ai, amor...

— Hm?

— Ai...

— Sau... dade... de mamar em... você... — disse chupando os seios pequenos e redondinhos.

— Aaaahhh...

Paula ficou algum tempo ali, chupando, lambendo.

— Desce... — Misa empurrou a cabeça dela para baixo.

Paula foi baixando, em obediência, deixando um rastro de beijos na pele dela. Amava aquela pele, a maciez, o odor suave.

Marisa gemia e rebojava, gostando daquilo e antecipando o prazer do orgasmo.

Paula levantou a saia dela e se deixou cobrir pelo tecido solto. Segurou as coxas dela e Misa entreabriu as pernas. Paula passou o nariz na parte interna das coxas, aspirando o perfume suave do creme hidratante da namorada. Fez o mesmo na vulva, por cima da calcinha já toda molhadinha.

— Delícia... como é cheirosa tua buceta...

Misa gemeu mais. Paula começou a chupá-la por cima da calcinha, pressionando o tecido macio contra seu sexo. Misa respondeu reboando mais, aquilo era gostoso e angustiante. Paula também gostava da sensação, por cima da calcinha podia sentir o grelhinho entumecido e beber a umidade dela que transpassava pela *lingerie*. Até que não aguentaram, precisavam do contato direto.

Paula empurrou o tecido para o lado e meteu a boca, lambendo toda a extensão da vulva. Chupou o clitóris rígido de excitação.

Misa gemia e mexia, segurando os cabelos de Paula, forçando-a mais para si.

— Ahhh... Pau... la... me... chupa... ai... ai... gos... toso... aaai... assim... vai... assimmm... Vo... cê... gosta... né...?

Paula não podia falar, tinha a boca tomada pela vulva rosada, deliciosamente inchada de lascívia. Em resposta, chupou mais depressa, fincando as unhas nas coxas dela.

Misa gemeu agudo e rebolou mais rápido.

— Filha... da pu... ta... ahhhhh...

Pela maior contração dos quadris e da vulva em sua boca, Paula soube que ela gozaria e se preparou para receber o mel que viria.

Marisa gozou gemendo, gritando o nome dela, reboando desesperadamente.

Paula recebeu o gozo dela na língua. Amava aquele gosto.

As pernas de Misa amoleceram, Paula amparou-a, segurando firme suas coxas. Esperou embaixo de sua saia, até que suas forças voltassem. Tirou então a roupa dela de vez e se levantou, os corpos colados, beijou-a com voracidade.

— Diz pra mim, Mimi... Você se masturbou, pensando em mim, essa semana?

— Uhum.

— Em quais dias?

— Todos.

— De dia ou à noite?

— Os dois.

— Quantas vezes?

— Muitas.

Paula sorriu safada e a beijou.

— E você? Também? — Misa perguntou, acariciando os seios dela.

— Muitas, muitas... era só pensar em você...

— Hmmm... — encostou a mão no sexo da namorada. — Nooossaaaa... Vem cá — Misa a empurrou levemente e Paula abriu passagem.

Misa puxou Paula pela mão, sentou-se na mesma cadeira de onde se levantara havia pouco, e colocou a namorada no colo, de costas para si.

Beijando o pescoço dela, colocou as mãos nos seios, em uma massagem vigorosa, em que apertava a base e segurava os mamilos entre os dedos, alternadamente. Paula gemia.

Desceu a boca, mordendo as costas e arrancou gemidos mais altos e agudos da namorada.

Levou a mão até a vulva, melando os dedos na umidade que estava por toda parte. Apertava e massageava, Paula começou a rebolar de encontro a ela, provocando outra onda de excitação líquida na vulva de Misa. Começou a massagear o clitóris com dois dedos e a rebolar junto com Paula. A outra mão continuava em um seio, apertando, gostando dele.

Mexiam-se depressa, e aceleravam cada vez mais.

Misa sentiu que queria gozar e se esforçou para segurar.

Paula gemia, enlouquecida, que mulher era aquela? Que tesão que lhe dava...

— Mi... sa...

Gemia e rebolava, rebolava e gemia na pulsação alucinada do prazer crescente.

— Mi... vou...

— Va... mos...

Gozaram juntas, os movimentos frenéticos do orgasmo sacudiu-as ao mesmo tempo.

As respirações palpitantes foram acalmando simultaneamente.

Estiveram caladas por um tempo, apenas esperando o fôlego voltar.

— Ai, Paulinha... você é... muito delícia... — beijava sua nuca.

— Eu te amo, Marisa... Muito...

— Não quero mais brigar com você assim, meu amor.

— Então não briga, minha vida.

— Tá.

— A não ser que dure bem menos, tipo algumas horas... porque as pazes sempre são boas.

Misa riu.

— Você é muito safada.

— E você não gosta?

— Adoro! O almoço demora? Quer ajuda?

— Não precisa, obrigada, vida, tá tudo adiantado. Apesar de que eu acho que o prato principal

já foi servido.

Marisa sorriu.

— Safada mesmo — beijou-a. — Vou tomar um banho, tá bom?

— Tá. Quer ajuda? — perguntou levantando-se.

Marisa riu, também se colocou em pé e a beijou.

— Deixa de ser safada e cuida do almoço.

— Tá bom. Vou ver como está o rocambole. Misa foi saindo, Paula apertou de leve a bunda dela e ficou admirando o andar nu.

— Que bunda gostosa, hein...

Misa virou-se e mandou um beijinho para ela, antes de sair de vez da cozinha.

Ao almoço, Misa falou sobre as novidades.

— Raul me procurou hoje. Ele me devolveu o dinheiro.

— Ah é? Que bom! Mas... te ligou ou foi lá?

— Me ligou e pediu pra ir lá. Conversamos civilizadamente... ou quase.

— Por quê?! Ele aprontou outra com você?!

— Não, foi até educado, nem sequer levantou a voz. Mas... foi esquisito, sabe...? A conversa pareceu um pouco... desconexa. Ele não me perdoou por algo que julga que eu fiz. Queria saber se tínhamos ainda alguma chance e disse que não quer ser meu amigo.

— E o que você respondeu?

— Sobre sermos amigos?

— Não. Sobre se ele tinha alguma chance.

Misa sorriu.

— Boba... Que não, é claro. Mas ele acredita que quem mudou fui eu, e não ele. Não é esquisito?

— São prismas diferentes da mesma situação.

— Pois é... Ah, e minha tia me ligou na quinta, pra nos convidar para o niver do meu tio.

— Ah, essa tia. Pensei que fosse sua ex-sogra. Mas... é sério isso?

— Uhum. Pediu desculpas a nós duas pela descortesia com você e nos convidou.

— Caramba... Quem diria... E o que você disse?

— Que da minha parte está ok, mas você é que foi realmente ofendida.

— E você quer ir?

— Não sei.

— Quando é?

— Hoje.

— Mimi, se você quiser ir, por mim, tudo bem, podemos ir.

— Então, você perdoa minha tia?

— Claro que sim, minha vida, é sua tia e a última coisa que quero é ficar entre você e sua família.

— Eu te amo, sabia?

Paula sorriu em resposta.

— Todo mundo já deve saber do convite, né?

— Com certeza todo mundo sabe, minha família costuma ser assim, a fofoca é sempre completa.

— E qual família não é?

— Né? E com certeza, muita gente vai deixar de ir por isso. Outros vão só pra poder fofocar melhor amanhã.

Paula riu.

— Normal.

— Mas eu já te disse, eu não me importo se as pessoas aprovam ou não com quem eu vou me casar. Ficarei feliz se quiserem participar, do contrário, cada um cada um.

— Você não me disse isso, não.

— Disse sim.

— Não, você disse que não se importa se as pessoas aprovam ou não por quem se apaixona, não com quem se casa...

Misa riu.

— É... saiu sem querer.

— Quer dizer que você, sem querer, deixou claro que suas intenções comigo são sérias?

— Seríssimas.

A casa dos tios estava lotada. A festa ocorria no enorme quintal, em cujos fundos havia uma piscina e uma churrasqueira. Um dos tios e uma prima cuidavam do churrasco. O aniversariante e a esposa receberam as duas com naturalidade surpreendente.

— Que bom ver você, minha filha — disse o tio aniversariante. — E que bom conhecer você, Paula.

— Ainda bem que vocês vieram! — falou a tia. — Entrem e se sintam à vontade. Filho, sirva uma bebida, pras meninas! — gritou para um dos filhos e logo foi receber outros convidados.

— Agora somos "as meninas" — Marisa disse ao ouvido da namorada, que riu.

O pai de Misa também ficou feliz que ela estivesse ali e foi bastante simpático com Paula. Já a mãe... essa foi apenas educada.

Paula foi sendo apresentada gradualmente, conforme Misa cumprimentava o povo, ou conforme as pessoas aproximavam-se para cumprimentá-las.

— Acho que vai ser difícil guardar os nomes de todo mundo.

— Uhum. Mas não se engane, nem todo mundo está feliz de verdade em nos ver.

— Não me engano, meu amor. Até porquê há quem deixa isso mais ou menos claro.

A mãe de Raul também cumprimentou as duas e, na verdade, foi bem mais simpática do que se poderia imaginar.

Drica riu ao se aproximar delas.

— Que bom que vieram, primas! Agora, Paulinha, você é oficialmente da família.

As três riram e Drica baixou a voz para falar, a despeito da música alta.

— Raul disse à mãe dele que não viria, assim que ela falou que você confirmou presença.

— Sinto muito por isso, mas é até melhor para ele, enquanto ele não aprender a se controlar — Misa respondeu.

Chegando à casa de Paula, o casal comentava a festa.

— Eu me diverti muito, vida, sua família é ótima.

— Uhum. Foi melhor do que pensei, nunca imaginei que minha ex-sogra fosse falar com a gente de forma tão natural.

— O irmão do Raul foi apenas educado, mas ela foi simpática mesmo.

— Parece que descobrir como a gente se conheceu realmente, e que o ex-marido armou aquela palhaçada com o Raul, mudou alguma coisa nela. Sabe, amor, ela me pareceu mais leve, menos rígida.

— É, você sempre disse que ela era meio... assim...

— Uhum. Ela nunca se recuperou da separação porque sempre amou o marido. Não foi ela que quis separar e, apesar de ela ser financeiramente independente dele, ele continuou tendo certa ascendência sobre a vida dela, o que sempre deixou Raul e o irmão muito chateados.

— Você me disse, ela o ama a ponto de eles ainda serem íntimos, após tantos anos.

— É, por isso ela nunca teve mais ninguém. Ela prefere se contentar com migalhas dele a... refazer a vida. Raul e o irmão ficaram putos quando descobriram isso, foi outro climão. Faz algum tempo, eles quiseram acabar com as visitas esporádicas do pai à casa da mãe deles e não conseguiram. Mas eu disse para o Raul que eles não podiam tomar esse tipo de decisão por ela, que era ela quem deveria decidir como viver a vida dela, mesmo que isso a deixasse mais... amarga. Apesar de que hoje ela estava assim, bem descontraída.

— Fez parte da ala da família que, aparentemente, nos aceitou.

— É. Pena que a minha mãe foi uma das que ficaram de longe...

Paula abraçou-a, sentindo sua tristeza com aquela constatação.

— Provavelmente ela precise de mais tempo, Mimi.

— É. Acho que sim.

Ficaram um tempo abraçadas.

— Eu te amo, minha vida.

— Também te amo, meu amor.

Custaria ainda certo tempo até que a família acostumassem de vez com aquela situação nova,

mas a festa tinha sido um primeiro passo importante.

Misa foi morar em definitivo no apartamento de Paula. Ela e Raul divorciaram-se, o apartamento deles foi vendido.

Demorou algumas festas para Raul começar a aparecer no mesmo ambiente que Misa e Paula. E, quando o fez, ele não falou com o casal; levava, a cada festa, uma mulher diferente e permanecia bem longe da ex.

Foi em uma festa de Réveillon que a mãe dele surpreendeu a todos, aparecendo com um namorado.

— Não creio... — disse uma prima. — Finalmente, a tia se desvencilhou daquele peso! Eu brindo a isso!

— Viu quanta coisa boa saiu do relacionamento de vocês? — Drica perguntou rindo, um pouquinho alta.

Paula riu. Misa molhou a mão na bebida que segurava e espargiu o líquido na prima.

Drica riu, tentando desviar dos respingos.

— Agora, o mais importante, a tia caprichou, escolheu um senhor bem bonitão hein...

— Nisso eu vou concordar com você — respondeu Paula.

Em outra festa, Drica chamou a atenção delas.

— Vocês não vieram na última festa da família, então não sabem, mas o Raul está “repetindo” uma mesma namorada pela segunda vez.

— Ah é? Isso deve ser um bom sinal — disse Paula.

— Espera... eu conheço aquela loira.

— De onde, vida?

— Do The Show.

— Gente, eu também a conheço! — Paulinha declarou.

— Ah, é...? — Misa fitou a namorada.

— É. Ariane... se não me engano.

— Exatamente! Ariane! Vocês já...?

— Uma ou duas vezes, vida.

— Hm. Mundo pequeno...

— Foi com ela que você e Raul tentaram ficar antes de mim?

— Uhum. E eu odiei até o nome dela, nem sei porquê. É um nome bonito.

— Porque ela não era eu, naturalmente.

— Amo sua modéstia, amor. Mas acho que tem razão.

— U - au! Mais um babado para a família se deliciar — Drica disse divertida, acompanhando a conversa.

— Não se ninguém souber, prima.

— Calma, Misa, por mim é que ninguém vai saber de nada.

Mais tarde, quando Paula e Misa estavam sozinhas, Raul aproximou-se delas e as cumprimentou.

Surpresas, elas responderam de forma amigável.

— Podemos conversar? — ele perguntou.

— Uhum.

— Acho que vou pegar mais bebida.

— Não precisa, Paula. É com vocês duas que quero falar — ele esperou que ela se acomodasse novamente. — Demorei a entender que você não me roubou nada, Paulinha, porque ninguém pode roubar um amor. Eu sei que você não me traiu, Misa, porque você me disse isso, e eu sempre pude confiar na sua palavra. Mas, na verdade, isso não é mais importante, o importante é que um dia nós tivemos algo muito bonito e não precisamos nos odiar — Misa ia dizer algo, mas ele continuou. — Só me deixa terminar, por favor. Eu fiquei cego de ciúme, mas também de orgulho ferido. Acho mesmo que sofri mais por orgulho do que por amor — sorriu. — As coisas são como são e... não sabemos mesmo o porquê de nos apaixonarmos por alguém.

Misa sorriu.

— Eu fico feliz que possamos não nos odiar.

— Eu também — Paula completou.

— E... o motivo que te fez enxergar todas essas coisas agora, tem a ver com aquela loira?

Raul sorriu.

— Tem um pouco, sim, Misa. Você se lembra dela?

— Uhum.

— É... Eu voltei a frequentar o The Show e a reencontrei.

— Eu fico feliz, ela tá te fazendo bem.

— Tá, sim. Acho que encontrei exatamente a mulher certa para mim. Esperem. Vou chamá-la.

Ariane foi extremamente simpática, lembrava-se das duas e os quatro engataram uma conversa, que durou alguns minutos e acabou desembocando no The Show.

— Vocês acham que, depois da história de vocês, a família já está preparada para a fase seguinte da vida sexual de Raul? — a loira perguntou bem humorada.

— Que fase? — Marisa perguntou.

Raul limpou a garganta e a namorada dele riu, antes de responder.

— Ele fica nervoso, mas já estou conseguindo convencê-lo da necessidade que tenho de não esconder nosso estilo de vida.

— Ah... essa fase...? — Paula disse divertida.

— Eu desconfio que já estão bem “amaciados”. — Marisa disse.

— Ótimo. Porque é horrível esconder quem somos, eu não me envergonho de ser *swinger*.

— Uhum. Mas a maioria das pessoas esconde, por medo da reação das pessoas, da discriminação mesmo, ser *swinger* ainda é um tabu.

— Tabu sempre me remete à hipocrisia... — Ariane comentou com ar de enfado.

— Exatamente! — Raul concordou e deu um selinho na namorada.

— Bom, eu sou do tipo viva e deixe viver. — Ariane declarou e, antes de se afastar com Raul, ela disse com uma careta. — Precisamos marcar alguma coisa. Não se preocupem, Raul explicou que vocês não curtem *swing*.

Os quatro riram.

— Uhum. Vamos marcar, sim, qualquer hora.

Assim que ficaram a sós, Paula e Misa fitaram-se e sorriram uma para a outra.

— Incrível, amor, nem acredito que estou vendo o velho Raul novamente.

— Acho que ele tá apaixonado, minha vida.

— Fico tão feliz por ele — Misa estava sendo sincera.

Com o tempo, a mãe de Misa acostumou-se ao relacionamento delas e tratava bem a... nora, embora essa palavra tenha demorado para fazer parte do vocabulário dela. O pai de Misa cobrava os netos, enquanto sua esposa apenas olhava de rabo de olho.

— Calma pai, eles virão, eu prometo.

— Por favor, né, meninas, antes que eu fique caquético ou passe dessa para uma melhor.

— Ah que exagero, meu sogro, o senhor ainda é novo.

— Sei, sei...

Após uma viagem de férias, Misa e Paula anunciaram que oficializariam a relação delas.

O Pai de Misa e a mãe de Paula resolveram que precisavam comemorar o noivado e deram um jantar para elas.

— Ai, amor, acho isso tão... exagerado... Você não acha?

— Deixa, vida, eles estão felizes.

— Eu também, na verdade — disse puxando a noiva para si e a beijando.

— E eu então nem se fala!

— Uhum, mas eu pensei que seria apenas algo íntimo, não uma festança.

Paula riu.

— Não temos culpa de nossas famílias serem grandes.

Depois do jantar oferecido às noivas, elas chegaram em casa, beijando-se, Paula praticamente agarrou Misa antes mesmo de fechar a porta. Estavam um pouquinho altas, Paula um pouco mais.

— Hmmm... que fome é essa, hein...?

— Tô com muito tesão, vida... — passava as mãos no corpo dela por cima da roupa, beijando-lhe o pescoço.

— Percebi desde o uber.

Paula riu no pescoço dela.

— Eu não fiz nada.

— Não... só me beijou e ficou... tentando pôr a... mão... aaai... dentro do meu... vestido...

— E você preocupada com o interesse do motorista.

— Fiquei foi com medo... que ele... batesse o... carro... esticando os olhos pra ver a gente daquele jeito.

Paula riu.

— Vem — puxou-a para a sala de jantar e tirou tudo que tinha em cima da mesa.

— O que está fazendo?

Paula sorriu com malícia.

— Preparando a mesa.

— Quer que eu deite aí?

— Uhum.

— Nua?

— De preferência.

Misa sorriu e passou a se despir. Paula fez o mesmo.

Fitavam-se, explorando o corpo uma da outra com os olhos.

— Adoro esse teu corpo lindo, Mimi. Fico louca... louca...

Marisa mordeu os lábios e subiu vagarosamente na mesa. Deitou de costas.

— Assim?

— É... Espera.

Paula foi à cozinha e voltou com um frasco de cobertura de chocolate.

— Ai, amor...

— Que foi? Eu só quero mais sobremesa.

Misa suspirou.

Paula começou a derramar o doce sobre o corpo dela. Braços, colo, barriga, virilha, pernas. Misa arrepiou-se logo ao primeiro contato do chocolate na pele.

Paula lambeu o braço, a perna, o pé, o outro pé... tudo devagar, rodeando a mesa. Marisa respirava forte, acompanhando-a com o olhar.

Paula abriu as pernas de Misa, subiu na mesa e se ajoelhou entre elas. Lambeu o doce do colo, de um seio, do outro, Misa começou a gemer. Gemeu mais forte quando teve o doce do umbigo sugado, e mais ainda quando Paula chegou à virilha e ao sexo.

— Pu... ta... que... paaa... riuuu...

— Que delícia... esse chocolate temperado com... teu mel...

— Pau... la... Pauli... nha... aaaahhh

Excitada, sentindo a própria vulva encharcar-se, Paula chupava com gosto, e continuou até sugar todo o doce, sentindo só o gosto da excitação dela. Foi nesse momento que Misa explodiu em um vigoroso orgasmo em sua boca. Paula então, deitou-se sobre ela, lambuzando-se no corpo

melado. Encaixou-se em uma coxa e começou a se mexer depressa, estava muito excitada e não demorou a gozar também.

— Deus... Paula... Você... consegue...

Depois, após um longo silêncio, Misa chamou.

— Paulinha... dormiu?

— Não, só descansando.

— Ah, bom, porque agora precisamos de um banho.

— Eu sei — fitou-a com um sorriso malicioso. — Por isso, precisamos desse descanso.

Misa riu.

— Você é tão safada.

— Minha noiva gosta, até onde eu sei.

— Gosta não, adora!

Beijaram-se.

— Te amo, meu amor.

— Te amo, minha vida.

A AUTORA

Apaixonada pela escrita, **Areia da Praia** começou a publicar literatura com temática lésbica, a partir de 2016, em um site gratuito.

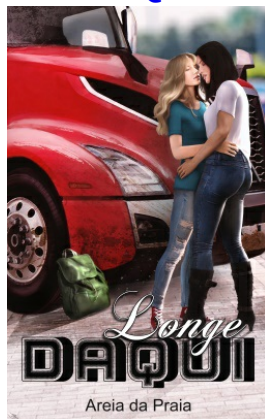
Hoje, ela assina seus livros, na Amazon, como **Lene Ponteal**, mas mantém suas primeiras obras sob o pseudônimo de **Areia da Praia**.

Conheça outros títulos da autora, como [Areia da Praia](#) e como [Lene Ponteal](#).

LIVROS DA AUTORA

Clique nos títulos para acessar

[LONGE DAQUI](#)



[LONGE NÃO EXISTE, REENCONTRE-ME](#)



[MULHER IDEAL](#)



COMPASSOS



SETE MINUTOS



THE RIDERS



A PORTAS FECHADAS

